

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
MESTRADO**

NILSON DE PAULA JUNIOR

**NEGROS/AS NA HIGH SOCIETY MIDIÁTICA: UMA ANÁLISE DA PRESENÇA
DO CLUBE LITERÁRIO E RECREATIVO 13 DE MAIO NO COLUNISMO
SOCIAL E NOTÍCIAS DO DIÁRIO DOS CAMPOS E JORNAL DA MANHÃ
(1970- 1989)**

**PONTA GROSSA
2020**

NILSON DE PAULA JUNIOR

**NEGROS/AS NA HIGH SOCIETY MIDIÁTICA: UMA ANÁLISE DA PRESENÇA
DO CLUBE LITERÁRIO E RECREATIVO 13 DE MAIO NO COLUNISMO
SOCIAL E NOTÍCIAS DO DIÁRIO DOS CAMPOS E JORNAL DA MANHÃ
(1970-1989)**

Dissertação apresentada como requisito de avaliação para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais Aplicadas na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Área de concentração: Cidadania e Políticas Públicas. Linhas de Pesquisa: Estado, Direitos e Políticas Públicas .

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alexandre Gonçalves Cunha

**PONTA GROSSA
2020**

P324 Paula Junior, Nilson de
Negros/as na High Society Midiática: uma análise da presença do Clube Literário e Recreativo 13 de Maio no colonismo social e notícias do Diário dos Campos e Jornal da Manhã (1970-1989) / Nilson de Paula Junior. Ponta Grossa, 2020.
182 f.

Dissertação (Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais Aplicadas - Área de Concentração: Cidadania e Políticas Públicas), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alexandre Gonçalves Cunha.

1. Negros ponta-grossenses. 2. Clube 13 de maio. 3. Diário dos campos. 4. Jornal da manhã. 5. Empoderamento negro. I. Cunha, Luiz Alexandre Gonçalves. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cidadania e Políticas Públicas. III.T.

CDD: 320.56

TERMO DE APROVAÇÃO

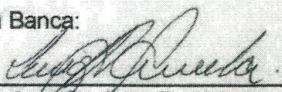
NILSON DE PAULA JUNIOR

“NEGROS/AS NA HIGH SOCIETY MUDIÁTICA: UMA ANÁLISE DA PRESENÇA DO CLUBE LITERÁRIO E RECREATIVO 13 DE MAIO NO COLUNISMO SOCIAL E NOTÍCIAS DO DIÁRIO DOS CAMPOS E JORNAL DA MANHÃ DE PONTA GROSSA/PR (1970 A 1989)”.

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Ponta Grossa, 16 de julho de 2020.

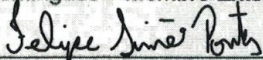
Assinatura pelos Membros da Banca:



Prof. Dr. Luiz Alexandre Gonçalves Cunha – Presidente – UEPG - PR



Prof. Dr. Petronio José Domingues – Membro Externo – UFS - SE



Prof. Dr. Felipe Simão Pontes – Membro Interno – UEPG - Pr

Prof. Dr. Mário Augusto Medeiros da Silva – Suplente Externo – UNICAMP -SP

Prof.ª Dr.ª. Danuta Estrufika Cantóia Luiz – Suplente Interno – UEPG - PR

À minha mãe (Suzete de Lourdes Moreira) que sentiu o gosto amargo do racismo.

In memoriam ao meu avô (Evaldo Moreira) que me transmitiu o conhecimento da luta da nossa família negra.

A TODOS E TODAS QUE FORMARAM E EMBALARAM A RESISTÊNCIA CULTURAL DO CLUBE LITERÁRIO E RECREATIVO 13 DE MAIO, DE PONTA GROSSA/PR.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus ou uma força maior que através da minha fé, esteve ao meu lado e se tornou minha inspiração e foco para concretizar este sonho.

Agradeço à minha mãe, Suzete de Lourdes Moreira, por ser a mulher incrível que é e me auxiliar em tudo o que preciso. Sou feliz por tê-la não somente como mãe, mas como orientadora durante toda a minha vida. E por me dar uma ótima educação e fazer seres humanos (eu e meu irmão Silvio de Paula Neto) dotados de empatia e compreensão pelo próximo.

Agradeço ao Suélio Camilo Ribeiro, meu namorado, por estar presente nessa trajetória, e por me apoiar, escutar, conversar e ser companheiro em momentos difíceis durante a elaboração desta pesquisa

Agradeço aos meus amigos que o mestrado me presenteou, Rafaelly Nascimento, Juliana Kawanishi, João Vitor L. Chornobai, Priscila Stasiak e Marli de Freitas Mendes por serem companheiros nos últimos dois anos e transformarem a densidade do mestrado (matérias, trabalhos e artigos) em momentos felizes e de esperança ao ver que o mundo ainda tem pessoas iluminadas para nos tirar dos momentos escuros em que vivemos

Agradeço aos meus amigos Bruna Fernandes Machado, Daniel Schneider e Alexandre Douvan que me ajudaram e estiveram ao meu lado quando precisei nesses últimos anos e por serem muito mais que amigos, irmãos que levarei por toda a vida.

Agradeço ao professor Dr. Prof. Dr. Luiz Alexandre Gonçalves Cunha, por acreditar e orientar meu trabalho. Agradeço por escolher-me como orientando e me dar a chance de ingressar no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas e depositar confiança no potencial do meu trabalho e tema escolhido para esta dissertação.

Agradeço aos professores Dra. Augusta Pelinski Raiher, Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Júnior, Dra. Danuta Estrufika Cantóia Luiz, Dra. Édina Schimanski, Dr. Fabrício Bittencourt da Cruz, Dra. Jussara Ayres Bourguignon, Dra. Lenir

Aparecida Mainardes da Silva, Dra. Lúcia Cortes da Costa, Dr. Nei Alberto Salles Filho, Dr. Luiz Alexandre Gonçalves Cunha, Dra. Reidy Rolim de Moura e Dra. Silmara Carneiro e Silva pelos ensinamentos nas disciplinas e por mostrarem que sempre temos uma caverna de Platão para sairmos, já que existem mundos diferentes pra descobrirmos ao longo da vida.

Agradeço ao Professor Dr. Felipe Simão Pontes da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) pela disponibilidade e a paciência em me orientar no estágio docência e ser banca de qualificação e de exame final deste trabalho, e contribuir com muitos apontamentos relevantes.

Agradeço ao Professor Dr. Petrônio Domingues da Universidade Federal de Sergipe (UFS) pela disponibilidade e paciência em avaliar este trabalho e contribuir com apontamentos relevantes durante o processo de qualificação.

Agradeço ao curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) por ceder espaço para meu estágio docência.

Agradeço aos funcionários da Casa da Memória Paraná pela paciência, simpatia e organização do ambiente de pesquisa.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) por me darem a oportunidade, respaldo e orientação para desenvolver esta pesquisa.

Agradeço a CAPES pela bolsa de incentivo que proporcionou a minha dedicação exclusiva à pesquisa.

Negro é uma cor de
respeito Negro é
inspiração
Negro é silêncio,
é luto negro
é...a solidão

Negro que já foi
escravo

Negro é a voz da
verdade Negro é
destino é amor

Negro também é
saudade.. (um sorriso
negro !)

Música eternizada na
entoada voz de Dona
Ivone Lara. Composição:
Adilson Barbado / Jair /
Jorge Portela.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo realizar uma complexificação e, também, um debate sobre a relação do negro e da negra que são frequentadores do Clube Literário e Recreativo 13 de Maio de Ponta Grossa com a mídia local, no caso os jornais impressos Diário dos Campos e Jornal da Manhã. A pesquisa leva em consideração as décadas de 1970 e 1980, época em que os clubes sociais de Ponta Grossa realizavam bailes, eventos sociais e concursos de beleza (exemplo o concurso Rainha da Soja). Logo, o intuito da pesquisa é ver como a mídia tratou o clube negro nesta determinada conjuntura. Levou-se em consideração também a data 13 de Maio, que é o aniversário de fundação do clube negro e uma data em que ocorriam bailes em alusão a data da Abolição da escravidão. Para entender um pouco da relação do clube negro com a sociedade local, é que se optou em fazer uma análise, ancorada na metodologia Análise de Conteúdo, nos jornais locais. Assim, a pesquisa no Capítulo 1 apresenta a relação negros e a mídia brasileira. No capítulo 2 traz os movimentos de contrapartida, as iniciativas de empoderamento, como os Clubes, em especial o Clube 13 de Maio de Ponta Grossa. E o capítulo 3 apresenta a relação do Clube 13 de Maio com os Jornais Diário dos Campos e Jornal da Manhã, como também de que maneira esses impressos tratavam a figura do negro e da negra. Os três capítulos tentam mostrar a construção da complexa relação entre mídia e a população negra com seus movimentos de resistência.

Palavras-chave: Negros ponta-grossenses; Clube 13 de Maio; Jornal Diário dos Campos; Jornal da Manhã; Empoderamento negro

ABSTRACT

This work aims to carry out a complexification and, also, a debate about the relationship between the black men and women who frequent Clube Literário e Recreativo 13 de Maio in Ponta Grossa with the local media, in this case the printed newspapers Diário dos Campos and Jornal da Manhã. The research takes into account the 1970s and 1980s, a time when Ponta Grossa social clubs held dances, social events and beauty contests (for example the Rainha da Soja contest). Therefore, the purpose of the research is to see how the media treated the black club in this particular situation. The date of May 13, which is the anniversary of the founding of the black club, and a date on which dances took place in reference to the date of the abolition of slavery, were also taken into account. To understand a little about the relationship of the black club with the local society, it was decided to make an analysis, anchored in the Content Analysis methodology, in the local newspapers. Thus, the research in Chapter 1 presents the relationship between blacks and the Brazilian media. Chapter 2 presents counterpart movements, empowerment initiatives, such as Clubs, especially Clube 13 de Maio de Ponta Grossa. And chapter 3 presents the relationship between Clube 13 de Maio and Jonais Diário dos Campos and Jornal da Manhã, as well as how these forms dealt with the figure of blacks and blacks. The three chapters try to show the construction of the complex relationship between the media and the black population with their resistance movements.

Keywords: Black Ponta-grossenses; Clube 13 de Maio; ex-blackheads; Diário dos Campos newspaper; Jornal da Manhã; Black empowerment.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

| | | |
|---------------|---|-----|
| Fotografia 1 | Anúncios de fugas e de compras de negros escravos..... | 36 |
| Fotografia 2 | Jornal Diário dos Campos, 13 de maio de 1970. Reportagem sobre festa do Clube 13..... | 47 |
| Fotografia 3 | Ofício da cópia do compromisso da Irmandade do Rosário-1858..... | 52 |
| Fotografia 4 | Sede de madeira do Clube 13 de Maio em 1921..... | 86 |
| Fotografia 5 | Construção da Sede atual do Clube 13 de Maio em 1936..... | 86 |
| Fotografia 6 | Clube nos dias atuais, segundo as redes sociais da entidade..... | 87 |
| Fotografia 7 | Coquetel em 1984 - Diretores do 13 de maio..... | 88 |
| Fotografia 8 | Concurso de beleza do Clube Literário e Recreativo 13 de Maio..... | 89 |
| Fotografia 9 | Estatuto do Clube Recreativo 13 de Maio (década de 1930)..... | 90 |
| Fotografia 10 | Estatuto do Clube Recreativo 13 de Maio- Ano:1975..... | 91 |
| Fotografia 11 | Três tipos de colunismo social. Diário dos Campos, ano 1972..... | 96 |
| Fotografia 12 | Coluna Zona Franca e o uso da palavra negro como adjetivo negativo | 116 |
| Fotografia 13 | Foto e legenda que coloca uma negra como objeto sexual na coluna Zona Franca..... | 117 |
| Fotografia 14 | 2ª exemplo de foto e legenda que coloca uma negra como objeto sexual na coluna Zona Franca..... | 118 |
| Fotografia 15 | 3ª exemplo de foto e legenda que coloca uma negra como objeto sexual na coluna Zona Franca..... | 118 |
| Fotografia 16 | 4ª exemplo de foto e legenda que coloca uma negra como objeto sexual na coluna Zona Franca..... | 118 |
| Fotografia 17 | Notícia sobre negra expulsa de uma boate..... | 134 |
| Fotografia 18 | Negra em chamada do Rainha Soja Paraná- Jornal da Manhã..... | 135 |
| Fotografia 19 | Negras em desfiles de misses de vários clubes pontagrossenses..... | 136 |
| Fotografia 20 | Convite de baile de 1987 do Clube 13 de Maio | 138 |
| Fotografia 21 | Convite 13 de Maio- Coluna Destaques Álvaro Andrade.... | 139 |
| Fotografia 22 | 13 de maio pautado na coluna do Clube Pontagrossense..... | 141 |
| Fotografia 23 | Notícia do Clube 13 de Maio de 1971..... | 142 |
| Fotografia 24 | Especial sobre o Clube 13 no jornal JM em 1988..... | 144 |

| | | |
|---------------|---|-----|
| Fotografia 25 | Álvaro Andrade em confraternização no Clube 13 de Maio..... | 154 |
| Fotografia 26 | Foto da coluna do Clube Pontagrossense- Diretoria da entidade..... | 155 |
| Fotografia 27 | Coluna Leo Sociedade em evento no Clube Pontagrossense em 1983..... | 156 |
| Fotografia 28 | Colunas sociais particulares dos clubes sociais..... | 164 |
| Fotografia 29 | Foto de Alcides Gonçalves que tinha sido reeleito pra comandar o 13 por dois anos, em 1980..... | 165 |
| Fotografia 30 | Retratção do Clube de elite e o Clube negro | 166 |

LISTA DE QUADROS

| | | |
|----------|--|-----|
| Quadro 1 | Teses/Dissertações sobre clubes negros paranaenses..... | 22 |
| Quadro 2 | Clubes Recreativos negros do Paraná..... | 23 |
| Quadro 3 | Esquema de como será realizada a pesquisa..... | 99 |
| Quadro 4 | Indicadores sobre a presença do negro no Jornal Diário dos Campos..... | 106 |
| Quadro 5 | Indicadores sobre a presença do negro no Jornal da Manhã..... | 124 |
| Quadro 6 | Texto Jornal da Manhã sobre o Clube 13 de Maio..... | 145 |
| Quadro 7 | Colunas sociais dos Jornais Diário dos Campos e Jornal da Manhã e aparição dos clubes..... | 151 |
| Quadro 8 | Jornais analisados e suas respectivas datas analisadas na pesquisa..... | 182 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | | |
|-----------|---|-----|
| Gráfico 1 | Gráfico 1- Retratações sobre negros no Diário dos Campos..... | 105 |
| Gráfico 2 | Retratações sobre negros no Jornal da Manhã..... | 123 |
| Gráfico 3 | Evolução das partições do Clube 13 e demais clubes de Ponta Grossa e de outras cidades no Colunismo social do DC..... | 158 |
| Gráfico 4 | Clubes de Ponta Grossa no Colunismo social do DC..... | 160 |
| Gráfico 5 | Evolução das partições do Clube 13 e demais clubes de Ponta Grossa e de outras cidades no Colunismo social do JM..... | 161 |
| Gráfico 6 | Clubes de Ponta Grossa no Colunismo social do JM..... | 162 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DC- Diário dos Campos

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

JM- Jornal da Manhã

MG- Minas Gerais

PR- Paraná

SC – Sociedade Civil

SP – Sociedade Política

UEPG- Universidade Estadual de Ponta Grossa.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO | 15 |
| CAPÍTULO 1 AFRO NA IMPRENSA: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E SOCIAIS | 25 |
| 1.1 NEGROS/AS ESCRAVIZADOS/AS AOS OLHOS DA MÍDIA..... | 34 |
| 1.1.1 <i>O Jornalismo e a verbalização da sociedade escravocrata</i> | 38 |
| 1.2 A MÍDIA COMO ESTRATÉGIA DE EMPODERAMENTO AFRO..... | 41 |
| 1.2.1 <i>O movimento associativo social negro e a mídia</i> | 44 |
| CAPÍTULO 2 O ASSOCIATIVISMO NEGRO, OS RESQUÍCIOS DA ESCRAVIDÃO E AS MOBILIZAÇÕES CONTRA O PRECONCEITO | 49 |
| 2.1 O SÉCULO XIX, A PERSEGUIÇÃO E OS PSEUDO-DIREITOS PARA NEGROS E NEGRAS..... | 53 |
| 2.1.1 <i>A estigmatização e a criação da figura “inferior” do negro e da negra no Brasil e no Mundo</i> | 58 |
| 2.2 O COMBATE INTELECTUAL E POLÍTICO EM RELAÇÃO CONTRA A ESCRAVIDÃO E O RACISMO..... | 77 |
| 2.3 O MOVIMENTO NEGRO E OS CLUBES: O CLUBE LITERÁRIO E RECREATIVO 13 DE MAIO DE PONTA GROSSA/ PR..... | 83 |
| CAPÍTULO 3 A RELAÇÃO DO CLUBE LITERÁRIO E RECREATIVO 13 DE MAIO COM A IMPRENSA PONTA-GROSSENSE – DIÁRIO DOS CAMPOS E JORNAL DA MANHÃ | 93 |
| 3.1 <i>O CORPUS DA PESQUISA E OS PERCURSOS METODOLÓGICOS</i> | 97 |
| 3.2 DIÁRIO DOS CAMPOS E O NEGRO EM SUAS PÁGINAS NOS DIAS 11,12,13 E 14 DE MAIO DE 1970 A 1989..... | 106 |
| 3.3 JORNAL DA MANHÃ E O NEGRO EM SUAS PÁGINAS NOS DIAS 11, 12, 13 E 14 DE MAIO DE 1970 A 1989..... | 122 |
| 3.4 A CARA, O NOME E AS ESTRATÉGIAS DE PRESENÇA DO CLUBE LITERÁRIO E RECREATIVO 13 DE MAIO NOS JORNAIS DIÁRIO DOS CAMPOS E JORNAL DA MANHÃ..... | 136 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 167 |
| REFERÊNCIAS | 172 |
| APÊNDICE A- QUADRO COM NOME DOS JORNAIS E SUAS DATAS ANALISADAS | 181 |

INTRODUÇÃO

A relação de afro-brasileiros/as com a mídia brasileira demonstra diferentes e inúmeras peculiaridades, seja durante o passado, como também na atualidade. Porém, essas características flutuam sob dois aspectos, os negros e as negras como figuras marginalizadas e/ou objetificadas, como também meio de se dar voz e empoderar a população de melanina forte que descende de escravos ou foi escravizada no Brasil, como também em vários países do mundo.

Atualmente, essa relação continua a mesma, está ancorada nesses dois vieses, a primeira caracterizada por uma mídia que marginaliza o negro e a negra, como também hiper- sexualiza seus corpos. E a segunda seria a mídia que é gerida e voltada para a população negra, a fim de prestarem serviços para a sua classe e informá-la, como também mobilizá-la.

E, ainda, rotineiramente os noticiários brasileiros divulgam alguns textos como “Corpo de jovem morto após receber 'gravata' de segurança é enterrado no Rio”; “Homens do exército disparam cerca de 80 tiros contra carro e matam músico”; “Morre adolescente baleado na Maré, e moradores protestam e incendiam ônibus”; e “Menina de 8 anos morre baleada no Complexo do Alemão”; que ao termos o primeiro contato, não percebemos que todos esses casos têm, como origem, o mesmo problema que se arrasta ao longos dos anos na sociedade brasileira, a violência contra pessoas negras.

Existem tantas notícias de corpos negros no chão que se tornou naturalizada aos olhos da sociedade brasileira. Corpos de negros, principalmente pobres, demonstram como é grande a violência em comunidades humildes e/ou favelas. Essas mortes não demonstram somente a marginalização do negro e da negra da favela, já que a maioria destes casos tem este cenário, mas escancaram a forte violência que permeia a vida de brasileiros pobres e de classe média baixa, que por falta de oportunidades ao longo da trajetória deste país, são em sua maioria descendentes dos escravos – a população afro-brasileira.

Segundo dados do Ipea (2019), no Atlas da Violência, cerca de 75,5% das vítimas de homicídio no Brasil em 2017 eram negras, e esse índice cresceu 33,1% de 2007 a 2017. E os homicídios citados no início deste texto não estão nos dados. Sem esquecer também, que mulheres negras são vítimas de um alto índice de

assassinatos, que de 2007 a 2017 cresceu 29,9%.

Mesmo que os dados mostrem que a violência contra a população afro-brasileira cresceu nos últimos anos, não aparecem nos títulos de textos citados anteriormente, por exemplo. No dia a dia no Brasil não temos carros de pessoas brancas levando 80 tiros, ou crianças brancas de bairros nobres mortas por tiros das armas do Estado. E o fato de serem pessoas negras que perdem a vida não aparece em indagações na grande imprensa. Mesmo as favelas do Rio de Janeiro serem em sua grande parcela formadas por negros e negras, o que é interessante ser observado é que em bairros da elite não acontecem tais ocorrências, comparação que também não é indagada pela imprensa ao poder público.

Em contrapartida, movimentos negros criam suas próprias mídias para indagar a perseguição à vida negra, como também o racismo velado e evidente em inúmeras ocorrências pelo país. Pois a comunicação, personificada na figura do Jornalismo, é uma das armas contra o preconceito racial. Prevista no Código de ética do jornalista brasileiro, a defesa das minorias sociais (onde se encaixa a população negra) é feita por meio da veiculação de informação, a cobrança dos direitos em relação ao Estado e a fiscalização e denúncias de perseguições a pessoas vulneráveis.

Essa comunicação do movimento negro cresce de maneira tímida, assim como alguns movimentos isolados, para que negros e negras tenham representatividade e voz em um contexto que, como já foi visto, é de perseguição e até mesmo morte daqueles que tem traços fenotípicos afro.

Esse crescimento na atualidade é expresso em sites e portais de notícias voltados para a causa negra no país. E ao longo da história da imprensa, os antecessores dessa população mostraram que podiam, em contextos até precários, como nas primeiras décadas do pós-abolição, criar meios de comunicação para se informarem e através da informação ganhar conhecimento, voz e poder. Exemplo, os jornais murais em 1798, mais bem abordado no capítulo 1, ao trazer Pinto (2006), como também casos da 'revista da mocidade negra', trazidos à baila por Florestan Fernandes (1978), também melhor abordado a seguir.

A imprensa de mobilização da população escrava, ou liberta, sempre contrastou com a grande imprensa que reproduzia ideologias escravagistas como

fetichização, coisificação e marginalização da figura do homem negro e da mulher negra. Como, por exemplo, casos que este estudo citou e recuperou do livro “Retrato em branco e negro – jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX”, de Lilia Moritz Schwarcz, que cita um caso de um negro bem vestido que foi acusado de roubo. Essa ideologia ainda se repetem em alguns setores da sociedade, como já citado o caso do adolescente que foi morto por um segurança do supermercado Extra, no Rio de Janeiro.

Atualmente existe também esse contraste forte entre a mídia negra cobrando direitos, e a mídia que reproduz preconceitos ou discursos que colocam a população negra como objeto. Um exemplo é a indústria cultural midiática, que muitas vezes colocam negros em papéis inferiores nas telenovelas, exploram os corpos das mulheres negras e ainda não dão oportunidades para a população negra. Exemplos como este são citados pela pesquisadora Djamila Ribeiro (2018), na sua obra “Quem tem medo do feminismo negro?”, na qual cobra que as mulheres negras nunca são mocinhas ou vilãs nas novelas, sempre em papéis como empregadas, ela compara grandes atrizes como Zezé Motta, Ruth de Souza com Fernanda Montenegro (as duas primeiras negras e a terceira branca) que são excepcionais como atrizes, mas não tiveram a mesma oportunidade:

Não somos protagonistas das novelas, não somos mocinhas nem vilãs, no máximo as empregadas que servem de mera ambientação, adereço (inclusive passível de abuso) para a história do núcleo familiar branco. Basta lembrar o último papel da grande atriz Zezé Motta na emissora, como a empregada Sebastiana em Boogie Oogie. Algumas atrizes como Taís Araújo e Camila Pitanga se destacam, mas não podemos ignorar que é por serem jovens e terem a pele mais clara. Mulheres como Ruth de Souza são esquecidas num meio que valoriza grandes nomes como Fernanda Montenegro. Isso não tem nada a ver com talento (tanto a primeira como a segunda têm versatilidade e técnica de sobra), mas sim com a cor da pele de cada uma e as oportunidades que lhes são dadas.

Qual será o destino das atuais atrizes negras brasileiras? Ou das meninas negras que sonham estudar teatro e cinema? Há lugar para elas? Se há, que lugar é esse?

Talvez o mesmo das atrizes negras mais velhas e Globelezas: o descarte e o esquecimento quando seus corpos não servirem mais. A verdade nua e crua é que a Globeleza atualmente só reforça um lugar fatalista, engessado, preestabelecido, numa sociedade brasileira racista e machista. Esse lugar fixo precisa ser rompido, começando com o fim desse símbolo. (RIBEIRO, 2018, p.141-142)

Djamila Ribeiro ainda traz em sua obra que as negras não aceitarão mais ter seu “corpo narrado segundo o ponto de vista do eurocentrismo estético, ético, cultural, pedagógico, histórico e religioso. Não aceitaremos mais os grilhões da mídia sobre nosso corpo!” (RIBEIRO, 2018, p.142). Essa mídia que reproduz esse eurocentrismo como padrões de estética, pode ter sua origem em sinais marcantes que não são somente a escravidão, mas também os discursos da religião, das ciências racistas que repercutiram nas conversas e na mente da sociedade pós-abolicionista.

Por exemplo, no discurso da religião que por meio do ideal monogenista acreditava que os humanos tinham somente uma origem, pois estudiosos da teologia “afirmavam que os africanos descendiam de Cam, filho de Noé amaldiçoado por seu pai, que disse que seus filhos seriam escravos” (HARARI, 2018, p.148). Como, por exemplo, também alguns discursos científicos que por anos defenderam uma superioridade branca, um determinismo através de traços fenotípicos e demais físicos. “Médicos afirmavam que os negros viviam na sujeira e disseminavam doenças- em outras palavras, eram fonte de contaminação” (HARARI, 2018, p.148).

Em meio a esses discursos, o da religião que deu embasamento a escravidão, e o da ciência que perpetuou até mesmo na era pós-abolicionista, foram narrativas responsáveis pela legitimação de milhares de mortos. Mortos da escravidão, mortos do nazismo, mortos da perseguição da Ku Klux Klan e mortos pelo estigma social por ser marginalizado ao ter a pele negra.

Esses processos estavam marcados pelas narrativas verbalizadas (da religião e da ciência) presentes nas relações da sociedade, já que a pessoa e suas “concepções de realidade são constituídas nas relações interpessoais. Essas inter-relações são mediadas por crenças, padrões, práticas e normas de toda uma sociedade” (FERREIRA, 2004, p.44).

Porém, existiam movimentos e ideologias que combatiam no campo ideológico concepções intolerantes como o Racismo. Como, por exemplo, a já citada mídia negra, como também os movimentos de resistência negra no país nas décadas depois da abolição, como o movimento negro de 1930 e o da década de 1970 que são os mais fortes da história da sociedade brasileira e, ainda, clubes e entidades associativas compostas por e para negros e negras.

Desde os primeiros anos pós-abolição, e ao longo do século XX, surgem e se solidificam clubes e entidades em todo o país, com o objetivo de reintegrar os ex-cativos/as e seus descendentes, numa sociedade onde o preconceito racial era forte. “Os [...] mais antigos do País em atividade são do século XIX. A estimativa atual é que existam mais de cem clubes, principalmente nos estados das regiões Sul e Sudeste” (GELEDÉS, 2014).

Um destes clubes é o objeto desta pesquisa. Trata-se do Clube Literário e Recreativo 13 de Maio de Ponta Grossa. Tem-se como eixo central da investigação o clube, e a relação dele com a mídia local, partindo-se de uma pergunta norteadora: “Qual é a relação do Clube 13 de Maio com a mídia local na semana da Abolição da Escravatura?”

A pesquisa teve como objetivo geral compreender quais foram as atividades e iniciativas empregadas pelo Clube 13 de Maio, nas décadas 1970 e 1980, e de que maneira essas atividades do Clube era retratadas na mídia PontaGrossa na semana que remete a data comemorativa da Abolição da escravatura e, também, aniversário de fundação do clube negro.

O Clube 13 de Maio nasceu no dia 13 de Maio de 1890, “como uma sociedade literária, que segundo o seu estatuto [...] prezava pelas práticas de leitura de seus frequentadores que eram predominantemente negros” (SANTOS, 2016, p.17), mas acabou, na prática, sendo uma entidade que realizava um acolhimento do negro e da negra ponta-grossense e proporcionava lazer, como a realização de bailes sociais, concursos de beleza negra feminina e masculina, entre outras atividades (SANTOS, 2016).

Para contribuir com as pesquisas sobre a entidade negra ponta-grossense, buscou-se abordar a relação do Clube com a mídia local nos anos 1970 a 1980. Escolheu-se esse recorte temporal por demarcar os anos de ouro da cultura de clubes na cidade, bailes e concursos de beleza, como por exemplo carnavais e festividades como Rainha da Soja. O citado baile Rainha da Soja, que teve a primeira edição em 1971 (CANÇADO, 2007), era um concurso de beleza de mulheres que representavam diferentes setores da cidade e da região. O evento surge da influência de três características da conjuntura da época, a era de ouro dos bailes de clube, a economia da soja e a ditadura militar, e tinham espaço garantido nos jornais locais, principalmente nas colunas sociais.

Destacando as principais “qualidades” das jovens mulheres envolvidas no concurso Rainha da Soja, jornalistas e colunistas sociais publicaram notas minuciosas nos jornais ponta-grossenses durante a década de 1970. Enfatizando as atuações sociais e intelectuais das candidatas, as notas inspiraram leitores a acompanhar as etapas que elegeram jovens cuja principal função era representar a soja, sua produtividade e potencialidade econômica [...] A estratégica localização de Ponta Grossa correspondia aos discursos dos governos militares no que se refere às propostas desenvolvimento econômico (CANÇADO, 2007, p.124- 125).

Os bailes ocorriam “no salão de bailes do Clube Pontagrossense, considerado, naquele período, o mais tradicional da cidade” (CANÇADO, 2007, p.124) e era comum os clubes sociais terem representantes no concurso Rainha da Soja, mostrando a força da cultura de clube social em Ponta Grossa, onde se encaixa o Clube 13 de maio.

Outro motivo para a escolha deste recorte temporal, era uma conjuntura onde se tinha a efervescência dos movimentos negros no Brasil e no mundo, como a terceira fase do Movimento Negro brasileiro, como definiu Domingues (2007), e movimentos internacionais como o Partido Pantera Negra, que se popularizou no final da década de 1960 e foi extinto no início dos anos 1980.

O movimento se espalhou pelos EUA chegou ao seu período de maior popularidade no final da década de 1960, quando chegou a ter 2 mil membros e escritórios nas principais cidades do país. Mas logo as brigas com a polícia levaram a tiroteios em Nova York e Chicago, e entre 1966 e 1970 pelo menos 15 policiais e 34 ‘panteras’ morreram em conflitos urbanos. (NAVARRO, 2011).

Para entender a relação do Clube 13 de Maio com a mídia recorreu-se a uma metodologia que pudesse identificar as pautas que abordassem o Clube 13 de Maio, e mostrar qual a diferença em relação aos outros clubes quando ganhavam as páginas dos jornais nas datas alusivas a abolição da escravatura e aniversário de fundação do Clube 13 de Maio. A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo, realizando uma pré-análise por meio de uma leitura flutuante, para ver a relação do 13 com os Jornais Diário dos Campos e Jornal da Manhã, que eram os principais impressos da época.

Na sequência, realizou-se uma exploração do material, para indentificar e descrever essa relação. No caso seriam os jornais Diário dos Campos e Jornal da Manhã. O primeiro, fundado em 01/01/1913 (BUCHOLDZ,2007), e o segundo

começa a circular em 04/07/1954. O *Jornal da Manhã* e o *Diário dos Campos* são dois diários com edições de terça-feira a domingo. (KALIBERDA 2015, p.13).

As décadas de 1970 e 1980 foram décadas importantes na trajetória do DC. Ao longo de 1970 o jornal vive o reflexo de uma década anterior conturbada em que passou, pois é quando o impresso muda de dono, e além dessa mudança o DC tinha uma relação intrínseca com a política local. Juca Hoffman, um político influente da época e candidato a prefeito, comandava o impresso. “Apesar de utilizar o jornal como um importante instrumento para dar publicidade às suas ações, a campanha à prefeitura feita por Juca Hoffmann praticamente não tinha financiamento” (BUCHOLDZ, 2007, p. 109).

Porém, devido a crise pela qual o jornal passava, Hoffman vende-o em 7 de março de 1963 para o grupo que apoiava seu adversário para o comando da Prefeitura de Ponta Grossa, no caso o grupo Slavieiro, que apoiava a campanha de Vicente Frare. E é até o final da década de 1980 e início dos anos 1990, que o grupo dirigiu o jornal, pois o impresso já demonstrava dificuldades em ser mantido. Então surge o intuito de “fechamento do Diário dos Campos já vinha sendo cogitada havia anos” (BUCHOLDZ, 2007, p. 145), e assim o jornal é fechado pelo grupo Slavieiro em setembro de 1990, pois “o grupo tinha empreendimentos mais lucrativos que o jornal, e para tornar o Diário dos Campos atraente, era necessário investir pesado no processo industrial” (BUCHOLDZ, 2007, p. 109).

Mas a crise devido ao modo artesanal de produção, não impedia que o DC veiculasse o impresso, por exemplo “nos anos 1980 em formato standard com 16 páginas, formado por dois cadernos, para em 1984 fixar-se em oito páginas.” (BRONOSKY; RATTI, 2017, p.05). Com notícias de vários temas, o jornal respeitava a “tendência da última página do primeiro caderno ser voltada para matérias esportivas e, do segundo caderno, para assuntos policiais, mas as demais páginas eram dispostas de forma aleatória.” (BRONOSKY; RATTI, 2017, p.05)

Já o *Jornal da Manhã*, teve como seu primeiro dono o político Petrônio Fernal e depois pertenceu a outros políticos como Sadi de Brito; Horácio Vargas e João Vargas de Oliveira; e ainda um grupo empresarial formado por Constâncio Mendes, Wallace Pina e Gustavo Horst. (ROCHA; OLIVEIRA; KUHL, 2013). O impresso em 1980 tem como “principal marca [...] o tamanho, tabloide, e a capa pôster, inspirada

no Jornal da Tarde durante a década de 1970” (BRONOSKY; RATTI, 2017, p.06). E “o JM possuía entre 24 e 40 páginas, com editorias definidas [...] Entre as editorias haviam conteúdos locais, nacionais e internacionais, entre economia, política, polícia e esportes” (BRONOSKY; RATTI, 2017, p.06).

Já num terceiro momento, elencou-se os resultados, quando se identificou a inferência e a interpretação sobre o Clube e a pessoa negra em ambos os jornais. A análise de conteúdo (utilizada nesta pesquisa) é uma metodologia desenvolvida por Bardin (1977), que tem técnicas e instrumentos que permitem que se apliquem à mídia.

Após a metodologia, a pesquisa utilizou-se da técnica *estado da arte* para identificar trabalhos que falassem sobre clubes negros, e a relação destes com a sociedade, com intuito de contemplar o nível do diálogo entre os clubes negros e a imprensa. Foi realizado um levantamento sobre os clubes sociais negros na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, conseguindo-se quarenta e dois resultados. A análise demonstrou que onze são sobre os clubes de sociabilidade negra, sendo um trabalho sobre o conjunto de clubes negros de Juiz de Fora/MG, oito trabalhos sobre Clubes do Rio Grande do Sul (cidades como Bagé, Caxias do Sul, Encruzilhada do Sul, Jaguarão, Pelotas, Porto Alegre e Vale do Rio dos Sinos) e dois do Paraná, em Londrina e Ponta Grossa, como pode ser visto No quadro:

Quadro 1- Teses/Dissertações sobre clubes negros paranaenses

| Tese/ Dissertação | Autor/a | Ano | Universidade | Nome do clube | Cidade do clube |
|--|----------------------------|------------|---------------------------------------|---|------------------------|
| O Clube negro de Londrina: uma experiência contraditória | Larissa Mattos Diniz | 2015 | Universidade Estadual de Londrina | Clube Negro de Londrina. | Londrina /PR |
| Quem tem medo da palavra negro?” Morenos, Misturados, Mestiços, Cafusos, Mulatos, Escuros, Preto Social, participantes do Clube 13 de Maio- Ponta Grossa (PR). | Merylin Ricieli dos Santos | 2016 | Universidade Estadual de Ponta Grossa | Clube Recreativo e Literário 13 de Maio | Ponta Grossa/PR |

Fonte: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e dissertações.

Nota: Informações organizadas pelo autor

O trabalho sobre o Clube 13 de Maio, de Merylin Ricieli dos Santos, comprova que a pesquisadora fez uma pesquisa engajada, já que no início da obra a pesquisadora justifica que é de suma importância pessoal trabalhar com tal tema,

pois além de ser minoria, mulher e negra, foi participante e frequentadora do Clube 13.

A dissertação desta pesquisadora parte do pressuposto de que a entidade negra sofrerá “pré-conceitos e, com isso, um silenciamento da sua existência no cenário local, em uma cidade onde a cultura e a voz da elite branca impera, destacando que há esquecimento da história oficial sobre a existência do Clube, ocorrendo, também, uma marginalização de seus frequentadores e do espaço do clube.

Sobre o processo de silenciamento institucional atribuído ao clube pela sociedade local, podemos observá-lo com base no vazio historiográfico acerca desta entidade e do desconhecimento da mesma por parte de grande parte dos sujeitos pontagrossenses [...] bem como [...] a marginalização atribuída ao clube por parte de seus não-frequentadores, assim como o não reconhecimento do mesmo pelas maiores instâncias de poder da cidade, pela história oficial do município (SANTOS, 2016, p.140).

Para identificar mais pesquisas, como a citada anteriormente, que trouxessem nomes de entidades e relações de sociabilidades negras, pesquisou-se também em ferramentas simples da internet, trabalhos sobre clubes negros do Paraná, chegando-se ao resultado exposto no quadro 2:

Quadro 2- Clubes Recreativos negros do Paraná

| Clube | Ano de criação | Cidade da entidade |
|---|----------------|--------------------|
| Sociedade Operária Beneficente Treze de Maio | 1888 | Curitiba |
| Clube literário Treze de Maio | 1890 | Ponta Grossa |
| Sociedade Recreativa dos Campos Gerais/ Clube Campos Gerais | 1917 | Castro |
| Clube Recreativo e Cultural Estrela da Manhã | 1934 | Tibagi |
| Clube Rio Branco | 1919 | Guarapuava |
| Associação de Recreação Operária de Londrina (Arol) | 1957 | Londrina. |

Fonte: Livro Clubes em memórias: Sociabilidades Negras nos Campos Gerais; Jornal Diário dos Campos; e o Jornal Folha de Londrina.

Nota: Informações organizadas pelo autor

Tais dados demonstram que no final do século XIX, e ao longo do século XX, negros e negras paranaenses criaram alternativas para se socializarem e se sentirem acolhidos. Se as pesquisas mostram essa presença, a questão que se pode levantar é qual a relação de um clube negro com a sociedade onde impera o racismo velado e/ou escancarado? E como isso se reverbera na mídia? Por isso, o

objetivo desta pesquisa é de estudar o caso do Clube 13 de Maio de Ponta Grossa e a sua relação com a sociedade e, principalmente, com a mídia local.

A dissertação divide-se em três capítulos. No primeiro, analisa-se a relação do negro com a mídia, desde a relação de coisificação do corpo negro, até a mídia criada por e para negros e negras terem voz, com sub-capítulos que abordam os negros e negras escravizados/as vistos pela mídia impressa; o Jornalismo como meio de transmitir as ideias da sociedade escravocrata e verbalizá-la; mas também a mídia como estratégia de empoderamento afro; e, ainda, a relação do movimento associativo social negro com a mídia.

Já o segundo capítulo aborda a herança racista da escravidão no cenário social, cultural e científico, mas também as formas de enfrentar o racismo e exemplos de acolhimento do negro e da negra, em ambientes culturais e de lazer, como no Clube 13 de Maio.

No último capítulo, analisa-se a relação da mídia de Ponta Grossa com seu clube social negro, o Clube 13, fazendo uma comparação com os demais clubes, principalmente da elite branca, e, ainda, mostra como os impressos tratavam a figura negra nos anos 1970 a 1989.

CAPÍTULO 1

AFRO NA IMPRENSA: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E SOCIAIS

“O presente contém todo o passado.”

Antonio Gramsci

A presença do afro na imprensa se tornou um debate importante, independente de qual plataforma esteja presente (TV/Rádio/Internet e impresso), pois a população brasileira é formada majoritariamente por indivíduos que se declaram negros/as. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, no último Censo, de 2010, a população negra (que é a soma de pretos e pardos) correspondia ao total de: Parda 43,1% e Preta 7,6%, sendo maior que a Branca que é de 47,7%.

Porém, a importância de se debater na mídia a questão do negro, não é somente em relação ao número de pessoas, que é maior, mas pelo fato de a maioria da população ser discriminada e viver em condições desiguais. Alguns dados do IBGE demonstram isso: a taxa de analfabetismo de negros é maior, sendo 9,9% Pretos ou pardos e 4,2% Brancos; a taxa de trabalho infantil é maior ainda, sendo Pretos e Pardas 63,8% e brancos sendo 35,8%. Por fim, a taxa de Rendimento médio de todos os trabalhos também é desigual para a população descendente de afros, enquanto Brancos ganham em média R\$ 2.814,00, Pardos ganham R\$1.606,00 e Pretos R\$1.570,00.

Já em relação a cidade de Ponta Grossa, o IBGE mostra que o número de negros (a soma de pretos e pardos), levantado no Censo Demográfico de 2010, é de 4.999 pessoas (4.446 pardas e 553 negras). E em relação ao Paraná o número de negros é 275.104 pessoas (244.544 pardas e 30.560 preta). A pesquisa leva em consideração pessoas de 10 anos ou mais.

Tratar da desigualdade entre brancos e negros na imprensa se tornou uma das tarefas do jornalismo, pois na atualidade, segundo o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, é de suma importância o jornalismo defender e dar voz para as minorias sociais, já que no art. 6º do Código de Ética, é dever do jornalista “combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, física ou mental, ou de qualquer outra natureza” (FEDERAÇÃO NACIONAL DOS

JORNALISTAS, 2007, P.2).

Porém, essa defesa da população negra pode levar a criação de estereótipos, ou seja, a visão de negro e/ou negra que atualmente na mídia tem, em vários casos, a sua imagem atrelada ao que se entende por miséria, desigualdade, e até mesmo por violência, como observaram Vaz e Mendonça (2002). Os autores destacam que a estereótipo de negros miseráveis nos jornais se dava tanto no meio urbano, como no rural, ou seja, deve-se destacar de “que o negro miserável não aparece exclusivamente no meio urbano” (VAZ; MENDONÇA, 2002, p. 12).

Os autores Vaz e Mendonça (2002) analisaram o fotojornalismo dos jornais impressos Folha de São Paulo, O Globo e Estado de Minas, e foi a partir dessa análise que concluíram que o negro é atrelado à violência e a miséria do meio urbano e rural, e esse último, por exemplo, cai no estereótipo de negros descalços, já que antigamente negros e negras não tinham dinheiro para comprar sapatos

Há diversas fotografias que retratam lavradores pobres. Em algumas delas, salta aos olhos que os homens estejam descalços. Vale lembrar que o sapato foi durante o período da escravidão um signo de poder e riqueza no Brasil. Conta-se que os escravos forros, trabalhavam arduamente para conseguir comprar um par de sapatos, sendo que, quando o faziam, penduravam-nos ao redor do pescoço, de modo a exibí-los. Seria a miséria uma nova forma de escravidão e de subalternização dos negros? Não se deseja aqui afirmar que negros pobres não devem ser representados em jornais impressos [...] A grande questão a se pensar é a escassa visibilidade de contrapontos a esse tipo de representação. (VAZ; MENDONÇA, 2002, p.12).

Percebe-se que a imprensa retrata a desigualdade que existe, porém acaba marginalizando ainda mais a figura do negro e da negra. Há autores, como Quirino (2013), que argumenta que o jornalismo prega uma “Democracia racial”, mas na prática não passa de uma visão utópica criada pela sociedade, e que muitas vezes é denunciada pelos movimentos negros, pois “o mito da democracia racial, que está no imaginário do povo brasileiro, é reafirmado na narrativa jornalística (QUIRINO, 2013, p. 12).

Essa democracia racial também não está presente no quadro profissional de algumas das principais redações jornalísticas do país. Segundo um estudo de Andressa Kikuti e Janara Nicoletti (2019), divulgado no Observatório da Imprensa, trouxeram, ao recuperar um estudo, que 23% dos jornalistas do país são negros. As pesquisadoras ainda concluem que tal situação demonstra “que a mídia brasileira

tem um olhar pouco conectado à realidade nacional, quando deveria ser o oposto” (KIKUTI; NICOLETTI, 2019).

A imprensa além de ter pouco espaço para jornalistas negros, ainda esquece de trazer a trajetória injusta que os negros e negras tiveram na história, ou seja, “o discurso jornalístico não vincula questões históricas raciais do nosso país com a violência que a população negra em geral sofre” (QUIRINO, 2013, p. 12).

O jornalismo que sustenta essa ideia de “Democracia racial”, sustentada pela sociedade, ignora a realidade da questão do/a negro/a, e essa visão acaba sustentando a opinião pública¹, deixando perpetuar a presença da “Casa Grande” e da “Senzala” na atualidade.

A democracia racial se manifesta no imaginário brasileiro e escamoteia os problemas socioeconômicos que enfrentam os afrodescendentes. O racismo se manifesta na manutenção da superestrutura escravista, aonde os brancos continuam sendo os donos da “Casa Grande” e os negros continuam nas “Senzalas”. Só que hoje a casa grande são os condomínios fechados e as senzalas a favela, a periferia [...] a democracia racial se sustenta no âmbito da cultura e a exclusão social do negro no âmbito econômico. A grande opinião pública brasileira se sustenta no primeiro discurso, enquanto que o movimento negro se apropria do segundo. (QUIRINO, 2013, p. 12).

Essa opinião pública traz a visão de uma classe dominante, que para se perpetuar no poder prega a existência de uma “Democracia” no que se refere às questões raciais, como se moldasse essa opinião, tendo essa classe dominante um papel forte no controle da opinião pública, pois seria a mesma que dita o que a imprensa deve trazer, que por sua vez “educa” o espaço social para a existência desta possível realidade democrática. Essa ideia de um papel ativo e de poder em relação ao público já foi visitado por Antônio Gramsci, que elenca que a mídia tem um papel preponderante na educação e transformação de leitores/receptores da imprensa, mas também é considerada como um aparelho hegemônico importante na criação do senso comum e papel político/educativo.

¹ Opinião Pública: O termo foi citado pela primeira vez por Walter Lippmann, em 1922, para o teórico Opinião Pública são ‘aspectos do mundo exterior que têm a ver com o comportamento de outros seres humanos, na medida em que o comportamento cruza com o nosso, que é dependente do nosso [...] podemos chamar rudemente de opinião pública. (LIPPMANN, 2008, p.40).

O jornalismo é visto nos Q, implícita e explicitamente, sob diversas perspectivas, frequentemente entrelaçadas: como modalidade específica de atividade intelectual; como atividade que se remete a um importante aparelho hegemônico, decisivo para a criação do senso comum; como momento da ação do partido revolucionário, que almeja criar novo senso comum (e uma nova hegemonia), permitindo o crescimento intelectual e cultural das camadas subalternas em luta para deixarem de ser subalternas, no modelo – diversas vezes recordado – de atuação dos iluministas, que de fato prepararam, com seus escritos, a Revolução Francesa. O jornalismo em que G. pensa é, portanto, formativo, além de informativo, intrinsecamente político-educativo mesmo quando parece não se ocupar de argumentos considerados políticos (LIGUORI, 2017, p.845- 846).

Essa criação de senso comum por parte da imprensa faz lembrar a criação da opinião pública, que para Gramsci é o ponto de contato entre a sociedade civil e a sociedade política. O termo “Sociedade Civil” para apontar o sentido de Hegemonia política, como também a ideia de uma hegemonia cultural que seja de um grupo social, sobre a sociedade na qual está inserida, como ainda a sociedade civil seria onde se encontra a classe dominante e dirigente, sendo a primeira para adversários, e a segunda se enquadrando para aliados Texier (2017). Já “Sociedade Política” seria “o Estado tal como era tradicionalmente compreendido” (LIGUORI, 2017, p.1.388), em outras palavras seria a vida no Estado, já que para Gramsci, como ainda recupera Liguori (2017) a sociedade política é uma das duas partes do Estado, que a forma quando somada a Sociedade Civil, pois na visão gramsciana

a sociedade política como uma parte do Estado ampliado: o Estado se apresenta de duas formas, diz ele, “como sociedade civil e como sociedade política, como ‘autogoverno’ e como ‘governo dos funcionários’” [...] Esse “governo dos funcionários”, o Estado estritamente entendido, compreende o aparato governamental e o aparato coercitivo (LIGUORI, 2017, p. 1.388).

A opinião pública, que é o contato entre a sociedade civil com a política, leva a entender que ela faz parte do Estado, já que para Gramsci este é o resultado da soma entre S. C. e S. P.² Essa sociedade civil, que através da mídia “educa” os demais setores da sociedade, pode até pregar uma visão de “Democracia racial”, como denuncia Quirino (2013), mas ao mesmo tempo, segundo ainda o mesmo autor, é tensionada pelos movimentos negros que criticam tal realidade, dizendo que a população negra é excluída social e economicamente.

Em contra partida, esses negros utilizam das próprias ferramentas da

² S.C.: Sociedade Civil. Termo Gramsciano.

imprensa como meio de tensionar essa visão hegemônica estereotipista da sua população afro, um exemplo são sites da internet que trazem notícias e informações voltados para ela, dos que se destacam estão:

- Mundo Negro: <https://mundonegro.inf.br/category/ultimas/>
- Notícia Preta: <https://noticiapreta.com.br/>
- Geledés: Instituto Mulher Negra: <https://www.geledes.org.br/>

Essa versão atual, a imprensa como meio de propagar estereótipo sobre negros, e a mídia como meio de cobrar direitos dos negros também na história brasileira, remonta a realidade histórica da relação entre negros e a imprensa. Historicamente, o tratamento da imprensa em relação à população negra no Brasil pode encontrar diferentes nuances, cada uma particular e de diferentes características. Mas, essa relação gravita sob dois tipos de visões, a ótica de inferiorização do negro, e a questão do empoderamento afro.

A mídia de inferiorização colocava o negro e a negra como subalternos e menos evoluídos em relação à população branca, e essa característica vem do reflexo da sociedade preconceituosa, principalmente no período escravocrata. Em São Paulo, um de tantos exemplos, existiam casos na imprensa que tratavam o negro como objeto, como fugitivo ou como propriedade de algum senhor branco.

Lilia Moritz Schwarcz (2017) traz em *“Retrato em branco e negro – Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX”* um caso emblemático de um negro, que estava bem vestido e portava um livro (que estava lendo), foi acusado de roubo de um relógio – situação que foi tratada pelo jornal Correio Paulistano em 1878. Nesse caso, o negro é tratado com objeto, já que pertencia a alguém e é colocado como marginal, pois era acusado de roubo. A partir desse acontecimento, Schwarcz (2017), traz que há um conflito e “polaridade” entre brancos que produzem o jornal e negros que são distanciados desta realidade.

Por vezes, uma visão mais fatural, às vezes uma imagem que só ganha coerência no interior de uma ótica que privilegie o embate entre brancos e mesmo uma interpretação que busque captar sinais subentendidos, e que nos apontam para a polaridade e o contraste existente entre brancos, que redigem o jornal ou compartilham a leitura da notícia, e negros, colocados tão longe desses locais onde ‘se produz e reproduz a cultura’ do momento (SCHWARCZ, 2017,p.17).

Essa visão objetificadora do negro e/ou da negra ou essa visão marginalizada dessa população, foi uma das características da imprensa do período escravagista, pois os jornais reproduziam o pensamento da época. Essa mídia também refletia uma representatividade hierárquica, tinha representações de uma “ótica eurocêntrica, que institui sentidos de ‘normalidade’ e ‘anormalidade’, estabelecendo como norma padrão o homem branco, cristão. Os indivíduos que diferem [...] são [...] excluídos (TESSAROLO; SILVA 2017, p.39).

Essa hierarquia, ou os indivíduos negros, que como Tessarolo e Silva (2017) trazem, vistos como “anormalidade”, ou fora do padrão, era sustentada principalmente pela mídia no período de escravidão no Brasil, que descrevia de maneira pejorativa negros e negras, principalmente aqueles que ousavam fugir das mãos dos senhores, assim, “além da notificação da fuga, continha uma descrição detalhada do escravo e uma promessa de gratificação. As características físicas, morais, intelectuais apareciam nessas descrições” (FERRARI, 2006, p.09).

Essa ‘anormalidade’ nas descrições dos negros e das negras também aparece na mídia no período pós-abolição. Mídia que somente tinha olhos para a população afro em datas de celebrações ou atos de rebeldia, nesse contexto há autores que dizem que a população afro e seus descendentes alcançavam os jornais quando havia revoltas, ou celebrações negras, como traz Vaz e Mendonça (2002):

É interessante observar que essa ‘minorização’ do negro, através de seu apagamento simbólico não é uma construção recente da mídia. Desde o período colonial, a representação negra é escassa, e sua visibilidade se dá por meios que não os oficiosos. Os negros adquirem alguma visibilidade em suas festas, celebrações religiosas ou mesmo em momentos de rebeldia e revolta, quando chegam a alcançar as páginas dos jornais (VAZ, MENDONÇA, 2002, p.04).

Porém, na época de escravidão e pós-abolição também tinham exemplos de imprensa que lutavam por voz e pelos direitos da população negra, seja a imprensa abolicionista na escravidão, ou a imprensa pela cobrança dos direitos de negros e negras no momento pós-abolição. Um exemplo ocorreu no Estado do Paraná, onde circulavam jornais com intuídos abolicionistas no século XIX, como na região, principalmente litorânea, o Operário da Liberdade, o jornal Itiberê e o Livre Paraná, como traz Silva (2018):

[...] o Paraná também era local de circulação de ideias abolicionistas, eu aqui já eram disseminadas desde meados da década de 1870 [...] Pioneiros nesse sentido foram alguns jornais do litoral da província, como o *Operário da Liberdade*, publicação da Loja Maçônica Perseverança, de Paranaguá, surgido em 1870; o jornal *Itiberê*, do Clube Literário, e o *Livre Paraná*, surgidos nos anos seguintes, na mesma cidade, eram os principais porta-vozes do abolicionismo naquele contexto (SILVA, 2018, p. 36).

Já no período pós-abolição haviam veículos também abolicionistas, mas para libertar os negros e negras da desigualdade, e para isso criou-se a imprensa para alimentar o senso crítico da sociedade civil para pensar em uma inclusão justa e equalitária para escravos libertos e seus descendentes, ou seja, “impunha-se criar veículos de comunicação, capazes de imprimir viabilidade e de dar continuidade ao esforço de consciência e de crítica à situação racial brasileira” (FERNANDES, 1978, p.22). Como se a imprensa voltada aos negros e às negras tivesse um papel educador, algo como apontou Antônio Gramsci, visto anteriormente, que falava que a mídia tinha papel educador, recuperado por Liguori (2017).

A intitulada “imprensa negra”, por Florestan Fernandes (1978), no pós-abolição operava de maneira engajada e seus enquadramentos eram para resolver o problema do escravo liberto que vivia sem suas necessidades básicas atendidas, como o direito à uma vida digna, e para isso a imprensa alertava e tinha um papel socializador, com papel de “catequista” para alertar negros e negras sobre seus direitos, como observa o autor:

A ‘imprensa negra’ aparece, assim, vinculada a fins de proselitismo, como uma imprensa enganjada na solução dos ‘problemas específicos do negro brasileiro’. Ela teve, por isso, uma função socializadora e de controle altamente construtiva. (FERNANDES, 1978, p.22).

Já nas décadas de 1970 e 1980, que são recortes para este estudo, a questão do negro e a relação dele com a mídia sofre influência de diferentes conjunturas nacional e internacional como a Ditadura Militar no Brasil, e o crescente movimento negro tanto no país como no resto do mundo. “Nas décadas de 1970 e 1980 houve expansão das organizações negras no Brasil, as quais tinham como questão principal a busca pela ‘valorização da identidade’ como principal mote para a reorientação das ações do movimento” (SILVA, 2013, p.48). O Movimento negro nas décadas de 1970 e 1980 surge na militância em relação a má distribuição de riquezas, e mais precisamente em 1979 surge o “Movimento Negro Unificado Contra

a Discriminação Racial”, sob influência da militância negra no país e no mundo.

A emergência dos dados quanto ao alcance do chamado “milagre do crescimento econômico”, nos anos 1970, o processo de abertura política e a evidência da desigualdade racial, naquele momento, permitiram à militância negra se contrapor de forma mais contundente à estrutura de distribuição de riquezas, [...] Em uma tentativa de articular as diversas entidades ocorreu, em 1979, o surgimento do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, posteriormente chamado Movimento Negro Unificado (MNU), com o princípio da diversidade cultural e étnica do país, com base nas experiências internacionais e que, nas décadas de 1970 e 1980, foram marcadas pelos movimentos de guerrilha na África, pela libertação dos povos que estavam sob o domínio neocolonial e o enrijecimento da política do apartheid sul-africano (SILVA, 2013, p.47-48).

Silva (2013) faz uma pesquisa nos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo (ambos jornais de grande circulação no país) sobre a presença da figura do negro, na década de 1970 e 1980, e demarca o crescimento do movimento negro no Brasil por causa da influência do Apartheid na África do Sul e a presença desses movimentos nos impressos, e a pesquisadora traz que os jornais utilizaram “formas racializantes” para refletir o movimento negro:

Entretanto, a possibilidade de percepção da população negra enquanto mercado consumidor e seu acesso aos bens econômicos não conduzia, nas pautas, a igualdade de promoção dos seus bens culturais. Ao abarcá-los, diariamente, os jornais revelaram formas racializantes de ver, analisar e hierarquizar o mundo, um conjunto de mecanismos os quais constituíram lugares específicos aos grupos fenotipicamente caracterizados e as formas essencializantes de percepção de seus processos culturais. (SILVA,2013, p.55).

A autora conclui que A Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo foram meios que se basearam de práticas racistas seja ao tratar pautas sobre negros em nível internacional, como o Apartheid na África do Sul, como em relação à cultura brasileira

Assim, tais meios projetavam e se constituíam enquanto importantes instrumentos das práticas racistas, seja no momento do trato mais específico do apartheid, dos lugares selecionados aos diferentes grupos de oposição a este regime, nas propostas de redefinições de projetos globais, para a política, economia e cultura ao Brasil (SILVA,2013, p.61-62).

Já para uma realidade local, na década de 1980 os jornais Diário dos Campos e Jornal da Manhã a presença de negros e de negras se dá pelo Esporte e

páginas de matérias policiais, como apresenta Mello e Xavier

No primeiro momento da observação dos jornais havia pouca representação dos negros, quando estes apareciam estavam ligados às páginas policial e de esporte [...]

O Jornal da Manhã apresenta 98 notícias em que os negros aparecem nas fotos, destas 44 são da página policial, e 27 vezes na página de esportes, nove vezes na capa, na maioria das vezes com imagens sem impacto noticioso porque têm caráter ilustrativo, e em duas ocasiões colocando o negro em vulnerabilidade, como o retrato falado de um acusado de cometer crime.

No Diário dos Campos, as notícias que tinham imagens ou falavam sobre negros eram: 25 na página policial, 32 na página de esportes e sete capas com imagens ilustrativas de funcionários públicos e ou técnicos de futebol negros. (MELLO; XAVIER, 2017,p.03)

Seja uma imprensa objetificadora, que mostrava a visão do branco de em relação ao o negro e a negra na sociedade; ou uma imprensa libertária e cobradora dos direitos da população afro e seus descendentes; ambas mostram uma visão de acordo com a conjuntura na qual estava inserida, e a visão subjetiva de quem fazia. Ambas as visões mostram a imprensa como estratégia de difusão de pontos de vista e vieses ideológicos, e o que muda são os enquadramentos que essa ferramenta de estratégia tem.

Na atualidade, ou na história, é o enquadramento que dita a visão que impera nas matérias e na ideologia do meio de comunicação. O enquadramento pode mostrar a real intenção do meio comunicativo ou do jornalista que escreve. Abreu (2015) esclarece que no processo de enquadramento/*framing* é necessário conhecer a notícia e o fato omitido, e que tal enquadramento parte do jornalista ou do meio em que se veicula a informação.

Os enquadramentos chamam a atenção de alguns aspectos da realidade em detrimento de outros, porque para defini-los tem que ter em conta tanto o que se escreve como o que se omite. O enquadramento está portanto presente na mente do jornalista que escreve o relato noticioso, como também na peça informativa que constrói, chegando ao leitor através de um processo de decodificação, necessário para compreender a notícia e a realidade a que esta se refere (ABREU, 2015, p.425, tradução nossa).³

Pelo o que foi apontado, percebe-se como era o tratamento do negro pela

³ Los encuadres llaman la atención de algunos aspectos de la realidad en detrimento de otros, por lo que para definirlos hay que tener en cuenta tanto lo que describe como lo que omite. El encuadre está por tanto presente en la mente del periodista que escribe el relato noticioso, pero también en la pieza informativa que construye, llegando hasta el lector a través de un proceso de decodificación, necesario para comprender la noticia y la realidad a la que ésta se refiere (ABREU, 2015, p.425).

imprensa da época. Verifica-se que a mídia trazia informações sobre o negro em simples anúncios de venda. Eles eram apresentados como mercadoria ou quando fugiam e se rebelavam, ganhavam os holofotes como rebeldes, bandidos. O enquadramento era para a visão objetificadora dos senhores brancos donos de escravos e omitia-se a verdadeira condição, sub- humana, em que viviam estas pessoas. Já a “imprensa negra”, por Florestan Fernandes (1978), o enquadramento, na conjuntura pós-abolicionista, por exemplo, era mostrar a realidade imposta aos negros e às negras e “educá-los” para que se pensassem sobre essa realidade. Ambos os casos serão melhor analisados nos sub-itens a seguir.

1.1 NEGROS/AS ESCRAVIZADOS/AS AOS OLHOS DA MÍDIA

Por meio de registros históricos, percebe-se como era o tratamento do negro e da negra pela imprensa das épocas escravagista e pós-abolição, e percebe-se que os jornais traziam informações sobre os escravos e população afro em anúncios de venda. Além de serem tratados como objetos ou simples animais de força de trabalho, o negro era visto, ainda, como um atraso à evolução da sociedade. Schwarcz (1987) explica que o negro era visto pela mídia da época do fim da escravidão como um problema econômico e político, já que era necessário “organizar” e “disciplinar essa população recém liberta”.

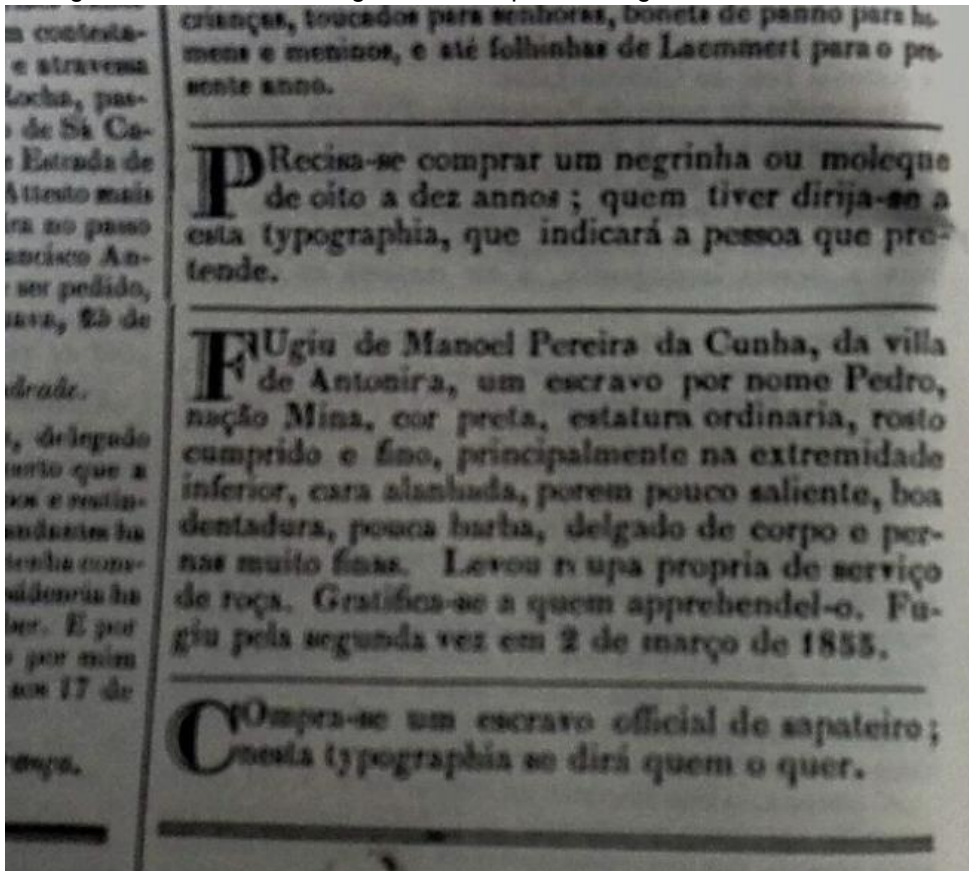
No tratamento do negro na imprensa do Brasil Colônia, também havia notícias sobre a fuga de negros escravos, que ajudavam a disseminar o preconceito e o desprezo por essa população. Um exemplo é o Jornal Dezenove de Dezembro, como traz Wachowicz (2010) ao relatar a notícia de um negro fugitivo em Ponta Grossa, em 1866, que descrevia de maneira preconceituosa, as características do negro que fugira do trabalho escravo: “Fugiu no dia 17 de novembro [...] da cidade de Ponta Grossa, o escravo de nome Marcelino, natural de Minas, idade 14 anos [...] cor fula, cara cheia, nariz chato, e tem um pé mais grosso do que outro” (WACHOWICZ, 2010, p. 169).

Outro exemplo do Jornal Dezenove de Dezembro, de Curitiba, que circulava também nos Campos Gerais, é o recorte de 1855. São colocados três anúncios que mostram os negros e as negras como objetos. No primeiro anúncio, pede-se para comprar uma mulher negra ou uma criança: “Precisa-se comprar um negrinha ou

moleque de oito a dez anos”.

No segundo anúncio procurava-se um escravo em fuga, o escravo pertencia a Manoel Pereira da Cunha e tinha fugido de uma vila chamada Antonina ou Antonira: “Fugiu de Manoel Pereira da Cunha, da Villa de Antonira, um escravo por nome Pedro, nação Mina, cor preta, estatura ordinária”. Já no terceiro anúncio alguém procurava para comprar algum escravo que trabalhasse como sapateiro: “Compra-se um escravo official de sapateiro”.

Fotografia 1- Anúncios de fugas e de compras de negros escravos



Fonte: Jornal Dezenove de Dezembro de 1858- Arquivo Museu Campos Gerais.

As notas que procuravam negros, sejam fugitivos ou para trabalho, que aparecem no jornal paranaense Dezenove de Dezembro, tende a ser descritiva, coloca pessoas negras como se fossem objetos perdidos ou de interesse para alguém comprá- los. Além dessa descrição, ofereciam-se recompensas para que recuperassem escravos fugitivos, que nas palavras de Ferrari (2006), são um discurso da época do Brasil Colônia

O escravo aparece nos jornais, e o modo de aparecer é através da descrição. O dono de escravos ante a fuga de um deles recorre ao jornal para anunciá-la, descrevendo o fugitivo e oferecendo uma recompensa a quem o trouxer ou der notícias suas. Esse é mais um dos discursos a respeito do escravo que circulavam na sociedade brasileira (FERRARI, 2006, p.11).

O negro escravo, tratado como objeto e/ou criminoso, tinha tratamento pior se fosse mulher. As negras escravas eram adjetivadas, até mesmo como animais. Essa descrição, na visão da época, tornava a pessoa descrita como singular, ou seja, “observam e descrevem o escravo, o adjetivam e, através desse gesto (in)formam

sobre o escravo e o constituem como sujeito singular” (FERRARI, 2006, p.11).

Um exemplo de descrições pejorativas de negras escravas, traz Pierre Verger (1987). As negras da época escravagista, quando vendidas em jornais, eram chamadas de “cabras”, pois cabra era o mesmo que “mulatas”. Assim, os anúncios colocavam a mulher como objeto e coisa sem valor:

Não é preciso, pois, se espantar ao encontrar, nos anúncios classificados dos jornais [...] ‘promiscuidade’ que pode, em nossos dias, parecer injuriosa e atentatória à dignidade humana [...] (J.B., 30/03/1854): A venda uma escrava cabra [...] ainda moça: com seu filho ou sem ele, sabe coser lizo, engoma, cozinha, lava e faz todo o serviço da casa. Quem a pretender dirija-se ao caes Dourado, armazém nº 3 (VERGER, 1987,p.489-490).

As mulheres negras lactantes eram chamadas, segundo ainda Verger (1987), de “cabra de leite”. O autor observa que o adjetivo servia tanto para as negras, como também para os animais. Esta representação negativa do negro/a nos meios de comunicação era o reflexo do pensamento preconceituoso da sociedade da época. Isso pode ser ilustrado no seguinte trecho publicado nos jornais *Correio*, *Redenção* e *Província*, no período da abolição da escravatura, que colocava o negro como um objeto:

[...] no caso do “preto tutelado” da *Redenção* ou do ‘negro algoz’ do *Correio* ou mesmo do cidadão de ‘segunda categoria’ da *Província* [...] em todos os jornais, o negro, antes de figurar como sujeito, era antes no interior dos periódicos, um objeto: um objeto do discurso e das práticas, objeto de situação social e motivações (SCHWARCZ, 1987, p.251).

Além de colocar como objeto, as notícias de jornais antigos, os escravos eram individualizados, com os seus nomes que apareciam, sendo até mesmo algum tipo de exposição. E ainda esses escravos tinham lugares e pertencimento, seja em nome do senhor de escravos, ou nome das fazendas.

O escravo tem um lugar específico, a fazenda de X, os lugares permitidos para circular, além disso, tem nome próprio para individualizá-lo no espaço e tem tempos nos quais deve se movimentar. Quando ele foge, rompe com esse quadro e provoca um desarranjo. A individualização torna-se insuficiente para sua localização e surge a necessidade de descrevê-lo, de singularizá-lo“ (FERRARI,2006,p.108).

Essa individualização, como abordou Ferrari (2006), faz com que fosse necessária a descrição desse negro, e muitas vezes essa descrição era baseada no

que a sociedade branca dominadora pensava sobre esses escravos, ou seja, a imprensa ao adjetivar refletia a ideologia e o pensamento objetificador e preconceituoso da sociedade civil da época. Como se a mídia verbalizasse o pensamento escravocrata.

1.1.1 O Jornalismo e a verbalização da sociedade escravocrata

Quando um negro fugia das garras do senhor de terras, a imprensa o procurava através de seus anúncios. Se um negro ou uma negra se rebelasse, a imprensa alertava a sociedade e contava o ocorrido. Se um senhor branco precisasse de um escravo ou de uma escrava, a imprensa já anunciava a compra, não do ser humano, mas de um objeto de uso. Esses são caos comuns que ocorreram em todo território brasileiro durante o regime escravagista.

A mídia verbalizava a vontade da elite branca, seja de denunciar, seja de comprar ou procurar um negro e uma negra. Essa verbalização, por sua vez, era carregada de adjetivos, seja para descrever o escravo ou a escrava, seja para falar o que pensava o branco anunciante.

Termos como “preto/a”, “cabra”, “negrinho/a”, eram os adjetivos mais recorrentes, que aos poucos foram sumindo no pós-abolição. O uso de adjetivos negativos na mídia a respeito do negro durou anos. Schwarcz (1987) diz que somente anos após a libertação dos escravos é que “os termos negro, preto, liberto, ex-escravo, pardo, mulatos, que [...] definiam e mesmo distinguiam a população de cor, vão se tornando pouco frequentes” (SCHWARCZ, 1987,p.256).

Negros e negras além dos adjetivos ganhavam nomes também, era quando esses, que eram vistos como objetos, propriedades e carregavam jargões pejorativos, eram individualizados, seja com o nome de batismo deste escravo, ou seja como objeto pertencente a alguém.

Através da individualização o escravo é nomeado. São dados o nome, o lugar de onde partiu o nome do dono. Essas informações, que contribuem para sua individualização, resultam insuficientes para achá-lo. Só é dado o nome que o constitui como sujeito interpelado pela igreja e pelo estado. Só temos a informação do lugar que ocupa numa série [...] (FERRARI,2006,p.108).

Além da individualização, que era os nomes que esses escravos traziam consigo (seja batismo ou pelos “donos”), os adjetivos proporcionavam uma singularização. Além dos pejorativos, somadas algumas informações, permitiam descrever o lugar de que esse escravo, ou escrava, participava, quais círculos estavam presentes, como agiam e como se comportavam, como ainda lembra Ferrari (2006):

A singularização está dada pela descrição particular feita de um determinado escravo. Ela comporta adjetivos e faz referência às relações que ele estabelece com outros indivíduos, a lugares por onde ele circula, a modos particulares de agir e de falar que constituem o escravo como sujeito historicamente determinado (FERRARI, 2006,p.108-109).

Essa imprensa, que falava dos negros e negras de maneira pejorativa, no século XIX (ou com linguagem abolicionista), surgiu em 1808, aponta Slotuk (2015). A autora ainda aborda, que essa imprensa oficial era para a leitura de poucos, já que o índice de analfabetismo no país era grande, pois na maioria do país a subsistência era a lavoura, pouco se importava com a educação e os atos de ler e escrever.

A imprensa oficial, novidade desde 1808, no Brasil, tinha espaço garantido nas províncias do Império[...] Ainda assim, o acesso aos jornais era para poucos leitores, pois a grande massa da população brasileira era analfabeta. A educação estava num momento muito distante da obrigatoriedade para as crianças e havia pouquíssimos colégios. Em uma população pobre e preocupada com a subsistência, ler e escrever não eram uma prioridade. Considerando que o trabalho em sua maioria concentrava-se na agricultura, e educação escolar não traria grandes contribuições para os trabalhadores. (SLOTUK, 2015, p. 23).

Pode-se perceber que essa imprensa era feita por e para a elite branca brasileira. Elite não somente por causa do dinheiro, mas porque na época era a única que tinha acesso a educação, e assim sair do analfabetismo. A imprensa brasileira começou a surgir no início do século XIX, e tinha-se a oficial, que trazia dados do governo, e a clandestina, que trazia uma crítica à Coroa portuguesa que dominava o país, como elenca Araújo (1983), recuperada por Dias (2013), sendo os jornais: Gazeta do Rio de Janeiro (a oficial) e o Correio Brasiliense (o clandestino).

Porquanto, vincula-se às transformações nos espaços públicos e à modernização política cultural das instituições. Com a fundação da Imprensa Régia, em 13 de maio de 1808, passaram a circular alguns jornais no Brasil, como a Gazeta do Rio de Janeiro e o Correio Brasiliense [...] É importante salientar que esses jornais, além de trazer notícias internacionais, noticiavam aspectos sobre a vida administrativa e social do Reino, sendo então uma importante fonte de pesquisa para o estudo dessa época. (DIAS, 2013, p.33).

As décadas foram se passando e a imprensa no Brasil começou a se expandir, e vários veículos surgiram pelo país. Juntamente com a evolução dessa mídia, a visão objetificadora de negros e negras também se espalhava por todo o Brasil, como já citado o caso do Jornal Dezenove de Dezembro, do Estado do Paraná, o jornal Correio Paulistano e outros. Esses jornais publicavam notas sobre fuga, notas sobre a compra de escravos e notas que os criminalizavam, porque, na maioria das vezes, sobreviviam com o dinheiro destes anúncios pagos pela elite branca escravista, ou seja, assim “muitas tipografias sobreviviam do dinheiro arrecadado com a receita oriunda da venda de assinaturas e publicação de anúncios [...] de acordo com a linguagem e as necessidades do anunciante (DIAS, 2013,p.35).

A imprensa escravagista anunciava esses escravos porque refletiam diretamente a vontade da sociedade civil escravista do Brasil Colônia, pois era onde os “classificados” ou as notas mostravam a linguagem do senhores donos de escravos, ou seja, a única função destes jornais era vender o espaço, a linguagem objetificadora e muitas vezes pejorativa ficava a cargo do anunciante. Assim não existia uma “estrutura fixa” para esses jornais, como explica Dias (2013):

Esse valor arrecadado com assinaturas e anúncios era utilizado, quase sempre, para pagar as despesas de composição, papel e impressão, exceto os jornais que eram financiados pelo governo. Na sessão dos ‘classificados’, ou melhor, de anúncios, fazia-se a propaganda comercial de serviços e de venda de mercadorias, entre as quais estavam os escravos. Esses anúncios eram apresentados na forma de notícias e de avisos, o que nos demonstra que não existia uma estrutura fixa para eles e que era um gênero com marcas de personalidade, uma vez que cabia ao anunciante preencher o espaço destinado a sua publicação (DIAS, 2013, p.35).

Com o passar dos anos, a mídia que dava espaço parra anunciantes propagarem as suas demandas, muitas vezes carregadas com uma linguagem

preconceituosa e subalternizadora, passou a se preocupar com o que dizia sobre negros e negras com o advento da abolição, agora a preocupação era outra, era a de a sociedade aceitar o negro e a negra. Para essa aceitação, surge a ideia de embranquecer o afros e seus descendentes para que a sociedade que antes enxergava eles como objetos de uso passasse a vê-los como semelhantes.

Logo, a mídia também foi onde os negros e as negras foram “embranquecidos”, pois Gilberto Freyre não somente embranqueceu o negro e a negra na sua corrente de pensamento a partir da obra *Casa Grande & Senzala*, mas também nas páginas dos jornais, já que o autor era colunista de jornal também, no caso o *Diários Associados de Pernambuco*, onde em um texto, por exemplo, Freyre diz que o futebol fazia sucesso devido a mistura étnica, enaltecendo a mestiçagem

No dia 17 de junho de 1938, Gilberto Freyre publica, em sua coluna no jornal *Diários Associados de Pernambuco*, um texto que se torna emblemático na construção da mestiçagem ao nosso futebol e, conseqüentemente, à nossa brasilidade. Intitulado *Football Mulato*, Freyre diz que o sucesso de nossa equipe está justamente na mistura étnica presente nos jogadores convocados. Além disso, Freyre estabelece uma distinção do nosso estilo de jogo com os dos europeus (MOSTARO; HELAL; AMARO, 2015, p. 278).

Naquela época, enquanto os principais veículos da mídia estavam tentando embranquecer os negros e as negras, por sua vez eles estavam criando alternativas de se sentirem representados, como a criação de veículos de imprensa, clubes e associativismos.

1.2 A MÍDIA COMO ESTRATÉGIA DE EMPODERAMENTO AFRO

A população negra começou a ver na mídia uma maneira de se empoderar, mas principalmente como alternativa de educar os irmãos de cor, conscientizá-los de seus direitos, como também mostrou a realidade racial brasileira, que Florestan Fernandes (1978) chamou de “solidariedade consciente e orgânica”:

Condensou e difundiu avaliações inconformistas sobre a realidade racial brasileira; contribuiu para transpor o consenso mecânico, fundado na identidade das frustrações, numa solidariedade consciente e orgânica; e por fim, suscitou no seio da 'população de cor' disposições assimilacionistas identificadas com a situação de interesse do negro e do mulato. (FERNANDES, 1978,p.22).

No quesito educar a população negra, alguns jornais negros chegaram a lançar colunas, de dicas e “denúncias” que falassem de comportamento, é o caso do Jornal A Liberdade que tinha um papel de dar dicas de etiqueta, e teve “em sua primeira edição [...] uma coluna chamada Ouvimos dizer, onde era denunciada uma série de comportamentos [...] colocava a imprensa enquanto uma espécie de vigia social” (BRAGA, 2013, p. 114-115). Sendo assim, ensinar “boas maneiras” era no intuito de enaltecer e promover a figura do negro e da negra e integrá-lo na sociedade, como também aponta Zubaran e Vargas (2018):

Parece-nos, portanto, que ‘as pedagogias das boas maneiras’ foram produzidas no sentido de formar cidadãos negros civilizados e higiênicos, mais bem preparados para o convívio social nos novos espaços urbanos [...] e também visando promover a integração e ascensão social de negros e negras na sociedade branca.(ZUBARAN; VARGAS, 2018, p.295).

Essa educação dos negros e das negras era para “libertá-los” da ideia de escravidão imposta pelo preconceito e cobrar direitos, que o fim do regime escravagista não trouxe, ou seja, trouxe liberdade e não direitos. A imprensa surge, também com o intuito de alertar o negro de seus direitos, surge como uma “liberação definitiva do passado e na construção de um novo estilo de vida no presente, que preparasse o negro para competir com o ‘branco’[...] em todas as esferas as sociedade (FERNANDES, 1978, p. 23).

Essa liberdade do preconceito lutava também contra a ideia de “raça inferior” que a elite branca dizia que os negros e negras eram, e pra isso o jornal O Clarim, enaltecia a raça, usava o trabalho como maneira de evoluir cada vez mais os negros e negras e mostrarem cada vez mais seu valor, para lutar contra a estigmatização que eles sofriam nas mão da elite branca, como abordou Braga (2013),

Em matéria intitulada Valor da raça, o jornal dispara: ‘O bom nome da nossa classe, depende do nosso procedimento. É o nosso dever o de introduzir na evolução social o valor de nossa raça’. Para tanto, seria imprescindível: ‘trabalhar muito, numa concórdia infundável, para que possamos ver o fructo de nossos esforços, refulgir no progresso da nossa terra’. Assim, embora mais cordato, é ainda sobre a preguiça

que fala O Clarim: seria preciso trabalhar muito, infundavelmente, para apresentar uma raça 'evoluída'. Tanto a ideia do trabalho quanto a ideia da evolução direcionam-se na contramão dos estereótipos impingidos ao negro. Quanto mais trabalho, menos preguiça; quanto menos preguiça, mais evoluídos estariam os pretos aos quais falava O Clarim. (BRAGA, 2013, p. 116).

Além, alertar o negro e a negra sobre seus direitos, enaltecer a sua figura, tentar criar uma cultura e uma etiqueta a essa população, a imprensa negra tentava também enaltecer a beleza negra. Um exemplo eram as páginas que realizavam concursos de beleza para mulheres negras, como elenca Braga (2013), que cita os concursos de jornais como O Menelick, Elite, O Patrocínio e Progresso, que realizavam esses concursos e inseriam essas negras na sociedade.

É, pois, com o objetivo de oferecer visibilidade a uma dada beleza negra que diversos jornais da época – O Menelick, Getulino, Elite, O Patrocínio, Progresso – lançaram, em suas páginas, concursos de beleza dedicados exclusivamente às mulheres negras. Tais concursos eram realizados através de votação do público leitor e as candidatas, além de serem agraciadas com alguns mimos, eram recebidas com grandes bailes, oferecidos pelos órgãos dos quais faziam parte os jornais em questão. (BRAGA, 2013, p.117).

Esses concursos de beleza negra também tentavam ser uma contra-hegemonia em relação ao pensamento hegemônico, que além de embranquecer os ex-cativos e seus descendentes, a negra era objetificada sexualmente, como por exemplo, faz Gilberto Freyre em Casa Grande & Senzala, como será melhor abordado a seguir. O intuito desta imprensa negra era desmanchar a imagem de objeto sexual com que eram vistas as negras durante o Brasil Colônia e na sociedade pós-abolição, ou seja, essa imprensa construía o “conceito de beleza negra”.

Em outras palavras, não poderíamos depreender de tais publicações uma autocrítica da população negra, mas uma tentativa de superar a visão preconceituosa que pairava sobre seu comportamento, a fim de promover a integração social entre os grupos.[...] Símbolo dessa 'contra-imagem' proposta são os concursos de beleza promovidos pela população negra, que, não apenas auxiliavam na construção de um conceito de beleza negra, mas, principalmente, se apresentavam como uma réplica à imagem da mulata promíscua que vimos nascer no período escravocrata: aquela mulata fácil, vendida como objeto sexual aos caprichos do senhor. (BRAGA, 2013, p.117).

Essa imprensa de empoderamento negro engatinhou como jornal mural, e

“em 1798, pessoas negras compuseram a organização da Revolta dos Búzios ou Revolução dos Alfaiates em Salvador, utilizando [...] os manifestos e boletins colados em pontos estratégicos” (PINTO, 2006, p.20). O autor, ao recuperar Rodrigues (2003) aponta que a Revolta dos Búzios, trazia um Búzio na pulseira e uma argola na orelha, que eram como os indivíduos se identificavam.

Essa imprensa que ajudava negros/as se mobilizarem, e que ao longo dos anos (até o pós-abolição) serviu como plataforma de empoderar e alertar seus direitos, de enaltecer a sua beleza, e até mesmo alimentou movimentos negros, auxiliou o/a ex-escravo/a a viver na cidade, e estar cada vez mais presente nos espaços sociais, sendo assim “pelo simples fato de viver na cidade e de ter vencido a dura prova da permanência dentro dela, o ‘negro’ revolucionara seu horizonte cultural” (FERNANDES, 1978, p.29).

Essa imprensa que enaltecia e empoderava os negros e as negras, que “revolucionara seu horizonte cultural” muitas vezes era ligada a movimentos negros e/ou clubes negros que se mobilizavam e tinham seus movimentos estratégicos utilizando a mídia, um exemplo é o que traz Florestan Fernandes (1978), o jornal “Cultura ‘revista da mocidade negra’” que era ligada ao Clube Negro de Cultura Social que manteve vivo o grupo Clarim da Alvorada.

A imprensa negra, ao empoderar a população afro, necessitou que seus jornalistas adaptassem os seus discursos da elite em seus “códigos culturais”, ou seja, esses “jornalistas negros do jornal *O Exemplo* tanto adaptaram os discursos dominantes aos seus próprios códigos culturais [...] ampliando o repertório” (ZUBARAN, 2016, p. 227).

1.2.1 O movimento associativo social negro e a mídia

O movimento associativo (seja organizações ou clubes) utilizava a mídia como meio de mostrar as suas atividades, como também mobilizar os seus componentes e angariar futuros associados. Assim, a relação imprensa e associativismo negro mostram que o seu intuito era crescer e disseminar suas atividades no meio social. Então, “as facções e organizações em luta empenharam-se arduamente em conquistar os jovens – principalmente a parte letrada da ‘mocidade negra’” (FERNANDES, 1978, p. 87).

A imprensa engajada e os clubes que além de dar voz acolhiam negros, surgem na segunda metade do século XIX, mas há autores que trazem que a “imprensa negra – bem como as associações sociais e recreativas afro- brasileiras [...] surgiram no país já nas primeiras décadas do século XX (BRAGA, 2013, p.109). Mas o intuito de ambas era a de promover uma segunda abolição, uma vez que aquela anunciada em 1888 não oferecia ao negro mais do que uma vida de privações” (BRAGA, 2013, p.109).

Ainda na relação entre clubes e imprensa negra, pode-se observar que essas entidades utilizavam não somente essa mídia como um tipo de assessoria, mas como um método de organização dessa população para reivindicar seus interesses, um exemplo foi quando a Associação dos negros brasileiros, que tinha o jornal Alvorada, e nos anos 1945 a 1948, como aborda Florestan Fernandes (1978) veiculavam uma visão “mais madura” dos problemas dos ex-escravos e seus descendentes, levando para uma discussão econômica e social.

Quando surge a aspiração de fundar-se a Associação dos Negros Brasileiros, ela conseguiu abranger algumas das figuras mais expressivas dos movimentos reivindicatórios da década de 27 a 37. Seu jornal, Alvorada, circulou entre 1945- 1948 , propagando uma compreensão bem mais madura, integrativa e plástica do ‘problema do negro ‘encarado, simultaneamente, como problema econômico, social, cultural e racial. (FERNANDES, 1978, p.88).

A imprensa trazer uma discussão mais madura se fez necessário por que precisava combater o intuito de embranquecer o negro e a negra, como também tensionar a ideia de que na sociedade brasileira havia uma democracia racial, sustentando a falácia de que havia inclusão de ex-escravos e seus descendentes na sociedade.

A democracia racial, a própria ideia de democracia, acena para uma expectativa de inclusão que reforçava concepções tradicionais de harmonia e integração que, na prática, não se efetivaram. A necessidade do associativismo [...] ajudariam a legitimar algumas certezas nessa direção. (REIS, 2016, p.187).

Tensionar a falácia de democracia racial era urgente. Mais urgente ainda era dar condições dignas de sobrevivência para a população negra, era preciso “inserir esse negro no mercado de trabalho, no sistema educacional, na atividade política e, por fim, contestar, em definitivo, a associação feita entre a imagem do negro e sua eterna condição de escravo (BRAGA, 2013, p. 109).

Não somente a imprensa tentava conscientizar e empoderar a figura do ex-cativo e descendentes, mas movimentos associativos em seus discursos e ações “se voltavam para uma educação que orientasse o negro acerca de um complexo de inferioridade, quanto para a criação de bibliotecas só para negros, como foi o caso do Centro Cívico Palmares” (BRAGA, 2013, p. 109-110). Letrar negros e negras, para, por exemplo, que tivessem acesso á informações de mídias negras, não foi somente a intenção do Centro Cívico Palmares, mas também o ideal de outras instituições pelo Brasil, como o Clube Recreativo e Literário 13 de Maio, que já carregava a alcunha “Literária” porque tinha essa intenção, mas tal clube, inspiração desta pesquisa, será melhor abordado no capítulo seguinte.

O debate aqui por enquanto é mostrar que a imprensa negra conscientizou, educou e também informou a população negra, seja pautando seus comportamentos, alertando sobre seus direitos, mas também noticiando clubes, ou seja, os movimentos associativos. Exemplos, de tantos pelo país, são o jornal Elite e O patrocínio que traziam as festas de clubes negros.

Ao encontro do jornal Elite, vinha também o jornal O Patrocínio. Em matéria intitulada Bravos! Bravos, homens de cor, Maria José de Carvalho fala sobre o brilhantismo das festas promovidas pela Sociedade Beneficente 13 de Maio (BRAGA, 2013, p. 112).

Essa imprensa negra, engatinha no século XIX, mas se populariza na era pós-abolição, mais precisamente no início do século XX, para, segundo Braga (2013) atuar em “defesa dos homens de cor”. Dentre os vários, alguns podem ser destacados como:

O Bandeirante (1910), O Menelike (1915), Princesa do Oeste (1915), A União (1918), O Alfinete (1918), A Liberdade (1919), A Protectora (1919), O Getulino (1919), O Patrocínio (1924), O Kosmos (1924), O Elite (1924), Auriverde (1928), Escravos (1935). (BRAGA, 2013, p. 110).

Os anos foram se passando e essa mídia negra foi crescendo e se tornando até mesmo ferramenta de estratégia de movimentos negros, como já foi dito ao recuperar Fernandes (1978) que aborda a questão do jornal Alvoradada Associação dos negros brasileiros. Décadas mais tarde, os clubes e movimentos negros, que não tinham a sua imprensa negra, tentavam emplacar a mídia tradicional, como fez o Clube Literário e Recreativo 13 de Maio de Ponta Grossa- PR, em 1970, ao pautar

as suas reuniões ou festas nos jornais locais, no caso os principais Diário dos Campos e Jornal da Manhã, que são o tema desta pesquisa, e que terá essa relação retratada no Cap.3.

Porém, pode-se observar um pouco desta estratégia do Clube a seguir, que mostra o 13 de Maio (como era chamado abreviadamente) pautando os eventos do Jornal Diário dos Campos, de 13 de Maio de 1970, em uma reportagem que abordava o aniversário do Clube, e relacionava com a Lei Áurea de 1888.

Fotografia 2- Jornal Diário dos Campos, 13 de maio de 1970. Reportagem sobre festa do Clube 13



Fonte: Jornal Diário dos Campos, 13 de maio de 1970- Arquivo Casa da Memória Paraná.

Percebe-se que a imprensa pode ser um meio de empoderar os negros e as negras, como também uma maneira de manter o discurso de uma ideologia subalternizadora desta população. Pelo o que é observado nesse capítulo, a imprensa negra seja antigamente ou na atualidade auxiliou na conscientização e voz para os negros e as negras. E, pode-se elencar também que a mídia perpetuou na escravidão, na pós-abolição, nas décadas de 1970 e 1980 (recorte deste estudo) um discurso objetificador da população afro. Mas a população negra procurou durante

décadas meios de se ter voz, não somente na imprensa, é aí que entra o papel dos movimentos negros, das irmandades e dos clubes sociais que serão abordados no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 2

O ASSOCIATIVISMO NEGRO, OS RESQUÍCIOS DA ESCRAVIDÃO E AS MOBILIZAÇÕES CONTRA O PRECONCEITO

“O poder nunca é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e existe somente enquanto o grupo se conserva unido” **Hannah Arendt**

Abre-se a porta de madeira antiga, cor branca que dá para um salão, com chão brilhante que contrasta com duas pinturas, a de um negro arrebatando correntes, e a pintura de um navio negreiro chegando na costa litorânea brasileira. Essa é uma pequena descrição do espaço de um clube de negros e negras da cidade de Ponta Grossa/PR, que neste ano de 2020 completou, no dia 13 de Maio, 130 anos. A data 13 de Maio, também está no nome da entidade, que na sua fachada, traz escrito em branco sobre a parede azul, o nome *C. R. L. 13 de Maio*, ou seja, o Clube Recreativo e Literário 13 de Maio.

Com as primeiras reuniões datadas de 1890, o Clube 13 de Maio de Ponta Grossa, é um dos mais antigos tipos de associativismo negro em terras brasileiras, na conjuntura pós-abolicionista de 1888. O associativismo negro tinha por objetivo buscar status sociais e a busca de espaços próprios para estes negros/as.

[...] durante a escravidão e no pós-abolição, é de que esses sujeitos membros buscaram, em rede ou não, negociar mesmo em uma sociedade tão restritiva e preconceituosa quanto a sociedade brasileira os preceitos que conferiam status sociais diferenciadores em busca dos seus próprios espaços. (SILVA, 2010, p. 1)

Essas organizações também foram realidades fora do Brasil, por exemplo, nos EUA, que existiram associativismos de mulheres negras que lutavam por maior representatividade e se organizavam em grupos em busca de espaços, e um detalhe é que elas faziam parte de uma burguesia negra, como traz Ângela Davis, que é uma das principais teóricas do feminismo negro estadunidense, e que recorda também que além de estar atuando em causas beneficentes, o associativismo também atuava na causa anti-escravista

A primeira convenção convocada por mulheres negras teve lugar cinco anos depois da reunião de fundação do General Federation of Women's Clubs (Federação Geral de Clubes de mulheres) em 1890. As experiências da organização de mulheres negras podem ser encontradas na era pré guerra civil, e como as suas irmãs brancas, elas participaram em sociedades de literatura e em organizações benevolentes. Os seus maiores esforços durante esse período foram associados à causa anti-escravatura (DAVIS, 2013, p. 95).

Já no Brasil as entidades associativas negras frente à sociedade branca tinham um papel de embate que existiu até mesmo pré-abolição da escravatura, pois registros demonstram que a existência de alguns “Clubes sociais negros é anterior à abolição da escravatura em 1888. Pode-se citar a sociedade Floresta Aurora [...], de Porto Alegre, Clube Social Negro mais antigo do país, em atividade, fundado em 1872” (ESCOBAR, 2010, p. 57- 58).

Muitos Clubes negros no Brasil tiveram por essência o “contraponto à ordem social vigente [...] que era impedida de freqüentar os tradicionais clubes sociais brancos” (ESCOBAR, 2010, p. 57-58), algo que também ocorreu nos EUA, já que o primeiro Clube de mulheres negras surge com intuito anti- escravista e de frente à sociedade racista, onde mulheres se organizavam.

Os anos 90 de 1800 foram os mais difíceis para o povo negro desde a abolição da escravatura, e as mulheres naturalmente sentiram-se obrigadas a juntarem-se à luta de resistência do seu povo (DAVIS, 2013, p. 95-96).

Essa luta era representada no enfrentamento à uma sociedade que violentava negros e negras, a organização era “resposta à incontrolada onda de linchamentos e de indiscriminados abusos sexuais de mulheres negras que o primeiro clube de mulheres negras foi organizado” (DAVIS, 2013, p. 95-96).

Outro tipo de organização que existiu no Brasil, foram as irmandades religiosas destinadas à população negra, que no período escravagista ou pós-abolicionista não podiam frequentar os espaços religiosos da elite branca, e essa elite não via com bons olhos essas irmandades, que quando se reunia andavam pelas ruas expressando a sua fé e protestando contra a violência sofrida por negros e por negras, como por exemplo a Irmandade do Rosário, de 1870, da cidade de Santa Maria/RS.

Santa Maria, década de 1870, a cidade estava preparada para mais um evento da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Era o dia de recolher os donativos para a realização da festa de sua padroeira. Sob o olhar desconfiado e atônito da elite do lugar, negros livres, indivíduos escravizados e libertos aproveitavam para sair às ruas entoando cantorias que homenageavam a santa ou criticavam a situação de violência que eram submetidos (GRIGIO, 2016, p. 32).

Esses achavam que se adotassem a cultura branca como sua conseguiriam ter uma melhor representação social, surgindo nesse período confrarias e irmandades, principalmente de cunho religioso, no caso católico.

[...] os negros vislumbravam [...] a Igreja como o meio através do qual conseguiam a sua promoção religiosa e social, um certo acesso ao mundo dos brancos [...] Pelas irmandades e confrarias, eles sentiam-se promovidos social e religiosamente (CHAVES, 2001, p.68).

Geralmente, essas irmandades eram negros livres que tinham alguma condição financeira de se investir na irmandade. Essas associações eram constituídas “por leigos e uma das suas principais finalidades era a de promover a devoção a um ‘santo’”. Eram sustentadas por ‘joias’ que cada sócio deveria pagar no seu ingresso, além de mensalidades” (GRIGIO, 2016, p. 33).

As irmandades davam amparo aos negros e negras, além de ser criada por estes em vários segmentos (SANTOS, 2016) e “há registros de 70 irmandades em louvor a Nossa Senhora do Rosário no período de 1763 a 1801 no país” (SIMÃO, 2010 apud SANTOS, 2016, p. 22). Um exemplo é a irmandade do rosário de 1858 no Paraná, mais precisamente na cidade de Ponta Grossa, como pode-se observar no documento um “Ofício de cópia de compromisso” sobre as despesas desta irmandade em 1858:

Fotografia 3- Ofício da cópia do compromisso da Irmandade do Rosário- 1858.

343

*Archiu de la Irmandade
en comp. notes*

Archiu de la Irmandade

73003 IRM 29.29

*Archiu de la Irmandade de Nossa Senhora do
Rosario de Villa de Curitiba, Brasil, Curitiba, 1858.
Copia de un compromiso que se hizo en esta ciudad
para el servicio de la Iglesia de N. S. de la Concepcion
de Curitiba, con el fin de que se pudiese celebrar
en ella el culto de N. S. de la Concepcion, y de
sus santos, segun se expresa en el presente
de la copia que se acompaña, y para que se
pudiese celebrar en ella el culto de N. S. de la
Concepcion, y de sus santos, segun se expresa
en el presente de la copia que se acompaña.*

*Yo, Juan José de Almeida, Notario Publico
de Curitiba, el 18 de Mayo de 1858.*

*Archiu de la Irmandade de Nossa Senhora do
Rosario de Curitiba, Brasil, Curitiba, 1858.
Copia de un compromiso que se hizo en esta ciudad
para el servicio de la Iglesia de N. S. de la Concepcion
de Curitiba, con el fin de que se pudiese celebrar
en ella el culto de N. S. de la Concepcion, y de
sus santos, segun se expresa en el presente
de la copia que se acompaña, y para que se
pudiese celebrar en ella el culto de N. S. de la
Concepcion, y de sus santos, segun se expresa
en el presente de la copia que se acompaña.*

**ARQUIVO PÚBLICO
PARANÁ**

*Tristão Pinto de Azevedo
Presidente*

*Tristão Pinto de Azevedo
Presidente*

Fonte: Arquivo Público do Paraná

Assim como os Clubes, as irmandades tinham “termos de compromisso”, e seus componentes tinham cargos administrativos, que para Chaves (2001) era quando os negros e negras se sentiam com um status social e conseguiam “chegar a postos que tinham importância: presidente, secretário, tesoureiro” (CHAVES, 2001, p.68). O compromisso tinha a finalidade trazer como funcionava a irmandade, e a gerência administrativa, que como já dito, dava status aos componentes. Era formada de maneira simples, sendo na maioria dos casos, composta por figuras principais como a presidência, a tesouraria, secretarias na figura de escrivão e demais funções, como também a função de mesários

Possuíam um estatuto, que era chamado de 'Compromisso', cuja finalidade era estabelecer como funcionaria a irmandade, as obrigações e os benefícios de cada um de seus membros. A gerência das irmandades era feita pelas mesas administrativas que na sua forma mais simples, eram compostas por um presidente, um tesoureiro, um escrivão, um procurador, um zelador e mesários, cujo número variava de acordo com cada uma delas. (GRIGIO, 2016 p. 33).

As irmandades e depois os Clubes tinham por finalidade trazer o lazer para negros e negras, o primeiro através da religião, e o segundo através de confraternizações como bailes, jantares dançantes, coquetéis, reuniões etc. Ambos ainda tinham por objetivo dar poder a negros e negras, sendo de maneira direta como manifestações, marcando presença na sociedade e espaços de lutas por identidade e organização social. Por exemplo, "irmandade representava um espaço de relativa autonomia negra, no qual seus membros em torno das festas, assembléias, eleições, funerais, missas e da assistência mútua" (REIS, 1996, p.4). Esses tipos de organizações ou associativismos marcaram o século XIX, o mesmo século em que houve a abolição da escravatura, mais precisamente em 1888. As irmandades tinham a intuição de garantir lugar ao negro na sociedade, negociar sua liberdade, sem o confronto direto para o fim da escravidão

As irmandades pretenderam construir uma alternativa política e social a partir de onde os negros negociavam um lugar na sociedade e muitas vezes até sua liberdade sem se investir no confronto direto com os senhores e menos ainda com pretensão de destruir o sistema de escravidão. (BEZERRA, 2014, p.123).

O século XIX foi marcado também por golpes contra os que eram escravizados. O fato de a Lei Áurea favorecer a elite branca, a Lei de Sexagenários era para pessoas que estavam idosas e que ainda deveriam indenizar seus senhores, são alguns exemplos.

2.1 O SÉCULO XIX, A PERSEGUIÇÃO E OS PSEUDO-DIREITOS PARA NEGROS E NEGRAS

O século XIX foi um marco de leis que garantiam "direitos" aos negros e negras escravizados, porém na prática todas as leis engessavam o certame e no final eram de favorecimento da elite/donos de escravos. Algumas leis eram criadas com o propósito de colocar calma em alvoroços que poderiam ocasionar revoluções

Para acalmar os “ânimos”, dizia-se existir algumas “conquistas”, como a Lei de 1831, que tornava ilegal o tráfico de escravos (VERGER,1987); a Lei do Ventre Livre de 1871 que dava liberdade aos negros nascidos no Brasil (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, p.1); a Lei dos Sexagenários que dava liberdade aos escravos acima dos 60 anos (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, p.1); e a Lei Eusébio de Queiróz que “Em 4 de setembro de 1850, Euzébio de Queiroz Coutinho Mattoso da Câmara [...] colocou praticamente fim ao tráfico de escravos, no ano seguinte” (VERGER, 1987, p.393). E, ainda tinha alforria, mas essa apresentava particularidades, como a compra da liberdade de escravos, feita por eles mesmo, por pessoas livres ou feita pelo Estado, mesmo que “a alforria seja no Brasil uma prática quase tão antiga quanto a da própria escravidão, numerosas barreiras, legais ou conjunturais sempre obstacularizavam” (MATTOSO, 2001, p. 181). E mais tarde a Lei Áurea de 1888, que dava fim a escravidão no Brasil.

A primeira das leis que é a Alforria poderia acontecer quando “a legislação autoriza a alforria dos ‘escravos da nação’, isto é, os que pertencem a toda nação por haverem chegado ilegalmente após a abolição do tráfico em 1831” (MATTOSO, 2001, p. 178). Ou de outras maneiras, como cônjuge de uma pessoa liberta, um escravo que encontrasse um diamante valioso, acima de 20 quilates, o escravo que denunciasse o senhor contrabandista, escravos que ultrapassassem as fronteiras do império e escravos que servissem como soldados (MATTOSO, 2001).

Além da Alforria existia a edição de várias leis no século XIX para tentar garantir “liberdade” para negros/as escravizados/as, como a Lei do Ventre livre, na qual negros nascidos de escravas eram livres, mas na prática não era de grande eficácia, pois

[...] a lei é bem menos liberal do que parece. Com efeito, a liberdade concebida aos nascituros fazia-se acompanhar de cláusulas restritivas terríveis, pois a lei estipula que o menor permaneça sob a autoridade do senhor e de sua mãe (MATTOSO, 2001, p. 177).

Apesar da edição de várias leis no século XIX para tentar garantir liberdade a população negra escravizada ou até mesmo acabar com a vinda ilegal dos afros em “navios negreiros”, não garantiu liberdade e nem que o negro e a negra fossem

inseridos na sociedade ou tivesse direitos e uma vida digna. Pierre Verger lembra que nesta época em que algumas leis foram aprovadas, entre as décadas de 1830 a 1850, o Governo brasileiro deportava os negros novamente para a África, pois o governo tinha medo que tivessem “intervenções na política” por parte dos negros alforriados:

Temia-se para o país as ‘consequências funestas de sua emancipação’ e a possibilidade da intervenção deles na política. Ao desejo de diminuir o seu número, mandando para fora do Brasil os escravos clandestinos aqui introduzidos, vinha acrescentar-se o de enviar para a África os antigos escravos emancipados (VERGER, 1987, p.359).

Já a lei dos sexagenários, que foi criada em 28 de setembro de 1885 que “emancipava”, ou seja, dava liberdade para negros e negras acima de 60 anos, não trazia a liberdade na prática, mas trazia ressarcimento aos senhores escravizadores. Pois, a lei determinava “que o escravo liberto deve indenizar seu senhor e, se incapaz de fazê-lo em dinheiro, [...] os escravos entre 60 e 62 anos trabalharão mais três anos, e os demais até aos 65 anos” (MATTOSO, 2001, p. 179). Mesmo a lei dos sexagenários dizendo que negros/as escravos seriam emancipados quando maiores de 60 anos, esses não conseguiam, caso não tivesse apoio de homens livres, sem esquecer que muitos tinham que indenizar seus “donos”, como casos em São Paulo que de 2.503 escravos que seriam libertos na lei, somente 50 não tiveram que trabalhar mais que o tempo estipulado, em 1887, como pode-se observar:

Ora, sabe-se que em 1887, no Estado de São Paulo, somente 2553 escravos foram libertos a coberto dessa lei, e entre eles 2503 o foram sob cláusulas que lhes impõem um tempo de serviço bem mais longo que o estipulado pela lei [...] Em geral, o escravo não tem leis. Para que possa beneficiar-se de todas as legais em seu favor, precisa contar com o apoio de homens livres (MATTOSO, 2001, p. 179).

Anos mais tarde, foi promulgada a Lei Áurea em 1888, mas na verdade “a liberdade anunciada pela Lei Áurea, por si só, não restituiu aos negros [...] a cidadania e a dignidade das quais gozavam enquanto libertos em seu país” (MONTEIRO, 2012, p.356). A abolição atendeu o interesse econômico de donos de escravos que estavam vendo como caro a manutenção de escravos, alcançou-se o trabalho livre, mas sem direitos, sendo um tipo de servidão por vontade própria

A questão do trabalho livre continua uma questão pendente. A abolição da escravatura, em 1888 (como a precária abolição da escravidão indígena em 1755), foi ato parcial só remotamente inspirado no eventual afã de liberdade dos cativos. Motivou-a o estrito interesse econômico dos grandes proprietários de terra, em face do encarecimento do trabalho escravo em relação a formas alternativas de trabalho livre. A abolição deixou para trás um multidão de negros e índios, e de mestiços de todos os matizes presos à sujeição de formas arcaicas de exploração do trabalho. Formas servis ou semi-servis que persistem até nossos dias de muitos modos e que alcançaram até mesmo pessoas de outras origens. A abolição abriu caminho para o trabalho livre, mas não necessariamente para a modernidade do trabalho assalariado. (MARTNS, 2004, p.12).

Anos antes e anos após a lei Áurea, os negros e as negras começaram a se organizar em movimentos e clubes para ter voz na sociedade e maior representatividade, como lembra Domingues (2007):

Para reverter esse quadro de marginalização no alvorecer da República, os libertos, ex-escravos e seus descendentes instituíram os movimentos de mobilização racial negra no Brasil, criando inicialmente dezenas de grupos (grêmios, clubes ou associações) em alguns estados da nação [...] De cunho eminentemente assistencialista, recreativo e/ou cultural, as associações negras conseguiam agregar um número não desprezível de 'homens de cor', como se dizia na época (DOMINGUES, 2007, p.103).

O negro para ter espaço na sociedade teve que lutar, pois o governo não se preocupou com o escravo recém-liberto. Segundo Carril (2006), não houve um ressarcimento e muito menos uma política de inserção do negro no país. Após na abolição, a população negra foi esquecida pelo Estado e por outros setores da sociedade.

[...] não houve um tratamento da questão do negro brasileiro por parte do governo e das instituições [...] Quando houve a abolição, também não existiu uma preocupação por parte do Estado em ressarcir ou proteger o ex-escravo (CARRIL, 2006, 165-166).

O processo de escravidão no Brasil foi longo e, mesmo depois de libertos, os negros e as negras, sem condições financeiras para subsistir, tiveram que se submeter a trabalhos forçados para ter direito a casa e a comida. Demorou muitas décadas para fossem independentes e tivessem dinheiro para ter uma vida digna. Como já foi salientado, a escravidão no país terminou tarde em relação ao mundo, como aponta Wachowicz (2010).

O Brasil foi uma das últimas nações emancipar seus escravos. [...] Não admira, pois, que o Brasil, cuja a maior fonte de riqueza ainda hoje é a agricultura, houvesse libertado seus escravos com um atraso de meio século [...] Toda a economia do país recaía sobre o trabalho servil (WACHOWICZ, 2010, p.168).

Como a “liberdade” de 1888 não trouxe direitos, os “ex-escravos” acabaram em empregos “menores” e com pouco espaço na vida social, situação muitas vezes alimentada por preconceitos e intolerância. Muitas piadas e gracejos contra os negros que podem ser ouvidas cotidianamente evidenciam esta situação. “[...] piadas e gracejos contra os negros no Brasil são culturais e históricos e estão amparados pela ideia do branqueamento imposta pela cultura europeia” (DEMARTINI, 2014, p.13). Desde a escravidão, no Brasil, o “racismo [...] se encontra implícito na vida social, de forma natural” (BATISTA, 2011, p.26).

Achavam que as leis tentavam dar “liberdade” para negros/as e a abolição da escravatura também. Mas, a Lei Áurea de 1888 não garantiu que o afro fosse inserido na sociedade ou tivesse direitos de uma vida digna. E as leis não garantiram o fim da negatividade na qual os negros e as negras eram vistos na sociedade, pois alimentava-se um estigma de inferioridade e incompetência, e não queriam que o país fosse “enegrecido”, pois a negritude era encarada como marginalidade, como traz Santos (2002):

Se durante a escravidão os negros já eram desprezados por serem considerados inferiores, após a Abolição esse desprezo só aumentou [...] Somando-se um mito após outro, inferioridade, vagabundagem, incompetência, foi se esboçando o perfil do homem negro como anticiência, como marginal. Essa visão racista- buscava afastar negros e brancos para que não houvessem misturas, para que não houvesse maior enegrecimento do país- operava em várias esferas

- 1) provar a todos de maneira sutil a inferioridade dos negros e a superioridade dos brancos;
- 2)atestar que no Brasil nunca houve barreiras raciais, todos eram tratados igualmente (estratégia contra possíveis revoltas);
- 3) gerar um sentimento de repulsa do branco pelo negro e de resignação do negro diante de sua própria inferioridade (SANTOS, 2002, p. 119).

A sociedade pós-abolicionista além de não dar espaço aos negros e negras na sociedade, ainda estigmatizou esses como vagabundos e marginais, e enalteceu a figura do branco como “piedoso” na figura da Princesa Isabel.

2.1.1 A estigmatização e a criação da figura “inferior” do negro e da negra no Brasil e no Mundo

A estigmatização dos negros como vagabundos e marginais vem de uma série de visões incrustadas na mentalidade do pensamento coletivo, ou seja no pensamento da sociedade. Entende-se por estigma uma cicatriz que advém de uma ferida, ou uma marca natural, e na linguagem histórica seria a marca com que o ferro quente deixava nos ombros de criminosos e de escravos (ESTIGMA,2020). Este seria

um termo presente na sociedade desde a Grécia Antiga, porém, é a partir da década de 60 do século XX, com Goffman [...] lhe foi atribuído conceitos que tomam a sociedade como participante do seu processo de formação. (SIQUEIRA; CARDOSO, 2011, p. 93).

Nas palavras de Goffman, o estigma que surge na Grécia antiga com as demarcações nas peles dos indivíduos, foi incorporado pela religião cristã para separar pessoas, e atualmente pode ser ligada à desgraça. Sendo que a sociedade, segundo ainda Goffman, tem o costume de categorizar sujeitos

Os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada; especialmente em lugares públicos. Mais tarde, na Era Cristã, dois níveis de metáfora foram acrescentados ao termo: o primeiro deles referia-se a sinais corporais de graça divina que tomavam a forma de flores em erupção sobre a pele; o segundo, uma alusão médica a essa alusão religiosa, referia-se a sinais corporais de distúrbio físico. Atualmente, o termo é amplamente usado de maneira um tanto semelhante ao sentido literal original, porém é mais aplicado à própria desgraça do que à sua evidência corporal [...] A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com "outras pessoas" previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua "identidade social" - para usar um termo melhor do que "status social", já que nele se incluem atributos como "honestidade", da mesma forma que atributos estruturais, como "ocupação" (GOFFMAN, 2004, p.5).

Muitas vezes essa categorização/estigma, que aponta Goffman (2004), pode se expressar no ato de se considerar como “figura inferior” o negro e a negra, isso seria a marca que a escravidão deixou. A marca de um negro e de uma negra inferiorizados, marginalizados, que estariam ali para servir. Essa servidão e/ou “subordinação e a sujeição política e econômica dos negros foram, inicialmente, justificadas pela conquista e pela força dos senhores e, apenas mais tarde, pela inferioridade biológica e ou cultural” (GUIMARÃES, 1999, p. 18).

A criação dessa imagem se deu então através do pensamento escravagista, de algumas correntes de conhecimento e, ainda, por algumas ideologias culturais.

a) *O pensamento do sistema escravagista*

O sistema escravagista trazia a defesa de que homens poderiam ser propriedades de outros, como se fossem objetos da economia, pois alguns “panfletários dos anos 1850 não se limitaram a defendê-la sob a alegação pouco razoável de que os escravos, apesar de homens, eram legítima propriedade de seus senhores” (CARDOSO; FRAGOSO; CASTRO; VAINFAS, 1988, p.46).

Essa ideia de escravos como propriedade e objeto da economia esteve presente em vários países do mundo. Na América, Harari (2018), alerta que teve por base escravos do Vietnã e do Senegal, e se deram por três motivos – o primeiro pelo fato de o continente africano ser mais perto do americano facilitando a importação, o segundo pelo fato de no continente africano já existir comércio de escravos e o terceiro motivo seria a “imunidade” de africanos a doenças como malária e febre amarela que eram presentes em regiões como Virgínia (EUA), Brasil e Haiti.

Porém, essa “superioridade genética” era somente em relação à imunidade às doenças, e não social, já que negros foram escravizados, e mais tarde rotulados como inferiores pela ciência. Essa inferiorização do negro definiu duas castas a “branca” como “superior” e a “negra” sendo a “inferior”, como na Índia, onde existem castas, ou setores da sociedade considerados melhores que outros

Paradoxalmente, a superioridade genética (em termos de imunidade) se traduziu em inferioridade social: precisamente por estarem mais adaptados a climas tropicais do que escravos provenientes da Europa, os africanos terminaram como escravos de senhores europeus! Devido a esses fatores circunstanciais, as novas sociedades em desenvolvimento no continente americano foram divididas em uma casta dominante de europeus brancos e uma casta subjugada de negros africanos (HARARI, 2018, p. 148).

Essa superioridade genética, pra o pensamento escravagista mostrava que o negro e a negra aguentavam mais o trabalho servil, diferente de outras etnias como, por exemplo, os/as indígenas. Porém, o processo de trabalho escravo de indígenas pelos europeus era intenso e forçado, o que não era de costume desta etnia, já que produziam para a sua subsistência, e a sua energia era gasta mais em relação a sua cultura

A escravização do índio chocou-se com uma série de inconvenientes, tendo em vista os fins da colonização. Os índios tinham uma cultura incompatível com o trabalho intensivo e regular e mais ainda compulsório, como pretendido pelos europeus. Não eram vadios ou preguiçosos. Apenas faziam o necessário para garantir sua subsistência, o que não era difícil em uma época de peixes abundantes, frutas e animais. Muito de sua energia e imaginação era empregada nos rituais, nas celebrações e nas guerras. As noções de trabalho contínuo ou do que hoje chamaríamos de produtividade eram totalmente estranhas a eles. (FAUSTO, 1996, p.28).

Como os indígenas não se acostumaram com o trabalho escravo, e ofereciam resistência, os colonizadores decidiram partir para a mão de obra escrava negra, pois não teria como haver resistência e muito menos fuga em um território em que os negros desconheciam, Fausto (1996).

Sendo assim, o negro foi trazido em navios negreiros para a Colônia portuguesa a fim de alavancar a economia fazendeira, porém não existem registros precisos sobre os primeiros da casta negra no país, sendo aceita por alguns que essa chegada foi em 1538, para a mão de obra no cultivo de cana-de-açúcar, tabaco e algodão e mais tarde em minas e fazendas, como observa o Geledés - Instituto da Mulher Negra:

Não existem registros precisos dos primeiros escravos negros [...] A tese mais aceita é a de que em 1538, Jorge Lopes Bixorda, arrendatário de pau-brasil, teria traficado para a Bahia os primeiros escravos africanos. Eles eram capturados nas terras onde viviam na África e trazidos à força para a América, em grandes navios, em condições miseráveis e desumanas. [...] Seu papel de agora em diante seria servir de mão-de-obra para seus senhores, fazendo tudo o que lhes ordenassem, sob pena de castigos violentos. Além de terem sido trazidos de sua terra natal, de não terem nenhum direito, os escravos tinham que conviver com a violência e a humilhação em seu dia-a-dia. [...] O escravo tornou-se a mão-de-obra fundamental nas plantações de cana-de-açúcar, de tabaco e de algodão, nos engenhos, e mais tarde, nas vilas e cidades, nas minas e nas

fazendas de gado (GELEDÉS, 2012).

Uma indagação que se levanta é como não existiu uma aliança de negros escravos e indígenas que também foram escravizados contra o malfeitor em comum, o senhor branco. A resposta mais plausível é que na época criara-se o mito de que negros escravos eram felizes com a sua condição de submissos, e ainda foi criada a ideia de oposição do negro e o indígena, pois “o mito da oposição negro-índio impedia a formação de uma aliança das raças exploradas contra a raça dominante [...] dividir para reinar” (BASTIDE, 1974, p.69).

Essa rivalidade foi um mito sustentado pelos brancos, para que negros e índios juntos não se rebelassem. É como se a “agressividade do negro, foi, na maioria das vezes, dirigida contra o índio, enquanto, reciprocamente, era o índio dirigido contra o negro” (BASTIDE, 1974, p.70). Ódio até mesmo representado como “espetáculo folclórico”, por exemplo, quando indígenas e mamelucos (descendentes de branco e indígenas) venceram a resistência do Quilombo dos Palmares, em Alagoas, falando que negros foram capturados e vendidos pelos índios aos brancos (BASTIDE, 1974).

Por tudo isso, percebe-se que o sistema escravagista marcou a presença de uma casta superior, representada pelo branco europeu, e duas castas inferiores, de início a casta indígena, os habitantes desta terra que foram escravizados, mas morriam pois tais trabalhos forçados não faziam parte de sua cultura, e depois a casta dos negros que quando trazidos para terras sul-americanas para trabalhar desde lavouras, até em serviços domésticos. A hierarquização tinha como propósito atender as demandas e interesses dos dominantes que queriam manter seu poder, como por exemplo, o sistema de Castas na Índia, com a invasão indo-ariano no continente indiano, e em relação à América moderna dos séculos XVI a XVIII, que importaram escravos africanos para trabalhar “em minas e plantações” (HARARI, 2018). E o resultado foi a figura de um negro e uma negra marginalizado/a, que nasceu para servir, e de um indígena ligado ao que se entende por selvagem.

b) As correntes de conhecimento que apoiavam a escravidão

Outro discurso legitimador de “raças superiores” e de “raças inferiores” surgiram na Ciência também, principalmente a partir do século XIX que tem como característica o discurso da diferença física e a transmissão hereditária

[...] somente no século XIX, que o termo raça passa a ser utilizado para designar a idéia de diferenças físicas transmitidas hereditariamente. No século XVIII, devido a todos os elementos apresentados (crença na igualdade universal, na perfectibilidade dos homens, etc.), as diferenças biológicas não são consideradas (SANTOS, 2002, p.47).

Rangel (2015) considera que o termo 'raça' começou a ser utilizado no século XIX pelo naturalista Georges Cuvier que, como recupera ainda a autora, traz o conceito de heranças físicas permanentes, sendo assim existia diferenciados tipos de seres humanos e esses "apresentam heranças físicas permanentes, ou seja, cada povo apresenta 14 características hereditárias que serão passadas adiante. Essa introdução levou ao debate sobre as origens da humanidade" (RANGEL, 2015, p. 13-14).

Rangel (2015) ainda lembra que a hipótese de que a humanidade apresentaria uma herança física permanente e com peculiaridades hereditárias alimentou dois tipos e visões sobre a origem dos homens e das mulheres, a visão Monogenista atrelada à religião que pregava uma origem única (lembrando que a igreja católica em suas escrituras coloca o negro como diferente e amaldiçoado na humanidade), e também a visão Poligenista que traz que os seres humanos são de diferentes tipos de origens.

De um lado estava a visão monogenista de cunho religioso, que acreditava que a humanidade era una. Isto é, todos os seres teriam se originado de uma fonte comum. A outra visão era a poligenista que considerava que a humanidade teria surgido de vários centros de criação. Esta explicação contribuiu para o fortalecimento de uma interpretação biológica, pois separava os povos atribuindo a cada um uma procedência distinta (RANGEL, 2015, p. 14).

Logo, o monogéismo tinha uma forte ligação com o catolicismo, baseada na ideia de que o homem é feito à semelhança de Deus, como se todos viessem de uma única origem. Já o poligenismo, contesta essa ideia sacramental, trazendo as diferenças biológicas como pauta principal ao falar das peculiaridades humanas, como ressalta Silva e Batista (2010)

[...] o monogenismo, pensamento este baseado nos estudos bíblicos e na crença de um pai universal (Adão), onde o homem teria se originado de uma fonte comum, portanto a humanidade seria uma, sendo assim, os diferentes tipos de homem eram produto da maior degeneração ou perfeição do Éden, indo do mais perfeito ao menos perfeito, com uma maior ou menor aproximação do paraíso. E do poligenismo, que surge para contestar os dogmas monogenistas da

igreja, e fortalecer uma interpretação biológica na análise do comportamento humano, que passam a ser visto como resultado das leis biológicas e naturais (SILVA; BATISTA, 2010, p.7).

Outra característica dos Monogenistas era que a humanidade teria somente as suas diferenças resultadas de fatores climáticos e culturais; e os Poligenistas caracterizavam por serem de diferentes linhagens de seres humanos, ou seja, diversas origens, como dito anteriormente. Essas classificações eram divididas ainda em evolucionistas (discurso ecológico) e racistas (discurso embasado na raça), sendo assim os

[...] evolucionistas e racistas. Os primeiros acreditando nos mesmos argumentos ecológicos partilhados pelos monogeístas, e os segundos defendendo arduamente os argumentos biológicos segundo os quais o destino dos povos é determinado por sua raça (SANTOS, 2002, p.48).

Essas visões podem ser observadas em algumas noções iluministas como, por exemplo, o culto ao perfeito e origens separadas para dar embasamento para algumas correntes científicas racialistas. Pois, o século XVIII, o século do Iluminismo, em que o desenvolvimento intelectual estava a todo vapor desde o Renascimento (séculos XIV a XVI), era caracterizado por discursos científicos ligados a uma ideia de raça pura, padronização do ser humano e influências climáticas nas características humanas, ou seja:

[...] alguns elementos da filosofia natural elaborada pelos iluministas são resgatados e, somados a outros, emergentes, adquirem um novo sentido. Noções como as de perfectibilidade, influências climáticas e origens separadas somam-se as novas ciências (frenologia, antropometria e eugenia). (SANTOS, 2002, p.47).

A diferença, ainda segundo Santos (2002), é que para os Iluministas as desigualdades estavam ligadas à diversidade humana, já para evolucionistas e racistas não existia desigualdades sociais, já que “evidente são as diferenças raciais expostas em distintas sociedades [...] a ideia de raça passa a funcionar como catalisador e solução para todos os problemas” (SANTOS, 2002, p.48).

Sendo assim, alguns autores do século XIX recuperavam pensamentos iluministas, mas “não de maneira uniforme” (SCHWARCZ, 1993). Visões embasadas em uma sociedade única, de uma origem, e literaturas que ressaltavam as diferenças entre os seres humanos. Schwarcz (1993) traz na figura de Rousseau a defesa de uma sociedade singular, e autores como Buffon e De Paw pensamentos que ressaltavam as discrepâncias entre os indivíduos.

Esse debate, [...] remete, no entanto, as questões anteriores que exigem um breve retorno aos modelos de reflexão do século da Luzes, sem o que esta caracterização ficaria incompleta. Com efeito os teóricos raciais do século XIX referiam-se constantemente aos pensadores do século XVIII, mas não de maneira uniforme. Enquanto a literatura humanista em especial Rousseau apareciam como seus principais antagonistas- em sua defesa de uma noção de uma humanidade una-, autores como Buffon e De Paw eram apontados como grandes influências quando se tratava de justificar diferenças essenciais entre os homens. (SCHWARCZ, 1993, p.43).

Schwarcz (1993) aponta que Rousseau tinha uma visão de 'perfectibilidade', mas ela era atrelada à capacidade de superação e liberdade, e procurava entender o homem que era tão diferente da experiência ocidental, e tinha um ideal de 'bom selvagem'. No movimento contrário de Rousseau, no século XVIII, existiam teóricos que traziam uma visão negativa do selvagem, atrelada à inferiorização, autores como o naturalista Buffon e o teórico De Paw trazem uma imagem negativa dos homens americanos (Schwarcz, 1993).

Buffon, segundo ainda , Schwarcz (1993), coloca o 'Novo mundo' como uma terra dotada de carência e sem evolução de suas espécies, isso na sua obra a tese 'infantilidade do continente'; já De Paw traz uma ideia de 'degeneração', que no ideal de espécies inferiores seriam degeneradas, sendo até mesmo um tipo de patologia.

No século XIX as discrepâncias raciais passam a ser temas que embasam a ciência, e "raça" passa a ser meio de resolução de problemas, esse século foi marcado pela produção e hipóteses que "investigavam" as condições físicas para justificar realidades, comportamentos e caráter dos homens e das mulheres. Algumas correntes como a antropometria, eugenia, frenologia e darwinismo social influenciaram a ciência. Tal surgimento acarretou na influência de uma "nova concepção da diversidade" (SANTOS, 2002).Tais correntes podem ser vistas a seguir.

A Antropometria e a frenologia tem por princípio a determinação do indivíduo e da sua capacidade devido ao "tamanho e proporção do crânio e cérebro dos diferentes povos" (RANGEL, 2015, p.14). A Frenologia e a antropometria tiveram a base quantitativa a partir da "craniologia técnica" do antropólogo suíço Andrés Ratzius que media o índice cefálico, facilitando as várias visões sobre o cérebro humano (SCHWARCZ, 1993).

Essas correntes têm como um dos principais expoentes o médico Césare

Lombroso. O teórico italiano na segunda metade do século XIX, afirmava que a “criminalidade” era um fenômeno ligado ao físico e hereditariedade, que poderia ser vistos nos diferentes povos ou sociedades, e ainda, exerce influência nos estudos sobre loucura, que usava a frenologia para fazer análise de tratamento ‘moral’, fazendo uma ponte entre loucura individual e a degeneração racional (SCHWARCZ, 1993).

A degeneração racional como fator na análise da moral é definida por Lombroso (2010), como demência moral, quando ligado a criminalidade, é devido aos maus hábitos na infância, resultando em indivíduos “briguetos” e “debochados”

como a demência moral se originou só por falta de todo freio nos excessos desde a infância, cujos maus hábitos não interrompidos pela educação, seria como uma continuação [...] Não sentem quando o seu comportamento se torna penoso à sua família. Ficam indisciplinados, descuidados, briguetos. O ócio, o onanismo e o deboche, as excitações de todo tipo são os grandes estágios que percorrem aquela exaltação, dita demência racional, que os leva irresistivelmente à ação. (LOMBROSO, 2010, p.71).

Lombroso (2010), assim como o precursor da antropometria e frenologia, o antropólogo suíço Andrés Ratzius que levava em conta o tamanho da cabeça do indivíduo como fator de determinador de caráter, os indivíduos tinham a conduta definida pelas anomalias do crânio. Sendo assim, os “dementes morais a grande freqüência das anomalias crânicas e fisiognomônicas [...] caracterizadas muitas vezes no réu nato” (LOMBROSO, 2010, p.196).

Os lábios carnudos, boca grande, arcada dentária mal formada, mulheres com traços considerados masculinizados, são considerados, segundo Lombroso (2010) “dementes morais”, ou seja, “criminosos”

A fisionomia dos famosos delinqüentes reproduziria quase todos os caracteres do homem criminoso: mandíbulas volumosas, assimetria facial, orelhas desiguais, falta de barba nos homens, fisionomia viril nas mulheres, ângulo facial baixo. Em nossas tabelas fotolitográficas do álbum germânico observar-se-á que 4 entre 6 dos dementes morais têm verdadeiro tipo criminal. Menores são talvez as anomalias no crânio e na fisionomia dos idiotas, em confronto com os criminosos, o que se explicaria pelo maior número de dementes morais, ao menos no manicômio, surgidos na idade tardia, motivada por tifo, etc (LOMBROSO, 2010, p.197).

Lombroso (2010) diz que os criminosos têm “demência no sangue”, passados desde o seio materno, resultando em pessoas egoístas e sem senso moral. Estão sempre em guerra contra a sociedade, são indivíduos que freqüentemente figuram

nas agitações políticas. (LOMBROSO, 2010, p.201).

Já o Darwinismo social fez com que as teorias racialistas ganhassem força no seu discurso. A partir do pensamento “**evolução das espécies**” do naturalista britânico Charles Darwin (1809-1882), alguns conceitos do racismo são legitimados, ou seja, o conceito de “raça” é levada ao radicalismo, já que no ponto de vista darwiniano sobreviveria a espécie mais forte e adaptável ao meio, como traz Santos (2002):

Entretanto, foi com a evolução do darwinismo e sua aplicação no mundo antropológico- social que a questão da raça ganhou um enfoque mais radical. Baseados nos princípios da evolução da espécie e da seleção natural, os darwinistas acreditavam numa raça pura, mais forte e sábia que eliminaria as raças mais fracas e menos sábias, desenvolvendo, portanto a Eugenia. (SANTOS, 2002, p.51).

Mesmo o Darwinismo social servindo de respaldo para teorias de “raça”, tal pensamento entrava em conflito com outros pensamentos de cunho racista, por exemplo, a ideia de Determinismo racial de Gobineau. Enquanto o Darwinismo social acreditava que as “raças” fracas seriam eliminadas, por serem inaptos e fracos, o Determinismo racial acreditava na degeneração com a miscigenação (SANTOS, 2002).

Santos (2002) ao recuperar Banton (1977) traz algumas características do Darwinismo Social que seriam a variabilidade (não há duas espécies e tipos permanentes), hereditariedade (características são herança e não adquiridas), fecundidade excessiva (muitos indivíduos gerados mais além do que a necessidade), seleção (variações acidentais favoreciam os indivíduos).

O Darwinismo Social acabou por influenciar alguns pensadores no século XIX, mas tais conceitos bebem das obras de Hebert Spencer. Charles Darwin ao escrever *The Origin of Species* incorpora os conceitos da doutrina evolucionista spencirista:

Em 1859, Charles Darwin publicou *The Origin of Species*. Spencer assimilou prontamente os novos conceitos darwinianos, que afinavam com seus próprios ensinamentos, e, caracteristicamente, observou que fôra o primeiro a descobrir tais conceitos (TIMASHEFF, 1965, p.51).

Spencer fala da questão de sobrevivência dos indivíduos, onde os mais fracos estariam predestinados a desaparecer e os mais fortes/conquistadores sobreviveriam, os civilizados seriam os fortes e os não civilizados os mais fracos, ou seja, a partir das “últimas obras de Spencer podem-se encontrar expressões como ‘sobrevivência do mais apto’, e afirmações como a de que a vitória de um povo sobre o outro tem sido, fundamentalmente, a vitória social sobre o anti-social” (TIMASHEFF, 1965, p.51).

Sobre essa ideia de sobrevivência do mais apto, Hebert Spencer, em “The Study of Sociology” traz a ideia da sobrevivência do mais apto, na qual ele traz que os componentes de uma sociedade dependem um do outro para sobreviver, é necessário uma dependência mútua para a sobrevivência, é necessário uma adaptação do sistema e uma evolução deste para que haja vida na sociedade

Começando com um animal composto de partes iguais, vivendo por si mesmos, em que condições somente pode haver estabelecer uma mudança, de modo que uma parte venha a executar uma tipo de função e outra parte outro tipo? Evidentemente cada parte pode abandonar o estado original em que cumpriu todas as necessidades vitais e pode assumir um estado em que preenche exceder alguma necessidade vital única, apenas se suas outras necessidades vitais forem cumprida por outras partes que, entretanto, se comprometeram outras atividades especiais. Uma porção de um agregado vivo não pode dedicar-se exclusivamente à função respiratória, e deixar de obter nutrientes por si só, a menos que outras porções que ocupada exclusivamente na absorção de nutrientes, dê-lhe uma fornecimento devido. Ou seja, deve haver troca de serviços. A organização em uma criatura individual é possível apenas por dependência de cada parte em todos e de todos em cada um. Agora obviamente isso também se aplica à organização social. Um membro de uma sociedade primitiva não pode se dedicar a uma ordem de atividade satisfaz apenas um de seus desejos pessoais, cessando assim atividades necessárias para satisfazer seus outros desejos pessoais, a menos que aqueles em benefício de quem ele exerce sua atividade especial em excesso, dê-lhe em troca os benefícios de suas atividades especiais [...] Se ele se tornar um cultivador do solo, não mais se defendendo, ele deve ser defendido por aqueles que se tornaram defensores especializados. Naquela ou seja, a dependência mútua de partes é essencial para o início e o avanço da organização social, assim como para o início e avanço da

organização individual.(SPENCER, 1873, p. 332, tradução nossa)⁴.

Além da ideia de sobrevivência e de adaptação e de servidão mútua, Spencer traz que os mais fracos sumiriam, de que existiria um povo mais civilizado mais do que outro e, ainda, de que os civilizados teriam vitória em relação aos não civilizados, Spencer ainda dizia, que quem era viciado e desperdiçava a vida eram fracos, e “os doentes e estropiados não deveriam ser protegidos” (TIMASHEFF, 1965, p.62). Para o teórico a natureza tinha a tendência de livrar-se daqueles que não conseguiam lutar e eram desprovidos de inteligência e força

Spencer [...] queria demonstrar pela sociologia, que os homens não devem interferir nos processos naturais que se verificam na sociedade [...] Julgava também a natureza dotada de uma tendência providencial para livrar-se dos incapazes e acolher os melhores. Quais os melhores? Dizia que não eram os moralmente superiores, mas, antes de tudo, os mais saudáveis e mais inteligentes (TIMASHEFF, 1965, p.62).

A rotulação de raças fracas alimentou um ataque às etnias consideradas inferiores, Santos (2002) traz que o Darwinismo social “coroou” o racismo que vinha se estendendo ao longo do século XIX e tornou “inevitável” o ataque às “raças” estigmatizadas como “inferiores”. Para Spencer “preservar” fracos não era bom, e os mal dotados tinham tendência a sumir.

Diversos das doutrinas que apresentei sob seus aspectos biológicos, são doutrinas admitidas em graus consideráveis. O conhecimento das leis da vida que elas reuniram incidentalmente, muitos levam a suspeitar que aparelhos para preservar os fracos fisicamente trazem resultados que não são totalmente bons. Outras ocasionalmente, há vislumbres de males causados pela promoção do imprudente e do

⁴ Beginning with an animal composed of like parts, severally living by and for themselves, on what condition only can there be established a change, such that one part comes to perform one kind of function, and another part another kind? Evidently each part can abandon that original state in which it fulfilled for itself all vital needs, and can assume a state in which it fulfils in excess some single vital need, only if its other vital needs are fulfilled for it by other parts that have meanwhile undertaken other special activities. One portion of a living aggregate cannot devote itself exclusively to the respiratory function, and cease to get nutriment for itself, unless other portions that have become exclusively occupied in absorbing nutriment, give it a due supply. That is to say, there must be exchange of services. Organization in an individual creature is made possible only by dependence of each part on all, and of all on each. Now this is obviously true also of social organization. A member of a primitive society cannot devote himself to an order of activity which satisfies one only of his personal wants, thus ceasing the activities required for satisfying his other personal wants, unless those for whose benefit he carries on his special activity in excess, give him in return the benefits of their special activities. If he makes weapons instead of continuing a hunter, he must be supplied with the produce of the chase on condition that the hunters are supplied with his weapons. If he becomes a cultivator of the soil, no longer defending himself, he must be defended by those who have become specialized defenders. That is to say, mutual dependence of parts is essential for the commencement and advance of social organization, as it is for the commencement and advance of individual organization. (SPENCER, 1873, p. 332)

estúpido. Mas suas suspeitas e escrúpulos falham em determinar sua conduta, porque a inevitabilidade das consequências ruins não foram suficientemente esclarecidas pelo estudo de Biologia em geral. Quando inúmeras ilustrações têm mostrado a eles que toda força, toda faculdade, todo condicionamento físico apresentavam por tudo isso, surgiu em parte pelo crescimento de cada consequente exercício, e em parte pelos mais sobre vida frequente e maior multiplicação dos indivíduos mais bem dotados, implicando o desaparecimento gradual dos mais mal-dotados - quando se vê que toda perfeição, corporal e mental, foi alcançada através deste processo; enquanto a reversão do mesmo traria decadência universal (SPENCER, 1873, p. 353-354, tradução nossa)⁵.

Porém, a teoria de Hebert Spencer não significava que Charles Darwin fosse um Darwinista social, pois seu objetivo era problematizar a biologia (ganhando o título de inventor da moderna Teoria da evolução biológica), e o mesmo autor via contrastes na relação entre questões biológicas e sociais (TIMASHEFF, 1965).

Sendo assim, os Darwinistas sociais achavam que evolução biológica poderia ser empregada na sociologia (TIMASHEFF, 1965), e cada qual com suas diferenças desde a relação entre sociedade e indivíduo, a sociedade como uma rede de relações até o individualismo, como demonstra Timasheff:

O darwinismo social sustentou pontos de vista divergentes nas relações entre a sociedade e o indivíduo. Bagehot e Gumpłowicz viram o indivíduo completamente imerso na sociedade. Ratzenhofe, pelo contrário, viu a sociedade meramente como uma rede de relações interpessoais, ponto de vista não muito distante do individualismo spenceriano. A posição de Sumner foi bastante ambígua: através de *folkways* e *mores* presumir-se-ia que a sociedade dominasse completamente a vida humana; [...] defensor do extremo individualismo (TIMASHEFF, 1965, p. 100).

Os Darwinistas sociais tinham como ideal a sobrevivência do mais apto, ou seja, para eles “a sobrevivência do grupo mais apto foram acentuadas por Bagehot, Gumpłowicz e Ratzenhofe, enquanto os *folkways* mais aptos determinam o estado

⁵ Sundry of the doctrines I have presented under their biological aspects, are doctrines admitted in considerable degrees. Such acquaintance with the laws of life as they have gathered incidentally, lead many to suspect that appliances for preserving the physically-feeble, bring results that are not wholly good. Others there are who occasionally get glimpses of evils caused by fostering the reckless and the stupid. But their suspicions and qualms fail to determine their conduct, because the inevitableness of the bad consequences has not been made adequately clear by the study of Biology at large. When countless illustrations have shown them that all strength, all faculty, all fitness, presented by every thing, has arisen partly by a growth of each power consequent on exercise of it, and partly by the more frequent survival and greater multiplication of the better-endowed individuals, entailing gradual disappearance of the worse-endowed--when it is seen that all perfection, bodily and mental, has been achieved through this process, while reversal of it would bring universal decay (SPENCER, 1873, p. 353-354).

de uma sociedade [...] com Summer” (TIMASHEFF, 1965, p. 100). O que também ressalta Santos (2002) ao dizer que o Darwinismo Social vem para “coroar” a teoria das raças, ou seja, legitima o discurso da existência de raças mais fracas e a necessidade de dominação para a sobrevivência.

Outra corrente era o Determinismo racial. Essa teoria tem como uma das bases o pensamento de Joseph Arthur de Gobineau, sociólogo que pretendia descobrir um dos motivos pelo retrocesso da França (TIMASHEFF, 1965). Gobineau via os alemães inferiores aos franceses, e os ingleses como uma raça pura, usava como argumento os traços fenotípicos como meios de desenvolvimento social, pois para o teórico fanatismo, religião ou até mesmo corrupção não eram fatores para a decadência de uma sociedade, porém o quesito raça sim, como aborda Timasheff (1965):

As circunstância raciais [...] dominam todos os problemas fundamentais da História. [...] desigualdade das raças, então, é suficiente para explicar os destinos dos povos: as raças superiores são capazes e progresso substancial enquanto outras, como os índios americanos, são social e culturalmente limitadas por sua herança racial.(TIMASHEFF, 1965, p. 76).

Thimasheff (1965) traz que Gobineau considerava a raça ariana como o que é mais “alto na raça branca” e que a maioria das conquistas advém desta. O teórico ainda dizia que os conquistadores que se envolviam com os conquistados, eram levados à “decadência racial” e “declínio cultural”. Essas ideias de Gobineau influenciaram civilizações no final do século XIX e XX, como a exclusão latino-americana com o ideal de America anglo-saxônica e o Nazismo (1933-1945).

No fim do século XIX suas opiniões foram amplamente introduzidas na Alemanha através da obra de Houston Stuart Chamberlain (1855-1927) [...] influiu profundamente no Imperador Guilherme II e em inúmeros homens que o circundavam [...] Tais doutrinas racistas foram retomadas, posteriormente, pelo nacional-socialismo, o Nazismo de Hitler. Também colaboraram para o aparecimento do anglo-saxonismo, ponto de vista largamente espalhado nos Estados Unidos no fim do século XIX e princípio XX, e que escreveu certo papel na formação da lei de restrição à imigração, de 1924 (cujos dispositivos básicos são ratificados na lei de 1952). (TIMASHEFF, 1965, p. 77).

Gobineau era Conde, e também foi representante da França em solos brasileiros em 1869 (SOUZA, 2006). Ele defendia a supremacia branca na sua obra *Essai sur l'inégalité des Races humaines*, pois ligava o baixo desenvolvimento às

desigualdades raciais, onde a mistura de raças levava a uma civilização degenerada, ou seja, acreditava que a culpa pela “queda de todas as grandes civilizações, como os persas, os romanos e mesmo a civilização europeia de seu tempo era uma só, a miscigenação que maculava as raças em sua pureza causando a degeneração do ser humano (SOUZA, 2006, p.1).

A teoria de Gobineau, era ligada ao racismo, sendo assim a intolerância à traços fenotípicos diferentes dos brancos, como se pode observar em suas cartas ao falar do Brasil, país do Imperador D. Pedro II, com o qual ele tinha grande proximidade, mas isso não impedia que Gobineau considerasse brasileiros uma raça “raqútica” e “repugnante” por ter descendências negras e indígenas. (SOUZA, 2006, p.1).

Existia também a Eugenia. Corrente que, segundo Santos (2002), era o fruto da legitimação do discurso racista a partir dos Darwinistas sociais, pois “não tardou para que os darwinistas sociais incentivassem o preconceito racial como forma de eugenia” (SANTOS, 2002, p.52).

Porém, os Darwinistas Sociais têm como base Hebert Spencer, que se considerava o primeiro ao conhecer os termos ligados ao Darwinismo Social, termos como variabilidade, hereditariedade, fecundidade excessiva, seleção como já fora abordado por Santos (2002) ao citar Banton (1977). Porém, a ideia de Eugenia também usam como base o pensamento de Charles Darwin, que evitava falar de seleção natural e de que os seres humanos descenderiam de um animal inferior (CONT, 2008).

Isso não impediu que o primo de Darwin, Francis Galton (1822-1911) não aplicasse a teoria de seleção natural do ser humano, e criou o termo Eugenia sociológica, ou seja, com a ideia “de aplicar os pressupostos da teoria da seleção natural ao ser humano, [...] reunindo duas expressões gregas, cunhou o termo ‘eugenia’ ou ‘bem nascido’”(BLACK, 2003, p. 56 apud CONT, 2008, p.202).

Assim a partir dos pressupostos Galtonianos identificavam-se as melhores espécies de animais, com as melhores características para a reprodução, e as piores, com peculiaridades degenerativas eram evitadas no quesito reprodução como aponta Stepan (1991) lembrado por Cont (2008).

Para Galton, através de suas pesquisas, os dados (registro e análise estatística) com as características dos progenitores/ancestrais passavam à descendência poderia provar a sua ciência (CONT, 2008). A partir das leituras de Galton, percebe-se que ele usava o termo Eugenia para a melhora da genética, e o ato de evitar más formações.

Dividindo-se em Eugenia positiva: Técnicas que melhoram a genética humana e Eugenia negativa: Evitar o nascimento de seres com más formações congênitas graves, logo, Galton fazia a análise e o registro de características que para ele revelava que não havia cruzamento de indivíduos de características antagônicas por falta de condições ambientais para isso, e, ainda o teórico dizia que poderia-se rastrear comportamentos degenerados como vícios, prostituição, vadiagem etc. e evitá-los. (CONT, 2008).

Tais pesquisas de Galton eram feitas através de seu centro de pesquisa, onde oferecia dinheiro para as pessoas para poder fazer registros científicos, o Anthropometric Laboratory, e assim analisar as características físicas e também psicológicas dos indivíduos

Com o propósito de estabelecer um conjunto de dados empíricos que justificassem a hereditariedade da genialidade na Exposição Internacional de Saúde de 1864, em Londres, Galton abriu o seu Anthropometric Laboratory, (Laboratório Antropométrico) com o qual procurou registrar, através de questionários, características físicas e intelectuais, oferecendo recompensas em dinheiro para a história familiar mais abrangente. (CONT, 2008, p. 204).

Em suas pesquisas Galton chegou afirmar que existia uma decadência racial na Inglaterra, no caso tais afirmações foram realizadas para o “Congresso Demográfico de 1894”, no qual o teórico afirmava que as classes menos dotadas, ou pode-se dizer degeneradas, superariam as classes superiores, chegando a dizer que era necessário que pensadores e o Estado realizassem técnicas de melhoramento genético, como o apoio de matrimônios de “melhores membros da sociedade” e a proibição do casamento de seres humanos “menos dotados” (CONT, 2008, p. 205).

A partir das teorias racialistas apresentadas, pode-se observar a ascensão do discurso racista no mundo e que tais pensamentos apoiavam a exclusão social, ou seja,

serviram para justificar diferenças de tratamento e de estatuto social entre os diversos grupos étnicos presentes nas sociedades ocidentais e americanas, conduzindo, quase sempre, a um racismo perverso e desumano, genocida, às vezes. (GUIMARÃES, 1999, p.147).

Os diferentes tratamentos de indivíduos que tinham traços fenotípicos e características físicas como cabelo, tamanho do crânio discrepante da padronizada ou deficiências físicas podem estar justificadas no racialismo, que Guimarães (1999) chama de subdivisões da espécie humana, podem ser um dos motivos pela dizimação de vidas devido aos maus tratos ou atentados contra a vida dos negros, indígenas, judeus etc.

Um exemplo é o Nazismo, que teve por base o pensamento de Gobineau, que dizia a raça Ariana era a mais pura e desenvolvida, já que estas não tinham misturas/miscegenação com “raças” rebaixadas. Tais posicionamentos caíram em desuso, principalmente pela biologia, que começa a usar o termo população e/ou etnia

[...] o conceito de ‘raça’ perdeu importância científica, sendo parcialmente abandonado pela biologia [...] Os conceitos de ‘população’, em biologia, e de ‘etnia’, em ciências sociais, deveriam então substituir o conceito de ‘raça’, ele mesmo transformado, doravante, em tropo para desatualização científica ou racismo, tout court. (GUIMARÃES, 1999, p.148).

Os negros e as negras sofreram a mesma perseguição e aniquilamento como judeus. Por serem considerados seres inferiores, seja pela igreja ou pela ciência, os africanos e seus descendentes foram escravizados e mortos em sistemas sociais como o Brasil, e na América como um todo, como por exemplo a perseguição do Ku Klux Klan a pessoas “de cor”.

c) As ideologias culturais que apoiavam a escravidão

A idéia de “raças” inferiores, ou a idéia de exclusão de indivíduos considerados “menos desenvolvidos”, embasada nas suas características discrepantes pode ser encontrada também no discurso da crença/religião principalmente antes do século

XIX.

No discurso da religião podemos exemplificar nas escrituras da Bíblia, no caso no Antigo Testamento, como é lembrado por Chamma (2007), que recupera que negros/as eram rotulados como praguejados e considerados descendência de Cam, logo diziam que a escravidão acontecera com pessoas de pele negra por ser um povo “amaldiçoado”:

Segundo a própria Bíblia, existe uma relação entre o fato de os religiosos permitirem a escravidão negra [...] Conforme a História Sagrada, isso se deve a uma maldição lançada por Noé sobre um de seus filhos. Eram três Sem, Cam e Jafet e foi Cam o amaldiçoado, quando este o desrespeitou ao encontrá-lo bêbado e dormindo na estrada. Sem e Jafet se sentiram penalizados[...] mas Cam riu e caçou do pai. Muito embora bêbado, Noé ouviu tudo. Disse, então a Cam, que [...] todos os povos e seus descendentes seriam escravos, e teriam de trabalhar, de graça para outros, suas peles escureceriam com o tempo [...] Os descendentes de Cam seriam os africanos (CHAMMA, 2007, p.84).

A Igreja Católica além de suas escrituras sacramentais rotularem os africanos e seus descendentes como indivíduos amaldiçoados, no Brasil apoiou a escravidão. O clero pregava o uso da mão de obra escrava e a servidão embasada em castigos físicos para o desenvolvimento econômico, no caso “padres também faziam uso do discurso, de que o escravo era coisa necessária, para que a empresa colonial alcançasse êxito [...] Fossem gentios da terra ou africanos da Guiné, não importava” (FERREIRA, 2011, p. 20).

Tais ideias do sistema escravagista, as versões científica e religiosa, criaram a falácia de que existia dois tipos de indivíduos, os puros e os impuros. A visão do sistema escravagista criou a ideia de que senhores poderiam ter escravos, e em países como o Brasil, deu a origem a uma casta superior representada na figura do branco, e uma casta inferior com a figura do negro. Já a ciência, ao falar da evolução dos indivíduos, trazia que algumas “raças” não se misturavam a outras, e a existência de uma superioridade através do determinismo fenotípico, que assim criou discursos que diziam que brancos obtinham a inteligência, e negros e outras “raças” não. Repudiava-se também as misturas, pois em uma visão darwinista social negros e brancos quando se misturavam levaria uma melhora para as raças inferiores (negros), mas as melhores (brancos) eram rebaixadas. E, por fim, a igreja baseada em suas escrituras sagradas, o tempo todo abominava “comportamentos”, e

classificava conforme características físicas aqueles que são bons ou ruins. Essa visão não se limitava dizendo que o branco era uma pessoa inocente, mas dizia que os negros eram indivíduos amaldiçoados, como sustentava a igreja católica dizendo que os africanos descendiam de Cam, o filho que Noé amaldiçoou como lembra Chamma (2007) e também Harari (2018)

Essas visões do escravo como objeto do senhor, do sistema de castas, do evoluído e pouco evoluído biologicamente e socialmente, e também do que é puro e que não é, tinham papel fundamental na divisão política e social, como traz Harari (2018), pois para o autor os “conceitos de contaminação e pureza tiveram um papel fundamental na imposição de divisões políticas e sociais e foram explorados por muitas classes dominantes afim de essas manterem seus privilégios” (HARARI, 2018, p.146).

Pois, essa visão ao longo do tempo se tornou enraizada, pois nem mesmo com o fim da escravidão de negros e negras foi o suficiente para tirar as amarras e algemas da rotulação desse povo, pois “mesmo que escravos tenham sido libertados, os mitos racistas que justificaram a escravidão persistiram. A separação das raças foi mantida por legislações e normas sociais racistas” (HARARI, 2018, p.148). E foi o que fizeram também as teorias racialistas, ao colocar “raças inferiores” (negros/as, judeus, amarelos e indígenas) como contaminadores da “raça branca”, levando o isolamento desses grupos, como sempre acontece atualmente com as minorias sociais, que são vistos como pacientes zero de epidemia

No entanto, o medo da contaminação não foi totalmente inventados por sacerdotes e príncipes. Provavelmente tem as suas origens em mecanismos de sobrevivência que fazem os humanos sentirem uma repulsa instintiva por portadores de doenças em potencial, como pessoas enfermas e cadáveres. Se você quiser manter qualquer grupo humano isolado- mulheres, judeus, ciganos gays, negros-, a melhor forma é convencer todos de que essas pessoas são fonte de contaminação (HARARI, 2018, p.146).

Isolar grupos e ou indivíduos como contaminadores tem como propósito manter a “hierarquia” dentro de uma sociedade, Harari (2018) traz que a hierarquia surgiu no mundo por diversos motivos, “conjunto de circunstâncias históricas acidentais” e na medida que o tempo se passava a ideia de hierarquia era refinada de acordo com interesses pessoais dos grupos.

Essa ideia de hierarquia, no caso “hierarquia de raças”, criou a identidade de

negros, índios e mestiços e redefiniu outras no caso a figura do branco europeu, tendo –se uma visão de hierarquia para essas etnias, e uma “naturalização” da dominação europeia em relação a outras etnias, como traz Quijano (2005):

A formação de relações sociais fundadas nessa idéia, produziu na América identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços, e redefiniu outras. Assim, termos com espanhol e português, e mais tarde europeu, que até então indicavam apenas procedência geográfica ou país de origem, desde então adquiriram também, em relação às novas identidades, uma conotação racial. E na medida em que as relações sociais que se estavam configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, com constitutivas delas, e, conseqüentemente, ao padrão de dominação que se impunha[...]. Na América, a idéia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova id-entidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da idéia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus (QUIJANO, 2005, p. 117-118).

Surge assim o racismo, baseado na superioridade branca, que matou e estigmatizou não somente negros, mas também foi responsável pela dizimação de judeus no período nazista nas décadas de 1930 e 1940 nas mãos do Anjo da Morte – Josefe Mengele que além de colaborar para dizimar judeus nas câmaras de gás realizava experimentos científicos em deficientes, anões e gêmeos⁶, e ainda a perseguição e morte de negros pelo movimento Ku Klux Klan nos EUA, que no seu período pós-abolição da escravatura criaram ainda as “Leis Jim Crow” onde os negros eram proibidos de votar em eleições, estudar nas mesmas instituições de brancos e proibidos de frequentar comércios, restaurantes e hotéis de brancos (HARARI, 2018) baseados na estigmatização que dizia que negros eram menos competentes que brancos.

Por tudo isso, o sistema escravagista e as ciências exatas até as humanas e a religião era forte o discurso preconceituoso. “Biólogos afirmaram que os negros eram menos inteligentes que os brancos e que tinham senso moral menos desenvolvidos. Médicos afirmaram que os negros viviam na sujeira e disseminavam doenças” (HARARI, 2018, p.148). E a religião na época da escravidão, como por exemplo, no Brasil e outros países da América, sustentaram o “mito” da inferioridade

⁶ “Josef Mengele: os 40 anos da morte do médico nazista que viveu 17 anos em SP” Matéria da BBC News- Brasil. < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47121871> > Acesso em 18 de mar. 2019.

negra, e mais tarde a ciência coroa essa visão, principalmente no século XIX. E esse mito, mesmo com o fim da escravidão negra no mundo serviu para alimentar o estereótipos e mais tarde culminar no que chamamos de racismo.

2.2 O COMBATE INTELECTUAL E POLÍTICO EM RELAÇÃO CONTRA A ESCRAVIDÃO E O RACISMO

Com o fim da escravidão, os negros e negras agora estigmatizados pela ciência, outrora pela religião, não conseguiam ter ascensão nos espaços públicos e na vida social, no novo sistema que começava a se mostrar ao mundo, o sistema capitalista. Por exemplo, lembra Harari (2018) que com o fim da escravidão nos EUA, com a 13ª emenda da constituição, não se garantiu um espaço de inserção dos negros e negras nesta sociedade, pois “um negro nascido no Alabama [estado dos EUA] em 1865 tinha muito menos chance de obter boa educação e um emprego bem pago do que seus vizinhos brancos” (HARARI, 2018, p. 149).

Nem mesmo os EUA, berço do Capitalismo, tinha garantira de acesso aos negros a setores de status social (bom emprego ou lugares de destaque) ou uma equidade na competição ao acesso a esses setores, pois o estigma construído estava enraizado.

[...] os brancos, e também muitos negros, assumiam como certo o fato de que negros eram menos inteligentes, mais violentos e sexualmente libertinos, mais preguiçosos e menos preocupados com a higiene pessoal do que os brancos. Eram, dessa forma agentes de violência, roubos, estupros e doenças- em outras palavras contaminação. [...] O estigma rotulava os negros (HARARI, 2018, p.149).

O mesmo acontecia com o Brasil, os negros e negras não tinham as mesmas chances e facilidade ao acesso que os brancos aos setores como emprego, educação ou cargos de chefia, como traz Florestan Fernandes (1978), que a miséria e os problemas sociais são as realidades de negros e negras que se encontram em favelas e cortiços, restando a essa população o sonho de uma vida melhor, de melhores oportunidades ou nas palavras do autor “viver como gente”.

Essa população pobre que a maioria são os descendentes de negros escravizados, que sem estrutura se concentraram em favelas e cortiços, são chamadas por autores como Jessé Souza, de “ralé”, pois para o teórico, esses são

os que não tem lugares e estrutura para conseguir acesso a empregos e setores de status social no mundo capitalista, onde a regra que se faz presente é a “meritocracia”, e se esquecem a falta de equidade na formação e qualificação dos indivíduos de diferentes classes

As classes baixas no Brasil, ou mais propriamente seu patamar socialmente inferior, ao qual estamos dando o nome provocativo de ‘ralé’, não possuem, muitas vezes, nem um nem outro tipo de aprendizado. Na imensa maioria dos casos lhes falta, pelo menos, o primeiro deles de modo muito evidente. Algumas vezes, ainda que alguns pais estimulem os filhos a irem à escola, os motivos dessa escolha são ‘cognitivos’, da ‘boca para fora’, posto que a maior parte desses pais também não foi à escola ou não teve nenhuma experiência pessoal de sucesso escolar. (SOUZA, 2009, p.46- 47).

Essas classes baixas apontada por Jessé Souza (2009), seria a população negra que se forma na conjuntura pós-abolicionista, sendo a classe pobre como aponta Florestan Fernandes (1978) que não tinha oportunidades por causa da estigmatização. Esse estigma foi alimentado por uma sociedade de sistema escravagista, por uma ciência racista presente no país e uma cultura também racista.

Um exemplo de estigma que foi criado nos negros e negras, é a ideia de inferioridade que a ciência dizia que existia em relação a esse povo, um exemplo deste discurso no Brasil foi pregado pelo médico e escritor Nina Rodrigues. Esse autor em “Os Africanos do Brasil” afirmava que o fim da escravidão não era a solução aos problemas econômicos da sociedade e, segundo ele ainda, com a abolição da escravatura os negros foram revestidos de “sentimentalismo” e para dar essa imagem foram “emprestados” estes a rigidez ou princípios morais dos povos “brancos e cultos”. Nesta passagem pode-se observar que o teórico afirmava que existia ma supremacia branca em relação aos negros, colocava os brancos como seres iluminados/cultos.

Depois tocou a vez ao Negro. A extinção da escravidão no Brasil não foi a solução, pacífica ou violenta, de um simples problema econômico. Como a extinção do tráfico, a da escravidão precisou revestir a forma toda sentimental de uma questão de honra e pundonor nacionais, afinada aos reclamos dos mais nobres sentimentos humanitários. Para dar-lhe esta feição impressionante foi necessário ou conveniente emprestar ao Negro a organização psíquica dos povos brancos mais cultos. Deu-se-lhe a supremacia no estoicismo do sofrimento, fez-se dele a vítima consciente da mais clamorosa injustiça social. (RODRIGUES, 2010, p.. 10 - 11).

Nina Rodrigues dizia que a população branca deveria assumir o país, para

diminuir o “problema” que era o negro, pois nas palavras dele, o Brasil tinha uma “necessidade do seu concurso para o aclimamento dos brancos [...] assuma a direção do país: tal é na expressão de sua rigorosa feição prática o aspecto por que, no Brasil, se apresenta o problema o Negro (RODRIGUES, 2010, p. 291). Essa visão que colocava os negros como problema, auxiliou na visão inferiorizada desta etnia, que nas palavras preconceituosas do autor, tinha origem na “dificuldade de civilizar-se” que a população afro tinha.

O que importa ao Brasil determinar é o quanto de inferioridade lhe advém da dificuldade de civilizar-se por parte da população negra que possui e se de todo fica essa inferioridade compensada pelo mestiçamento, processo natural por que os negros se estão integrando no povo brasileiro, para a grande massa da sua população de cor (RODRIGUES, 2010, p. 291).

Essa inferiorização e as visões negativas que os negros e negras carregavam, sejam por parte da escravidão no país até a ciência racista como a de Nina Rodrigues, precisava-se ser repensada, para que essa etnia fosse “vista” com bons olhos, ou tivessem uma visão menos pejorativa, e como proposta foi o embranquecimento do negro, a figura do mestiço colocando-o como um indivíduo que tinha as “boas” características do branco quando casava-se com o negro. Logo, alguns pensadores acharam que se embranquecessem os negros e as negras, seriam mais tolerados na sociedade, ocorrendo aí um desrespeito e preconceito ao ser negro. Um exemplo, foi Gilberto Freyre que tentou “embranquecer” população negra.

Segundo Mostaro, Helal e Montanha (2015), Gilberto Freyre em sua obra *Casa Grande e Senzala*, conseguiu redefinir a mestiçagem no Brasil na busca pela definição da identidade nacional. Criando-se um tipo de “sensação de paz” entre as diferenças raciais. Autores como Guimarães (1999) defendem que a obra de Gilberto Freyre “deslocou” o desprestígio do negro e da negra:

Com o aparição de *Casa-grande & senzala*, em 1933, iniciou-se uma grande mudança no modo como a ciência e o pensamento social e político brasileiros encaravam os povos africanos e seus descendentes, híbridos ou não. Gilberto Freyre, ao introduzir o conceito antropológico de cultura nos círculos eruditos nacionais e ao apreciar de modo profundamente positivo a contribuição dos povos africanos à civilização brasileira, foi um marco do deslocamento e do desprestígio que sofreram (GUIMARÃES, 1999, p.148).

Ao enaltecer essa mestiçagem, Gilberto Freyre cai em outro tipo de preconceito racial forte no Brasil, a objetificação do corpo feminino negro. Em *Casa*

Grande & Senzala, Freyre trata as negras como objetos sexuais, já no início do IV capítulo –“O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro” traz essas conotações, chamando até mesmo as negras de mulheres “fáceis”:

[...] trazemos todos a marca da influência negra [...] Da [negra] que nos ensinou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama de vento, a primeira sensação completa de homem [...] já houve quem insinuasse a possibilidade de desenvolver das relações íntimas da criança branca com a ama-de-leite negra muito do pendor sexual [...] é verdade que as condições sociais do desenvolvimento do menino dos antigos engenhos de açúcar do Brasil como nas plantações *ante-bellum* da Virgínia e das Carolinas- do menino sempre rodeado de negra ou mulata fácil- talvez expliquem por s sós, aquela predileção. Conhecem- se casos no Brasil não só de predileção mas de exclusivismo: homens brancos que só gozam com negras (FREYRE, 2003, 367-368).

Gilberto Freyre cai em alguns discursos parecidos aos quais ele criticava, o discurso racista. Indo além, vai até mesmo a objetificação da mulher, no caso a mulher negra, sendo o senhor branco a figura da “força, a virilidade, a brancura, a inteligência, o engenho e a crueldade sádica; e o escravo, a doçura, a sensualidade, o negror, a esperteza, a passividade masoquista”(SANTOS, 2002, p.154).

Esse pensamento de embranquecimento e de objetificação do negro e da negra é combatido pela “imprensa negra”, como apontado anteriormente por Florestan Fernandes (1978), e também pela força do Movimento Negro, que ganha força nas décadas após a abolição. No século XX, os negros e as negras que não saíram para as arestas das cidades (após a abolição), principalmente para comunidades quilombolas e continuaram nas cidades, mostraram a sua resistência através do seu empoderamento ao questionar a falta de oportunidades, colocando o indivíduo negro no cenário histórico e como agente de reivindicações, como traz Florestan Fernandes:

A inquietação, que começa a ganhar corpo pelos fins da I Grande Guerra, e os movimentos sociais, que se esboçam a partir da segunda década deste século, marcam o início da participação do negro e do mulato, como e enquanto tais, na história moderna da cidade. Aos poucos, a situação de miséria, o tratamento diferencial e o isolamento irão provocar um doloroso processo de auto-afirmação e de protesto, que projetará o ‘homem de cor’ no cenário histórico , como agente de reivindicações econômicas, sociais e políticas próprias (FERNANDES, 1978, p.10).

O questionamento dos negros não estava na ordem social, e menos ainda com a instauração da república, eles tinham como norte abolir as diferenças sociais que estavam ligadas automaticamente, em privilégios raciais, pois negros queriam a curto prazo a igualdade econômica e social e política diante da população branca

(FERNANDES, 1978).

Florestan Fernandes (1978) traz alguns movimentos na sociedade que visavam questionar a falta de oportunidades dos negros e negras da pós- abolição, como o jornal O Clarim da Alvorada de 1924 que nas palavras do autor procurava a “aproximação ao branco e recuperação do negro”. O autor ainda traz a Frente Negra, que quando fundada mostrou uma “realidade diversa” e com um grande quantidade de aderentes à causa, tendo a consolidação da exigências da população negra, nas palavras de Fernandes:

Consolidou-se, assim, com certa rapidez, uma consciência clara das exigências da situação de contato, do ponto de vista dos interesses da ‘população de cor’, a qual colidia frontalmente com a ideologia racial dominante e com o padrão tradicionalista e assimétrico de relação racial (FERNANDES, 1978, p.19).

Há autores que discordam que o movimento negro ganhou força a partir da década de 1930 com a Frente Negra Brasileira e retorna com o Movimento Negro Unificado em 1970, pois dizem que há outras articulações em outras décadas, como afirma Domingues

É comum pensar que o movimento negro organizado só começa nos anos 1930 – por meio da Frente Negra Brasileira [...] retomado décadas depois, com o florescimento do Movimento Negro Unificado, no final dos anos 1970 [...]. Ou seja, havia uma articulação de atores e grupos negros em outros momentos. Isto permite afirmar que o movimento negro contemporâneo já acumula experiência de gerações, sendo herdeiro de uma tradição de luta que atravessa praticamente todo o período republicano.(DOMINGUES, 2007, p.122).

Domingues (2007) traz quatro fases do Movimento negro no país, sendo o primeiro o Movimento negro organizado na República e compreende os anos 1889 a 1937, a segunda fase o Movimento negro que seria da segunda República até a ditadura militar que compreende os anos 1945 a 1964, a terceira fase seria a fase do Movimento Negro organizado na República dos anos 1978 a 2000 e o quarto e último seria a partir dos anos 2000.

Na primeira fase se dá da abolição da escravatura, que não assegurou direitos aos negros, e a partir de 1930 houve um “salto de qualidade” do movimento com a criação da Frente Negra Brasileira – FNB; e a segunda fase tem como característica o movimento negro inserido em uma ditadura e volta de outra, tendo o

movimento sendo inviabilizado devido a forte repressão de Getúlio Vargas no Estado Novo, mas com a fim desta ditadura ampliaram-se as suas ações, pois a discriminação aumentava conforme crescia o mercado, tinham ainda esteriótipos contra negros e negras como também a sua marginalização (DOMINGUES, 2007).

Já na terceira fase (onde se compreende os anos de recorte desta pesquisa) mostra que com a ditadura militar que começara no final da segunda fase do movimento negro, marcou o fim temporário do movimento que volta a ter força somente no final da década de 1970, com os movimentos estudantis e sindical, tendo força mais precisamente em 1978, que também teve inspiração da conjuntura mundial, onde aparece figuras como Martin Luther King, Malcon X, organizações negras marxistas como Panteras Negras e lutas pela liberdade em países como Guiné Bissau, Moçambique e Angola (Domingues, 2007).

Há quem diga que é partir do final da década de 1970 e 1980 com a redemocratização que surge alguns avanços ao movimento negro, como o surgimento também de demandas caracterizadas pelo gênero, raça, meio ambiente, moradia etc.

O período entre os anos de 1979 e 1985, anos do último governo militar brasileiro, é marcado pela consolidação do processo de reorganização dos movimentos sociais no país. É o período da lenta redemocratização que permite o surgimento de novas demandas sociais fundamentadas em questões como gênero, raça, meio ambiente, moradia, saúde, educação popular etc.(GELEDÉS, 2016).

Por fim, Domingues (2007) traz que na quarta fase entra movimentos culturais negros em voga como Hip Hop. Mas entre a terceira e quarta fase, mais precisamente os anos 1990 e anos 2000 houve alguns avanços à comunidade negra no Brasil, como o surgimento das Cotas Raciais nas universidades e concursos, demarcação de terras quilombolas e o ensino da história africana nas escolas a partir da lei 10.639/03.

A reconstrução de “memórias” acerca do significado do termo raça no Brasil e o alcance das teorias raciais “científicas” em nossa sociedade, dando destaque para as últimas décadas do século XIX e início do XX, torna-se relevante para a compreensão de debates atuais como: as cotas raciais nas universidades públicas e em concursos públicos, demarcação de terras quilombolas, o cumprimento da Lei no 10.639/03, que trata da obrigatoriedade do ensino da História da África e dos africanos nas instituições de Educação Básica.(BARBOSA, 2016, p. 261).

Porém, não foram somente os movimentos sociais que cobraram e tentaram integrar os negros e negras ao longo do século XIX e XX, mas outros movimentos no Brasil, como por exemplo a criação de Clubes sociais negros, em especial o Clube Literário e Recreativo 13 de Maio de Ponta Grossa/PR.

2.3 O MOVIMENTO NEGRO E OS CLUBES: O CLUBE LITERÁRIO E RECREATIVO 13 DE MAIO DE PONTA GROSSA/ PR

Os Clubes sociais voltados para a população negra eram inúmeros por todo o Brasil, desde o século XIX e ao longo do século XX. Esses grupos associativos foram uma alternativa para que negros e negras se sentissem representados socialmente, que pudessem ser acolhidos e preparados para enfrentar a vida na sociedade, dominada desde os primórdios por uma elite branca, que comandava a cultura, a política, a economia, a ciência; em outras palavras todos os setores da sociedade civil.

Fundar clubes era a maneira de começar a encarar o espaço dominado pelos brancos, e se sentir livre para se expressar culturalmente, ter momentos de lazer e reunir-se para fazer política e debates, o que é a função de um clube, que segundo o dicionário, seria um movimento associativo caracterizado pela reunião de pessoas, para que com certa freqüência possam ter recreação, atividades culturais e esportivas (CLUBE, 2020). Porém, os clubes negros iam além, acolhiam e orientavam para que a população negra conseguisse impor-se de maneira aguerrida e combativa de maneira pacífica em relação ao preconceito da sociedade. E ao tentar maneiras de sociabilidade, de lazer e de representação através do movimento clubista, que é uma marca da elitização, a população negra, era vista ou chamada de “elite”, em outras palavras, esses

Clubes Sociais Negros são um exemplo de resistência e resiliência, pois romperam com os padrões da sociedade ao sair da inércia que os mantinha isolados, ao constituir uma ‘elite negra empoderada’ (ESCOBAR, 2010, p. 164).

Um exemplo de Clube negro que empoderava seus frequentadores, era o Clube Literário e Recreativo 13 de Maio de Ponta Grossa, que abriu este capítulo ao ser descrito. Por suas portas já se passaram muitos negros e negras ao longo de sua história. O Clube Literário e Recreativo 13 de Maio foi fundado em 1890, e era “um importante local para que os negros da cidade pudessem compartilhar

experiências e desenvolver atividades sociais” (BAN, 2018, p.74). Quando foi fundado, no século XIX, a entidade não tinha sede fixa, era de madeira, que muda para outra sede somente em 1921, como traz Santos (2016) ao analisar o Processo de Tombamento da entidade.

Segundo o site da Prefeitura de Ponta Grossa, o clube foi construído a partir da iniciativa de pessoas como: Lúcio Alves da Silva, Luiz Marias Bento, Cassemiro Cardoso de Menezes, Vidal Branco e José Borges. Antes mesmo de fundar o Treze de Maio, eles se reuniam clandestinamente. Naquele tempo, a sociedade de Ponta Grossa era mais conservadora e temia que tais encontros se transformassem em “rebelião”. Porém, o intuito da instituição não era rebelião e sim proporcionar aos recém libertos da escravidão no século XIX, e mais tarde aos descendentes durante todo o século XX, uma forma de sociabilidade, como bailes, concursos e confraternizações.

A criação do clube [...] foi uma forma de proporcionar aos negros que residiam em Ponta Grossa e que frequentavam, um ideal de igualdade e ingresso as práticas sociais que estes se familiarizavam, pois os bailes de carnaval, os concursos de beleza negra e a valorização destes indivíduos só ocorriam dentro desta instituição (SANTOS, 2016, p.74).

Esses bailes, concursos e confraternizações não eram somente uma característica do Clube 13 de Maio de Ponta Grossa, mas de vários clubes espalhados pelo Brasil, era uma maneira de ter sua representatividade, e de ter um lazer, o que não era bem visto pela elite branca, pois os bailes em salões eram ligados, segundo Silva (2017), a uma ideia de “elegância” e/ou “respeitabilidade”, ou seja

Enquanto as sociedades da elite (branca) desenvolviam suas festas nos teatros, os menos abastados, dentre os quais estavam os grupos negros, desenvolviam suas festas nos bailes públicos (os quais não eram bem vistos pelas famílias dos grupos dominantes) ou nas casas/salões alugados. Nesta sociabilidade promovida nos bailes, às ideias de progresso e civilização eram relacionadas elegância e respeitabilidade das pessoas que frequentavam os espaços privados, compondo o significado de moderno. Marcavam assim o significado da própria sociedade moderna em que o repertório cultural era compartilhado entre todos. Elemento evidenciado especialmente na generalização dos bailes de salão (SILVA, 2017, p.55).

Esses bailes proporcionados e frequentados pela população negra, sofria uma marginalização das suas festividades, e, ainda, perseguição, como aconteceu

no início da história do Clube 13 de Maio de Ponta Grossa, que segundo, Santos (2016), ao entrevistar um dos ex-presidentes, o finado Roselei do Rocio Manoel, soube através do relato que a primeira sede da entidade era perseguida pela elite branca, assim aponta, “indícios de uma relação de conflito entre os ‘donos’ da cidade e a instituição negra em si [...] os responsáveis pela instituição foram ‘obrigados’ a vendê-la” (SANTOS, 2016, p.46).

O Clube mudou da Rua Sant’ana para a rua Santos Dumont, depois para a rua Sete de Setembro, onde também não ficaram, pois todos esses lugares eles sofriam perseguições, e depois de vender a sede, tiveram que esconder o dinheiro enterrado em uma lata. Ainda, segundo Santos (2016), depois a entidade mudou-se para a rua Comendador Miró, onde mais tarde se instalou o Mercado Municipal, porém “para que o clube não fosse ‘mal visto’, logo os negros responsáveis pela instituição, buscam uma alternativa, a fim de não manter a sede do Clube ao lado da Zona de Baixo Meretrício” (SANTOS, 2016, p.47).

Aí o clube se instalou na General Carneiro, sendo até os dias atuais, como pode ser observado na imagem a seguir que é da atualidade, onde mostra o Clube, que nos dias de hoje é Patrimônio Histórico, desde o tombamento em 2001. Nas imagens a seguir pode-se observar a evolução do Clube na sua construção.

Fotografia 4- Sede de madeira do Clube 13 de Maio em 1921



Fonte: Imagem da Casa da memória Paraná, s/d.

Fotografia 5- Construção da Sede atual do Clube 13 de Maio em 1936



Fonte: Arquivo pessoal da Família Manoel que cuida do Clube atualmente

Fotografia 6- Clube nos dias atuais, segundo as redes sociais da entidade



Fonte: Perfil da rede social do Clube: <https://www.facebook.com/Clube13deMaio/>

Para que o Clube fosse construído, a sociedade do 13 de Maio foi perseguida. Além de ter um poder de resiliência, o clube era unido, construindo o clube com as próprias mãos, como pode se observar na imagem 5, pois essa sede, teve participação direta de sua população na sua construção, pois na dedicatória da imagem está inscrito: “E aqui uma recordação do serviço que seu filho fez. Francisco Nascimento da reforma e construção do Clube 13 de Maio”.

A união de negros/as na construção de seus clubes, é uma característica de outros clubes, não somente do 13 de Maio de Ponta Grossa, pois “[O negro] construiu monumentos com suas próprias mãos, ao se fazer enxergar por aqueles que não os queriam ver em um mesmo patamar, nem dividir os mesmos espaços” (ESCOBAR, 2010, p. 164).

Mesmo existindo exemplos de união da população negra para o empoderamento, há movimentos negros que dizem que os clubes sociais negros pertenciam a uma “elite alienada” formada por negros e negras, mas não era papel destas entidades, como ainda traz Escobar (2010):

Apesar de algumas correntes do Movimento Social Negro colocarem freqüentadores e dirigentes dos Clubes Sociais Negros em um patamar diferente, estigmatizando-os como uma 'elite negra alienada', não foi este papel dos Clubes Sociais Negros (ESCOBAR, 2010, p. 164).

O intuito de entidades negras voltadas ao clubismo não era alienar os seus associados, mas colocá-los no mesmo patamar da elite de clubes brancos, que tinham preconceitos e perseguiram esses negros que ousassem se unir em uma socialização. No Clube 13 de Maio de Ponta Grossa, essa socialização ocorria com o carnaval, bailes no dia 13 de Maio, bailes do dia da padroeira local, Sant'Ana e coquetéis como pode ser observado na imagem:

Fotografia 7: Coquetel em 1984 - Diretores do 13 de maio.



Fonte: Acervo Casa da Memória Paraná. Ano: 1984

Esse empoderamento pode ser observado como os associados apareciam nas fotos. Roupas de gala, festas, coquetéis e organização, o que mostra que essa entidade negra estava no mesmo nível que a sociedade branca. Outro exemplo são os concursos de beleza, que enalteciam as negras, ou seja “auxiliavam na construção de um conceito de beleza negra e valorização [...] daqueles que frequentavam a instituição, configurava-se como um modo de ser contrário aos esteriótipos negativos” (BAN, 2018, p.92).

Os concursos de beleza enalteciam a beleza da mulher negra, eram os seguintes concursos: “a Rainha do Carnaval até a melhor dançarina de lambada, samba, pagode, Rainha da Mini Saia, Rainha da Primavera, Miss Brotinho , Mais Bela Mulata, Mais Bela Negra dentre outros” (BAN, 2018, p.92).

Fotografia 8: Concurso de beleza do Clube Literário e Recreativo 13 de Maio



Fonte: Acervo Casa da Memória Paraná. s/d.

Porém, o Clube 13 de Maio, ainda segundo Ban (2018) ao recuperar Santos (2014), tinha como intenção não somente a socialização de negros e negras, mas trazia em sua nomenclatura a palavra, “literário” pois o ideal era alfabetizar essa população, como pode ser observado nos estatutos do clube, em 1920, que no § 3º trazia que a leitura era para instrução e também distração dos membros da entidade, como ainda é reforçado no § 4º que ilustrava a intenção do Treze em ter uma biblioteca. Como pode-se observar na imagem a seguir:

Fotografia 9- Estatuto do Clube Recreativo 13 de Maio (década de 1930)



Fonte: Acervo Casa da Memória Paraná

Este estatuto muda em 1975, que no novo estatuto traz que a entidade não tinha fins políticos e/ou econômicos, porém o intuito era trazer iniciativas culturais para trazer “benefícios” ao “quadro social” que estava imposto a população negra ponta-grossense proporcionar o desenvolvimento da cultura intelectual dos associados como trouxe no art. 1º:

Fotografia 10- Estatuto do Clube Recreativo 13 de Maio- Ano:1975.

Pag 77

Sociedades

ESTATUTO PARA FINS DE REGISTRO
(CAPÍTULO I)

REFORMA DE ESTATUTOS

O CLUBE LITERÁRIO E RECREATIVO "13 DE MAIO", fundado em 13 de maio de 1890, com sede e foro na cidade de Ponta Grossa, Estado do Paraná, em conformidade com o Regulamento aprovado em 18 de setembro de 1975, aprova e reformula:

HOTEL TIARA S.A.

.....

C.N.C.M.F. Nº. 758.394/0001-80

POINTE GROSSA - PARANÁ

RELATÓRIO DA ADMINISTRAÇÃO

Administração:

De cumprimento às disposições legais e estatutárias, tendo a satisfação de submeter a aprovação de Vossa Exa. o balanço geral e a demonstração de conta de EXERCÍCIO E PÓS-LÍQUIDO, bem como o parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício social findo em 31 de Dezembro de 1.974, relacionando-se a mesma disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

A ADMINISTRAÇÃO

| BALANÇO GERAL ENCERRADO EM 31/12/74 | |
|-------------------------------------|-------------------------------|
| ATIVO | PASSIVO |
| Caixa e Bancos 18.000,00 | Capital Social 120.000,00 |
| Reserva 11.250,00 | Reserva 97.400,00 |
| Previdência 1.000,00 | Reserva 116.042,27 |
| Outros 1.000,00 | Outros 45.565,16 |
| | Patrimônio Líquido 162.567,43 |
| | |

Ponta Grossa, 28 de setembro de 1.975

A. B. FERREIRA

A. B. FERREIRA

301 854 no Ciot. A-3. em Vo. 10-75

ESTATUTOS DO CLUBE LITERÁRIO E RECREATIVO 13 DE MAIO

CAPÍTULO I

DA DENOMINAÇÃO, SEDE, COMPOSIÇÃO, FINALIDADES E DURAÇÃO

Art. 1º - O CLUBE LITERÁRIO E RECREATIVO 13 DE MAIO, fundado em 13 de maio de 1890, é uma sociedade civil, com personalidade jurídica, sem fins políticos, econômicos ou religiosos, sediado em prédio próprio, nesta Cidade de Ponta Grossa, Estado do Paraná, composta de pessoas de qualquer nacionalidade, com um mínimo de dois terços de brasileiros, tendo por fins:

- a) - proporcionar diversões de cunho recreativo;
- b) - promover o desenvolvimento de cultura intelectual de seus sócios e familiares;
- c) - Incentivar as iniciativas de caráter artístico, cultural ou social, das quais advenham benefícios ao seu quadro social;
- d) - franquear as suas dependências aos seus associados que desejam organizar reuniões esportivas, sociais ou íntimas.

§ Único - A Sociedade terá duração por tempo indeterminado.

CAPÍTULO II

DOS PODERES

Art. 2º - Os poderes do Clube, serão exercidos pelos seguintes órgãos: Assembleia Geral, Diretoria e Conselho Fiscal.

DAS ASSEMBLÉIAS GERAIS

Art. 3º - A Assembleia Geral é o órgão soberano do Clube, respeitadas as disposições estatutárias.

Art. 4º - As Assembleias Gerais terão lugar, ordinariamente:

- a) - Bienalmente, durante o mês de abril, a fim de eleger a Diretoria e Conselho Fiscal.
- b) - Bienalmente durante o mês de maio, para a leitura, discussão, aprovação ou não do relatório das atividades da Diretoria e posse da nova Diretoria e Conselho Fiscal.

Art. 5º - As Assembleias Gerais Extraordinárias, serão convocadas

Fonte: Acervo Casa da Memória Paraná

A partir do novo estatuto, de 1975, percebe-se que o Clube tinha um poder socializador, empoderador, de representação de cultura e o enaltecimento desta, pois sabiam que isso poderia melhorar o quadro social que tinham. Essa cultura era impressa em bailes, concursos de beleza, coquetéis e reuniões com os associados.

Porém, percebe-se que para chegar a ter espaço, este clube negro teve que travar brigas com a sociedade branca, e teve que se impor de maneira aguerrida dentro do centro ponta-grossense. Essa presença incomodou, fazendo com que os associados tivessem que se mudar várias vezes e ainda esconder o dinheiro da venda de seu clube, como bem recuperou Santos (2016).

Como essa entidade incomodava e não era bem vista pela sociedade, a dúvida que se gera é como era vista pela sociedade local as suas confraternizações, e como essa imagem era exposta, e para isso recorreu-se para a mídia local, como será observada na pesquisa que será melhor exposta no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 3

A RELAÇÃO DO CLUBE LITERÁRIO E RECREATIVO 13 DE MAIO COM A IMPRENSA PONTA-GROSSENSE – DIÁRIO DOS CAMPOS E JORNAL DA MANHÃ

“O meio é a mensagem”
Marshall McLuhan

No dia 12 de Maio de 1971, o Diário dos Campos (DC) noticiava uma festa do Clube 13 de Maio, sob o título: “Grandiosas festividades amanhã no Clube 13 de Maio”. No texto, o jornal trazia na sua última página, a notícia do evento com o seguinte lead:

O tradicional Clube Literário e Recreativo 13 de Maio desta cidade, fará realizar amanhã, com início às 22 horas, grandioso baile comemorativo à data, bem como em regosijo á tomada de posse de sua nova diretoria.

O baile em apreço será abrilhantado pelo conjunto surpresa, ‘The Spider’s’ (DIÁRIO DOS CAMPOS, 1971, p. 10).

No mesmo ano, no dia seguinte, 13 de Maio, o Jornal da Manhã (JM), o outro impresso mais importante da época, noticiava em sua coluna social a mesma festividade, na coluna JM sociedade. Sob o título “TREZE DE MAIO”, a nota relaciona a data abolicionista 13 de Maio com a festividade do Clube

Hoje, dia 13 de maio, é uma data muito significativa para todos os brasileiros, pois no ano de 1888 a Princesa Izabel estaria assinando a ‘Leio áurea’, considerando libertados todos os escravos brasileiros. O Clube Literário e Recreativo ‘13 de Maio’ com animação de ‘The Spiders’ promove hoje o Baile de ‘Tomada de Posse da Nova Diretoria. Não percam... (JORNAL DA MANHÃ, 1971, p. 2).

Ambos os casos, se repetem nos dois jornais nos anos 1970 a 1989, mas se repetem principalmente nas colunas sociais, e é somente no Diário dos Campos, que algumas vezes se tornava notícia. Porém, se comparado ao clube dos brancos, os resultados são um pouco diferentes, como será melhor analisado a seguir.

As maiorias das notas sobre o clube negro e os clubes da elite branca apareciam nas colunas sociais do DC e no JM. O colunismo social traz principalmente as atividades da alta sociedade, também chamada de High Society, para representar a vida das elites

Dentre os gêneros textuais do jornalismo opinativo, a coluna popularizou-se entre jornalistas e escritores do noticiário brasileiro, servindo, inclusive, para consagrar nomes de profissionais que inovaram e criaram marcas pessoais, utilizando-se desse expediente.

Dentre os vários tipos de colunas que se firmaram ao redor do mundo, está a coluna social, utilizada para representar a trajetória de vida de elites da sociedade (DORNELLES, 2017, p. 127).

Essa representação da vida da elite, por meio do colunismo social, pode ser expressa a moda, normas de conduta, e enaltece indivíduos elitiza profissionais e a sua profissão, e também quem pode ou não integrar aqueles ambientes elitizados, como apontou Gonçalves (1999):

Ainda que pouco usadas por historiadores, elas fornecem material sobre a vida cotidiana das elites, indicando preferências, modas e padrões de conduta que, em muitos casos, não demoram a ser redefinidos e disseminados por outros segmentos sociais. Expressam, também, critérios de demarcação de quem pode ou não integrar aqueles meios. Vistas diacronicamente, expressam formas de interação entre indivíduos e/ou grupos, ciclos de prestígio de pessoas e profissões, e vocabulários nativos (GONÇALVES, 1999, p. 35- 36).

O Colunismo social transmite aos leitores, não como pensar, mas sobre o que pensar, e traz o que está em alta, sobre o que se encontra no High Society. Logo, mostra um interesse da mídia de espelhar o que pensa a sociedade civil sobre o que é belo, o que está na moda, e assim transmite a opinião pública sobre o assunto. Assim, a imprensa veicula seus interesses, já que esta pode-se dizer é formada pela Sociedade Civil, e esta pode moldar a Opinião Pública, como foi visitado lá no primeiro capítulo ao trazer a visão Gramsciana sobre a formação da opinião pública, que no caso seria o ponto de contato entre a Sociedade civil e a Sociedade política (a segunda seria o Estado).

Assim, a opinião pública pauta os receptadores da imprensa. Esse poder de agenda mídia já foi visitado por alguns teóricos, que afirmam que essa mídia oferece no que pensar, como já na década de 1970 Donald Shaw e Maxwell McCombs ao trazerem a ideia de Agenda Setting.

Agenda Setting ou Agendamento foi um estudo realizado no final da década de 1960, por McCombs e Shaw que perceberam a coincidência nos temas oferecidos pela mídia na época eleitoral, com os temas que os eleitores consideravam importantes

No final da década de 1960, recém-chegados à referida universidade, os dois professores-assistentes deram início a um estudo de pequeno porte na cidade de Chapel Hill, no estado norte-americano da Carolina do Norte, para verificar a hipótese de que os mass media influenciavam a percepção dos eleitores no que diz

respeito aos temas mais importantes para o país. McCombs e Shaw fizeram o levantamento durante a campanha presidencial norte-americana, cujos principais candidatos eram o democrata Hubert Humphrey e o republicano Richard Nixon. A hipótese investigada pelos professores recebeu o nome de Agendamento (no inglês, Agenda-setting). Foram comparadas duas coordenadas a fim de testar a hipótese: a descrição de temas dos veículos de notícia selecionados e a descrição da agenda pública, levantada a partir de um questionário realizado com 100 eleitores indecisos no curto período de 24 dias durante a campanha eleitoral. Os professores encontraram cinco temas predominantes na cobertura midiática que tinham uma correspondência 'quase perfeita' com os da agenda pública, lista de assuntos considerados mais importantes pela sociedade a partir dos temas mais frequentes entre os listados pelos entrevistados (CASTRO, 2014, p.4).

Essa Agenda Setting estaria ligada ao que se entende por pautamento ou por agenda. Assim a mídia pautaria as conversas da sociedade, que em contrapartida oferece pautas para a imprensa tratar. Assim ocorre no colunismo social. Ao mesmo tempo em que os colunistas anunciam eventos na alta sociedade pautando a agenda dos leitores, no movimento contrário, a High Society pauta os colunistas em seus eventos e encontros.

Um exemplo pode ser observado na imagem a seguir, nela são mostrados dois tipos de colunismo social. O colunismo feito por jornalistas e o colunismo da coluna paga dos clubes sociais. Na foto, percebemos a primeira coluna "Nós na sociedade", nela pode-se perceber o poder de agenda de uma coluna social, já que a pessoa responsável da coluna traz futuros eventos em diversos clubes da cidade, naquele exemplo jantares e eventos do Leo Clube, Clube Pontagrossense, Clube da Lagoa etc. – todos clubes da elite.

Já no segundo caso, a coluna "Fatos e Destaques" traz fotos de candidatas de vários setores sociais da cidade, para o concurso Rainha da Soja, proporcionado pela prefeitura Municipal de Ponta Grossa e que ocorria nos salões de um clube de elite, o Clube Pontagrossense. Na coluna também aparecia candidatas de outros clubes.

E no terceiro exemplo, era a coluna particular, nela um clube social trazia um tipo de assessoria, e traz eventos e fotos – no caso a Coluna do Clube da Lagoa. A imagem corresponde a 3ª página do Diário dos Campos, do dia 14 de Maio de 1972.

Fotografia 11- Três tipos de colonismo social. Diário dos Campos, ano 1972.

DIÁRIO DOS CAMPOS

Ponta Grossa, domingo, 14 de maio de 1972

3ª. PAGINA

Nós na Sociedade

... (text continues) ...

Fatos e Destaques

JEAN CESAR

... (text continues) ...

AS CANDIDATAS




MARIA HELENA
Presidente do DCEM

CLAUDIA CLAVERO DA
SA - Clube Paraguarino





MARIA TERESIA RACCOS - SANDRA MARIA LOPEZ - SANDRA CAROLINA PIANI
Presidente do DCEM - Presidente do DCEM - Presidente do DCEM





SEREY BETO AVILA - LUÍZ BOULIAR - YLORA OTÉRO DE MELLO
Presidente do DCEM - Presidente do DCEM - Presidente do DCEM





NOBREY APEREIRA - SONIA ELISA SPATELLI - Elnabete Cristina
Presidente do DCEM - Presidente do DCEM - Presidente do DCEM





ELZAGNA BARILONA DE M... ANA CLAUDIA FURTOS - CELIS TARONDA DE M...
Presidente do DCEM - Presidente do DCEM - Presidente do DCEM

COLUNA DO LAGO

... (text continues) ...

ANIVERSARIOS

... (text continues) ...

Casa da Amizade de Ponta Grossa

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

... (text continues) ...

TUTO, REI DA SORTE

RESULTADOS DA LOTERIA REGIONAL
... (text continues) ...

Fonte: Jornal Diário dos Campos, 14 de maio de 1972- Arquivo Casa da Memória Paraná.

A partir da imagem algumas lacunas e dúvidas surgem. A primeira, que salta aos olhos, é por que faltam pessoas negras nas colunas “Nós na sociedade” e “Fatos e Destaques”? E o fato de não ter pessoas negras, outra dúvida surge: O Clube negro de Ponta Grossa, o Clube Literário e Recreativo de Ponta Grossa aparecem nesses colunismos sociais? De que maneira? Notas? Fotos? E o Clube 13 tinha coluna própria? E para responder essas lacunas é que essa pesquisa foi realizada.

Através de uma leitura flutuante nos jornais de 1970 a 1989 do Diário dos Campos, tanto quanto do Jornal da Manhã, percebe-se que o Clube 13 não era invisível para esses dois impressos naquela época, como nos exemplos que abrem esse capítulo, a notícia do DC e o colunismo social do JM. Porém, de que forma era retratado esse clube? E ele tinha rosto nos espaços dos clubes brancos?

3.1 O CORPUS DA PESQUISA E OS PERCURSOS METODOLÓGICOS

Para a formação do corpus desta pesquisa partimos do intuito de descobrir o conteúdo sobre o Clube Literário e Recreativo 13 de Maio nos jornais Diário dos Campos e Jornal da Manhã. Tomou-se como período de análise os anos 1970 a 1989 e nos deparamos com o colunismo social para se fazer a análise, e também analisar a forte discrepância da presença do Clube negro, o 13 de Maio, dos clubes brancos da elite local em outros espaços dos impressos.

Escolheu-se os anos 1970 por marcarem o terceiro momento do Movimento Negro, como já abordado no capítulo 2, ao recuperar Domingues (2007), que aborda que nessa época a movimentação sindical e estudantil era forte, e no mundo o movimento negro estava ganhando forças, surgindo, novamente por exemplo, as referências do movimento negro no mundo: Martin Luther King, Malcom X e organizações como Panteras Negras.

Já os anos 1980 escolheu-se por ser a década de centenário da abolição da escravatura, mais precisamente em 1988, e para saber quais eram os preparativos, no final da década de 1980, para o centenário do Clube Literário e Recreativo 13 de Maio que seria 1990.

Tal análise tem-se por partida a Análise de conteúdo. Recorreu-se a essa metodologia por ela proporcionar métodos e ferramentas para conseguir trabalhar com a comunicação, e as suas plataformas, sendo assim ela é

aplicável – com maior ou menor facilidade, é certo – a todas as formas de comunicação, seja qual for a natureza do seu suporte (do tam-tam à imagem, tendo evidentemente como terreno de eleição o código linguístico). (BARDIN,1977, p. 29-30).

Escolheu-se usar a Análise de conteúdo para identificar quais indicadores mais aparecem nas matérias, pois a metodologia permite que possa analisar diferentes discursos para ver seus conteúdos, através das freqüências e incidências.

O que é a análise de conteúdo actualmente? Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subsistem em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O factor comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas- desde o cálculo de freqüência que fornece em modelos- é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. (BARDIN, 1977, p. 9).

Para a identificação da incidência e a elaboração de indicadores é necessário realização de um recorte temporal e um tema a ser investigado no jornal, no caso a presença do Clube Literário e Recreativo 13 de Maio nos jornais DC e JM, nos anos 1970 a 1989, para identificar qual o discurso sobre o clube estava presente nos impressos. Para a análise recorre-se aos métodos de Bardin (1977), que divide a Análise de Conteúdo em três pontos principais, sendo a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados

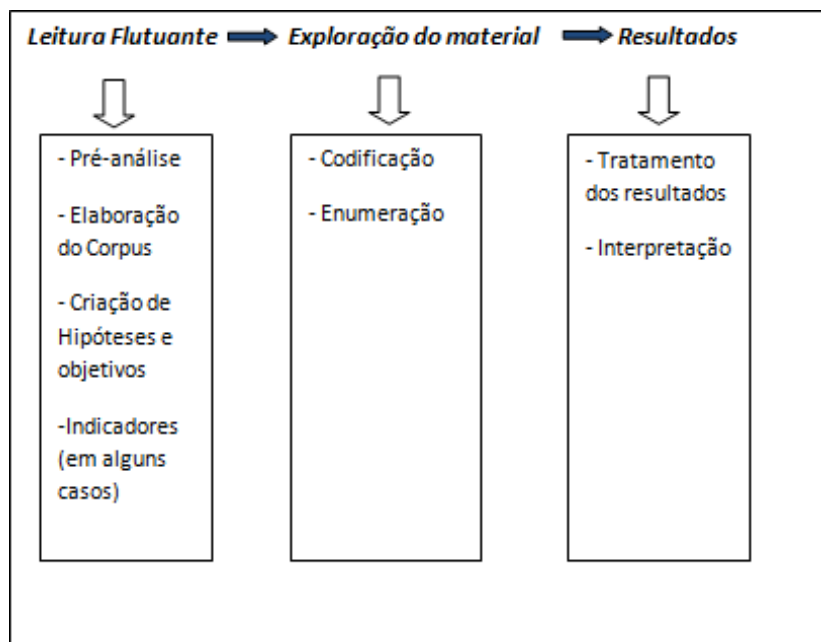
As diferentes fases da análise de conteúdo, tal como o inquérito sociológico ou a experimentação, organizam-se em três pólos cronológicos

1) a pré-análise

2) a exploração do material
 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (BARDIN, 1977, p.95).

Logo, a pesquisa terá três eixos principais, o primeiro é a Pré-análise que terá a leitura flutuante, a criação de hipóteses e a Elaboração do corpus de pesquisa. O segundo seria a exploração do material, caracterizado pela descrição. Já o terceiro seriam os resultados onde se expressam a inferência e a interpretação, como pode ser exposto no quadro a seguir, com base na leitura de Bardin (1977):

Quadro 3- Esquema de como será realizada a pesquisa



Fonte: Livro “Análise de conteúdo” de Laurence Bardin

Para a pesquisa precisa-se entender o que se pede em cada fase de cada eixo da Análise de Conteúdo:

- a) Pré-análise: Após a organização que é a escolha dos documentos, o pesquisador pode ter contato com diferentes materiais, ou seja, com vários textos e representações diferentes e deixar que esse material lhe proporcione impressões, que são organizadas com algumas semelhanças entre os conteúdos lidos, ou seja, é aqui em que aparece a primeira parte da pesquisa, a Leitura Flutuante que “consiste em estabelecer contacto com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações” (BARDIN, 1977, p.96).

- b) Corpus: O corpus seriam as documentações separadas após a leitura flutuante, ou seja, “é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (BARDIN, 1977, p.96). Para o corpus, pode se utilizar algumas regras, como a exaustividade que é analisar todos os documentos do corpus de pesquisa. Segundo ainda Bardin (1977), não se pode deixar nenhum material de fora, e existe a Regra representatividade, neste caso os resultados obtidos, serão generalizados e a Regra da Homogeneidade que devem ter documentos precisos sem singularidades. E, por último, a Regra da pertinência documentos adequados, enquanto fontes de informação Bardin (1977).
- c) Hipóteses e objetivos: Após a leitura flutuante são criadas as hipóteses e os objetivos. Com a hipótese é feita uma afirmação que será verificada após a pesquisa, e a afirmação que se quer investigar é expressa no objetivo da pesquisa, assim sabe-se que a “hipótese é uma afirmação provisória que nos propomos verificar [...] O objectivo é a finalidade geral a que nos propomos [...] no qual os resultados obtidos serão utilizados” (BARDIN, 1977, p. 98).
- d) Indicadores. É com os indicadores que se aparece o índice, no caso a menção de alguma palavra, tema ou tipos de expressão. Ao juntar os índices, aparece daí o indicador

Se se considerarem os textos como uma manifestação contendo índices que a análise vai fazer falar, o trabalho preparatório será o da escolha destes [...] Por exemplo, o índice pode ser a menção explícita de um tema (BARDIN, 1977, p.99-100).

- e) Exploração do material de pesquisa: Codificação e a enumeração. “Esta fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (BARDIN, 1977, p. 101).
- Codificação: é tratamento do material para uma transformação, que resulta de regras específicas (BARDIN, 1977).
 - Enumeração: Neste tipo aparece as regras de contagem, aparecendo a frequência que se aparece dentro de um discurso, ou seja “é necessário fazer a distinção entre a unidade de registro – o que se conta – e a regra de enumeração – o modo de contagem” (BARDIN, 1977, p. 108).

f) Tratamento de resultados e interpretação: Nesta parte aqueles resultados primários são tratados e são levados a estatísticas e análises mais complexas.

[...] resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos (<<falantes>>) e válidos. Operações estatísticas simples (percentagens), ou mais complexas (análise factorial), permitem estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise (BARDIN, 1977, p. 101).

Assim, a interpretação seria a compreensão do processo sistematicamente a partir nas inferências e confrontação de indicadores. Na análise de conjuntura há também a Classificação/categorização e a Inferência.

- Classificação ou categorização: é comum entre os elementos encontrados na análise, é nesse ponto que aparece norte da pesquisa, para onde ela está sendo direcionada.

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação, e seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos (BARDIN, 1977, p. 101).

- Inferência: é a dedução lógica. A inferência geral (dedução conectada com o todo) e as inferências específicas (personagens específicos que aparecem na pesquisa). Ou seja, aparece como “instrumento de indução para investigarem as causas (variáveis inferidas) partir dos efeitos (variáveis de inferência ou indicadores; referências no texto)” (BARDIN, 1977, p. 137).

Após entender esses principais pontos, é necessário entender como se deu a pesquisa. Para o início deste estudo recorreu-se à pesquisa documental em jornais e fotos, e pesquisa bibliográfica para identificar temas sobre o Clube 13. Sendo assim, o primeiro passo desta pesquisa foi encontrar textos e trabalhos sobre a trajetória do negro na cidade de Ponta Grossa, a partir do Clube Literário e Recreativo 13 de Maio, para saber como se dava a relação do negro com a sociedade pontagrossense.

Para embasar melhor a pesquisa bibliográfica tem-se a pesquisa documental, que, como observa Gil (2008), são pesquisas semelhantes, pois utilizam as “fontes de papel”. O segundo momento, então, envolveu pesquisa documental. Buscou-se documentos junto à Casa da Memória, sobre o Clube 13, chegando a fotos e arquivos sobre a entidade, que estão presentes neste trabalho.

A pesquisa documental apesar de ser semelhante à bibliográfica, segundo Gil (2008), “vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser re-elaborados de acordo com os objetivos da pesquisa” (GIL, 2008, p.51). Ainda para Gil (2008), as pesquisas bibliográfica e documental são métodos pelos quais pode-se fazer diferentes tipos de delineamentos.

[...] podem ser definidos dois grandes grupos de delineamentos: aqueles que valem das chamadas fontes de ‘papel’ e aqueles cujos dados são fornecidos por pessoas. No primeiro grupo estão a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental (GIL, 2008, p.50).

Ao ser selecionado bibliografias e documentos sobre o Clube 13 de Maio, partiu-se para a identificação de notas e notícias sobre o Clube nos jornais Diário dos Campos e Jornal da Manhã. Foram analisados 101 jornais. Sendo, 57 impressos do DC e 44 impressos do JM, todos das datas 11, 12, 13 e 14 de maio.

Após identificadas as notícias, procurou-se categorizar as ideias que foram apresentadas e identificadas através da leitura flutuante. A leitura foi realizada para montar uma relação entre as notícias, elaborar uma incidência que foi expresso sob indicadores. Logo, a pesquisa começou com uma pré- análise, que contou com uma organização e escolha dos documentos a serem analisados, a aproximação do conteúdo destes documentos e a análise de conteúdo.

Após selecionados os objetos e formuladas as hipóteses através da leitura flutuante, chega a análise em si do corpus selecionado. Analisar quantitativamente para um debate qualitativo, quando “bem aplicado, permite relacionar descobertas sobre padrões de comportamento social” (CERVI,2009 p.125).

A hipótese que se tinha era que o Clube Recreativo e Literário 13 de Maio era invisibilizado pela imprensa local nos anos 1970 a 1989, porém esta hipótese não foi confirmada, entretanto a relação entre o Clube e o DC e JM mostrou outras nuances. Mas para isso, é necessário conhecer a história de onde será coletado o material, no caso os jornais e a relação deles com o negro, para depois ver a relação com a entidade negra.

3.2 DIÁRIO DOS CAMPOS E O NEGRO EM SUAS PÁGINAS NOS DIAS 11,12,13 E 14 DE MAIO DE 1970 A 1989

A imprensa ponta-grossense começa a engatinhar no final do século XIX e início do XX, e foi difícil consolidar um impresso na região, pois os jornais tinham vida efêmera, sofriam perseguições políticas e tinham dificuldades em manter periodicidade

O crescimento rápido garantiu a Ponta Grossa apropriar-se dos principais símbolos do progresso, com exceção de um: a consolidação da imprensa. Alguns jornais até apareciam, mas também desapareciam numa velocidade surpreendente. Não tinham periodicidade definida, encontravam dificuldades em estruturar-se, sofriam perseguições políticas e não conseguiam transpor o caráter panfletário (BUCHOLDZ, 2007, p.24).

Bucholdz (2007) traz que Jacob Holzmann compra os materiais, como a prensa, caixas e tipos (materiais para montar um jornal) e monta o jornal antecessor do Diário dos Campos, o Jornal O Progresso. Para conseguir tal negócio, fez um “empréstimo de um conto de réis conseguido junto a amigos [...] fechou negócio com Aldo Silva, adquirindo a prensa, as caixas de tipos gráficos e toda a parafernália que pertencia a O Comércio” (BUCHOLDZ, 2007, p.25).

O nome “O progresso surgiu em uma roda de amigos. Inicialmente, pensou-se em chamar o jornal de O Pontagrossense [...] O Progresso parecia mais adequada tanto à conjuntura econômica, histórica e cultural” (BUCHOLDZ, 2007, p.25), Assim o impresso que antes chamava-se O Progresso, fundado em 1907 (HOLLOWATE, 2016, p.8), deu lugar para o jornal Diário dos Campos, em 1913.

O Progresso ganha novos sócios, e as “edições [que] eram quinzenais [...] agora de propriedade da Companhia typographica pontagrossense, se torna finalmente um diário, passando a se chamar Diário dos Campos (HOLLOWATE, 2016, p.9). Logo, em “novembro de 1912, o jornal já noticiava o registro da nova empresa na Junta Comercial [...] a partir de 1º de janeiro de 1913 o periódico teria o título substituído por Diário dos Campos, marcando a nova periodicidade”(BUCHOLDZ, 2007, p.40).

Bucholdz (2007) traz que desde o início da história do DC existiram perseguições, censuras e represálias contra o impresso. Uma das histórias mais marcantes foi a censura e violência que alguns políticos locais descontentes realizaram contra Hugo dos Reis e João Dutra que elaboravam o jornal

Na manhã de 28 de maio de 1909, João Dutra e Hugo dos Reis comandavam o fechamento da edição do dia quando viram pela janela alguns políticos acompanhados de mais de dez capangas que se posicionaram na frente do jornal [...] Os demais jagunços invadiram a redação de O progresso, encurralaram os gráficos e desferiram golpes com barras de ferro dobre o prelo e as máquinas de impressão. Dutra foi agarrado pelos braços e pernas, espancado impiedosamente e arrastado pela praça pública (BUCHOLDZ, 2007, p. 36).

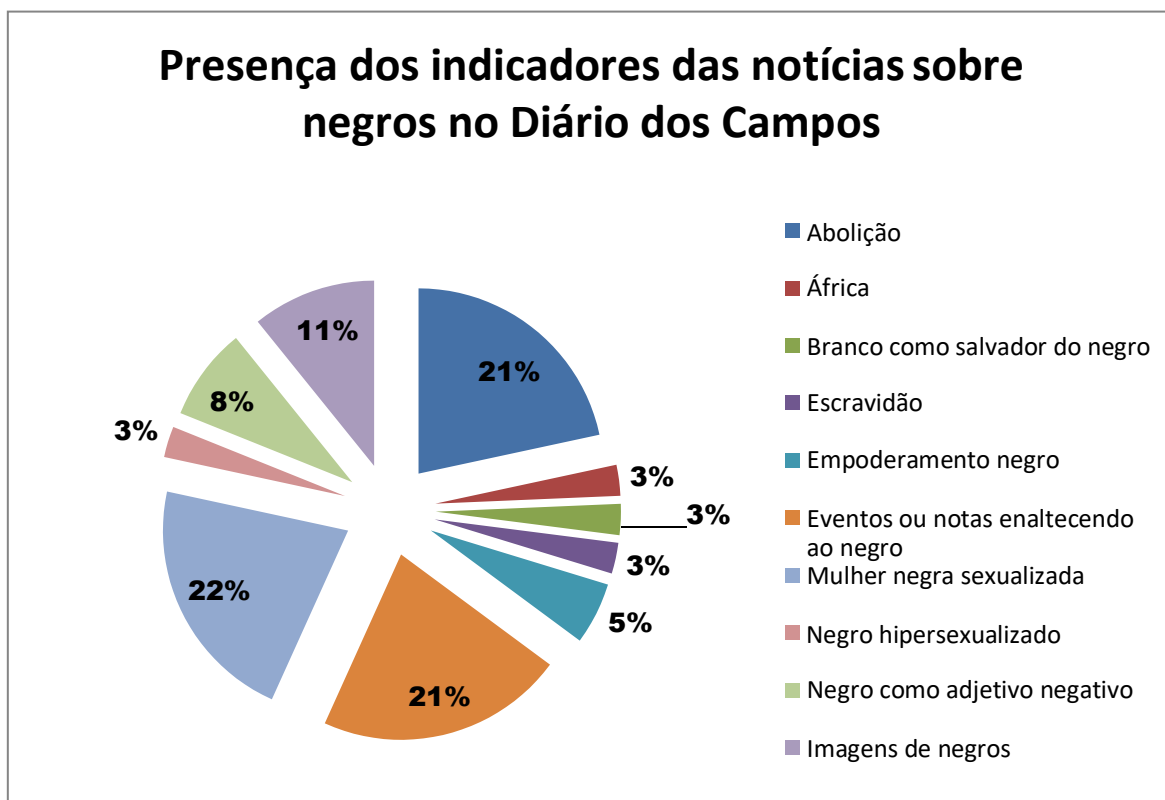
Na década de 1970, segundo observado com esta pesquisa, o jornal DC apresentava em média 10 páginas, e no passar da década obtém o segundo caderno. Já na década de 1980, o impresso passa a ter o formato standard, 16 páginas com dois cadernos e a partir de 1984 a ter oito páginas, como já visto com Bronosky e Ratti (2017).

O jornal DC comandado pelo Grupo Slavieiro na década de 1970 e 1980 (Bucholdz, 2007), era conhecido por suas colunas sociais, onde os jornalistas/colunistas traziam os principais eventos da cidade e região, um exemplo famoso “dos anos 80 chamava-se ‘Calçadão’ [...] lembrava a coluna ‘Sociedade é Assunto’, publicada nos anos 60, pelo tom pouco formal, provocativo e descolado” (BUCHOLDZ, 2007, p.138). E posteriormente, nos anos 70, o jornal Diário dos Campos além de trazer eventos, estampava o rosto da High Society pontagrossense.

Além do colunismo social, o jornal trazia notícias da cidade, do estado e também notícias nacionais e internacionais. E para entender como o DC tratava o Clube negro da cidade (já que tinha pautas sobre eventos dos clubes sociais locais), é necessário ver como o jornal tratava o negro em suas páginas.

Após uma análise das páginas do jornal de 1970, 1971, 1972, 1973, 1977 a 1989 encontramos 37 abordagens positivas, mas também negativas em suas páginas e colunas. Essas abordagens foram reunidas em indicadores, como: “Abolição” com 21% de frequência; “África” com 3%; “Branco como salvador do negro” com 3%; “Escravidão” com 3%; “Empoderamento negro” com 5%; “Eventos ou notas enaltecendo ao negro” com 21%; “Mulher negra sexualizada” com 22%; “Negro hiper-sexualizado” com 3%; “Negro como adjetivo negativo” com 8% e “Imagens de negros” com 11% de frequência.

Gráfico 1- Retratações sobre negros no Diário dos Campos



Fonte: Fonte: Jornal Diário dos Campos. dos dias 11, 12, 13 e 14 de maio de 1970, 1971, 1972, 1973, 1977 a 1989

Quadro 4- Indicadores sobre a presença do negro no Jornal Diário dos Campos

(continua)

| Indicadores | Informativos/Textos/Fotos | Data/ano |
|-------------|--|--------------------|
| Abolição | <p>“A Abolição da Escravatura</p> <p>A data de hoje é consagrada, em todo o Brasil, à Abolição da Escravatura que representava uma mancha negra na história da grande Pátria Brasileira. Mas graça ao espírito patriótico de um pugilo de homens [...] do porte de um José do Patrocínio, Castro Alves, Ruy Barbosa [...]” Texto de Thiago G. de Oliveira</p> | 13 de maio de 1970 |
| | <p>“A Respeito da Abolição</p> <p>A data de hoje assinala para todo o Brasil, a Abolição da Escravatura que representava uma mancha na História a grande Pátria Brasileira, com efeito graças ao espírito lúcido de um pugilo de homens de letras de cujo elenco faziam parte patriotas da estirpe de Euzébio de Queiroz [...]” Texto de Thiago G. de Oliveira</p> | 13 de Maio de 1971 |
| | <p>“Abolição da Escravatura</p> <p>A data de hoje assinala mais um aniversário da Abolição da Escravatura, em todo o Brasil, que representa, em todo o Brasil, que representava não só um opróbio mas, uma mancha na História de nossa Pátria, a que despertou uma inquietação [...]” Texto de Thiago G. de Oliveira</p> | 13 maio de 1972 |
| | <p>“Cem anos da abolição</p> | 13 de Mao de 1988 |

Quadro 4- Indicadores sobre a presença do negro no Jornal Diário dos Campos

| Indicadores | Informativos/Textos/Fotos | (continuação) Data/ano |
|-------------|---|---|
| | <p>Todas as atenções estão voltadas para a grande e gloriosa data que hoje celebramos, representando o triunfo da fraternidade humana, da Verdade a mais bela e reconfortante, de que somos todos iguais [...]” Texto de Francisca Batista Carvalho</p> <p>ESPECIAL</p> <p>O centenário da Abolição da Escravatura vai ter comemoração antecipada na Câmara. Concretizando a proposta do vereador primeiro secretário do Legislativo, Rogério de Paula Quadros [...]</p> <p>“A abolição e uma coroa perdida”</p> <p>[...] Sabemos que a abolição da escravatura demonstra de forma cabal, o resultado das leis malfeitas. Os movimentos negros questionam a data de 13 de maio como marco da emancipação da raça no Brasil. Qualquer historiador bem informado questionaria também. O negro brasileiro não foi libertado devido [...] generosa da princesa Isabel. A Escravidão terminou simplesmente porque se tornava totalmente inviável e contraproducente [...]” Texto de Y. Britto</p> <p>“O espírito da senzala ainda continua</p> <p>Vivemos o Centenário da Abolição da Escravatura negra [...] a escravidão, sob diversos</p> | <p>11 de maio de 1988</p> <p>13 de maio de 1988</p> <p>13 de maio de 1988</p> |

Quadro 4- Indicadores sobre a presença do negro no Jornal Diário dos Campos

| | | (continuação) | |
|-------------------------------|--|--------------------|--|
| Indicadores | Informativos/Textos/Fotos | Data/ano | |
| | <p>aspectos, continuou [...]” Texto de José de Paiva Netto</p> <p>“Liberdade A liberdade jamais poderá ser exercida em seu todo. O porque do pensamento pode ser facilmente visualizado no nosso dia-a-dia, no nosso trabalho, na nossa vida social enfim, na nossa atualidade. Nos cem anos da abolição da escravatura, certamente é necessário que uma nova Princesa Isabel venha libertar os negros dos preconceitos de uma sociedade, existentes na cabeça de cada um. Liberdade, liberdade... [...]” Texto de Jango Neto.</p> | 13 de Maio de 1988 | |
| África | <p>“Namíbia O continente africano vem dando muito trabalho aos professores de Geografia, pelas mudanças constantes que se verificam, não só pelos novos países que se criam, como pelas mudanças de regimes [...]” Texto de Ariovisto Júnior</p> | 13 de Maio de 1989 | |
| Branco como salvador do negro | <p>“Bom dia, amigos. Mesmo sabendo que o império do Brasil seria sacrificado, a Princesa Isabel num gesto do mais puro amor fraterno, ofereceu o trono em holocausto da libertação final dos irmãos de cor [...]” –Perfis da Cidade Vieira Filho</p> | 14 de maio de 1970 | |
| Escravidão | <p>“A Nova Escravidão Depois de tantas lutas, tantas vidas sacrificadas, o homem continua escravo. Só que agora a escravidão é diferente, apesar de submetê-lo dependente da mesma forma [...]</p> | 12 de maio de 1972 | |

Quadro 4- Indicadores sobre a presença do negro no Jornal Diário dos Campos

| | | (continuação) |
|---------------------|---|--------------------|
| Indicadores | Informativos/Textos/Fotos | Data/ano |
| | “Texto de Profª Nídia Miranda | |
| Empoderamento negro | <p>“Palmares</p> <p>Foi em Alagoas, teatro sombrio de um drama histórico empolgante.As cenas, evocativas de lutas milenárias do homem, desenrolaram-se nas vertentes da serra da Barriga, e firmaram, mais uma vez, o império exclusivo da força nos agrupamentos primitivos.</p> <p>Escravos pretos de Pernambuco e vizinhanças [...]” Texto de Professor Yatay de Brito</p> | 13 de maio de 1970 |
| | <p>Capa: Foto de Negro em uma construção civil- “Governo pode criar Fundação Palmares para a memória negra</p> <p>Um ano após o badalado centenário da Lei Áurea, quando as comunidades negras comemoram com festas e reflexões políticas, culturais e históricas e libertação da escravatura no Brasil., o ministro da cultura, José Aparecido, resolve viabilizar a Fundação Palmares [...]</p> <p><i>Discriminação ainda se mantém viva</i></p> <p>Completo hoje exatos 101 anos, quando os chamados abolicionistas, ou radicais, conseguiram junto com a princesa Isabel, abolir a escravatura, em 13 de maio de 1888 [...]</p> <p>O próprio Paraná tem um codinome: Estado louro, em virtude do grande afluxo de imigrantes europeus que aqui fizeram residência. Os negros possuem sobrevida e são praticamente invisíveis. Toda pompa feita no Centenário da Abolição ano passado se</p> | 13 de maio de 1989 |

Quadro 4- Indicadores sobre a presença do negro no Jornal Diário dos Campos

| | | (continuação) |
|---------------------------------------|--|--------------------|
| Indicadores | Informativos/Textos/Fotos | Data/ano |
| | restringe a comemorações este ano, um tanto discretas. Aqui em Ponta Grossa, por exemplo, não se tem notícia de nenhuma programação oficial para amanhã. No decorrer do ano é possível, conforme informou uma assessora da Secretaria Municipal de Educação e Cultura” | |
| Eventos ou notas enaltecendo ao negro | “O professor Hécio de Oliveira Ladeira, chefe do Departamento de História da UEPG, promoverá um Ciclo de Estudos denominado ‘Negro no Brasil’[...] “ Coluna Sigiloso Altayr Bail. | 11 de maio de 1979 |
| | Capa: “A partir de hoje na Câmara lembrança da Abolição A Câmara Municipal de Ponta Grossa, em Sessão especial marcada para hoje, no horário das 19h rendendo homenagens pelo transcurso do ‘Centenário da Abolição’ com um programa de palestra e exposições [...] “ | 11 de maio de 1988 |
| | “Raízes Negras Dia 12 próximo, a Prefeitura Municipal estará promovendo no seu salão nobre a ‘Semana de Raízes Negras’, com início às 20 horas, programação esta que faz parte das comemorações do Centenário da Abolição [...]” | 11 de maio de 1988 |
| | Raízes Negras- Coluna Destaques Alvaro Andrade | 11 de maio de 1988 |

Quadro 4- Indicadores sobre a presença do negro no Jornal Diário dos Campos

(continuação)

| Indicadores | Informativos/Textos/Fotos | Data/ano |
|-------------|--|--------------------|
| | <p>“Nesta quinta-feira, às 20 horas no salão nobre da Prefeitura Municipal, teremos uma solenidade especial que irá homenagear pessoas que vem se destacando na vida social e profissional pontagrossense, na Semana do Raízes Negras. Agradeço a gentileza do convite”.</p> | |
| | <p>“Elogio Mereceu muitos elogios a programação desenvolvida ontem na Câmara Municipal de Ponta Grossa, quando uma sessão especial marcou o transcurso do centenário da Abolição da Escravatura [,,,]”</p> | 12 de maio de 1988 |
| | <p>Capa- “Kizomba ‘A nossa festa’ acontece hoje na Benjamin Constant”</p> | 13 de maio de 1988 |
| | <p>Capa- “Centenário da abolição será comemorado em Telêmaco Borba Para comemorar o centenário da abolição, a coordenação do campus universitário de Telêmaco Borba vai promover a apresentação, amanhã, as 20 horas, no colégio Estadual ‘Wolf Klabin, do evento ‘Cem Anos de Liberdade’ [...]”</p> | 13 de maio de 1988 |
| | <p>“Kizomba No próximo dia 13, sexta-feira, Feriado nacional, o Secretaria Municipal de Educação e Cultura, através do Departamento de Cultura, em conjunto com escolas da rede particular</p> | 12 de maio de 1988 |

Quadro 4- Indicadores sobre a presença do negro no Jornal Diário dos Campos

(continuação)

| Indicadores | Informativos/Textos/Fotos | Data/ano |
|--------------------------|---|---|
| | de ensino, estará realizando na rua Benjamin Constant uma festa de cultura afro-brasileira [...] serão realizadas apresentações de música e dança, desde a capoeira até o samba, estando previsto um sambão para o início da noite com o pessoal do Clube 13 de Maio [...]"- Coluna Destaques Alvaro Andrade | |
| Mulher negra sexualizada | <p>Foto legenda de mulher negra: "Sai hoje aí a Verinha Tanganika, como uma homenagem desta educativa coluna a data histórica [...] A Verinha é uma crioula jóia, capaz de alegrar muito luzitano por aí..." Coluna Zona Franca</p> <p>Foto legenda de mulher negra: "Hoje é dia das mães e também, se vocês não se lembram, é o 'Dia da Abolição'. O 'Dia das Mães' já ta muito badalado, por isso a gente aqui desta educativa coluna optou em prestar uma homenagem ao tremendo crioléo da city. Taí pra ocês, esse monumento de escurinha que é a CLÔ BARRA MANSA que sobrou da escravidão e que tá incomodando muito impertigado por aí. Se não fosse a Princesa Isabel a gente não tava podendo transar com essas crioulas, certo?"- Coluna Zona Franca</p> <p>Foto legenda de mulher negra: "A boca do Povão. Hoje é dia 13 de Maio. Há muitos e muitos anos atrás a Princesa Isabel, a redentora, assinava a 'Lei Área' que libertou todos os escravos do país.</p> | <p>13 de maio de 1978</p> <p>13 de maio de 1979</p> <p>13 de maio de 1981</p> |

Quadro 4- Indicadores sobre a presença do negro no Jornal Diário dos Campos

(continuação)

| Indicadores | Informativos/Textos/Fotos | Data/ano |
|-------------|--|---|
| | <p>Por causa disso meus camaradinhas eu trouxe hoje prá vocês a Angélica, uma crioula de raça, que se não fosse a Princesa Isabel não tava pó ai pra gente paquerar...” - Coluna Zona Franca</p> <p>Foto legenda de mulher negra: “A Boca do Povão. Há 95 anos, isto é, no dia 13 de maio de 1888, A Princesa Isabel [...] paquerar uma tremenda crioula como essa daí” - Coluna Zona Franca</p> <p>Foto legenda de mulher negra: Hoje é o ‘Dia das Mães’ e coincidentemente também é o ‘Dia da Abolição da Escravatura’. Como o dia das mães já foi muito badalado [...] esta coluna educativa presta a sua homenagem ao crioulo da city, na figura impoluta da escurinha Jaqueline [...] Se não fosse a Princesa Isabel a gente não tava podendo transar com crioula como ela, né mesmo? - Coluna Zona Franca</p> <p>“A BOA DO DIA</p> <p>Hoje é o “Dia da Abolição dos Escravos”. Foi no dia 13 de maio de 1888 que a Princesa Isabel sancionou a “Lei Áurea” que acabou de vez com a escravidão no País. José Carlos do Patrocínio, jornalista carioca, foi o mais ardoroso defensor da abolição da escravatura. Ele era filho de uma escrava e de um cônego e foi</p> | <p>13 de maio de 1983</p> <p>13 de maio de 1984</p> <p>13 de maio de 1987</p> |

Quadro 4- Indicadores sobre a presença do negro no Jornal Diário dos Campos

(continuação)

| Indicadores | Informativos/Textos/Fotos | Data/ano |
|-------------|---|---|
| | <p>um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Bão. Eu só sei que se não fosse a Princesa Isabel, hoje, a gente não estaria admirando e nem transando com uma crioula da melhor qualidade, como é o caso da Vera Lúcia Tanganika, aí de cima. Esta é a nossa homenagem ao crioulo da cidade, no seu grande dia.”</p> <p>“A BOA DO DIA</p> <p>Hoje, dia em que comemora o Centenário da Abolição da Escravatura, esta educativa coluna presta a sua homenagem ao crioulo da cidade, na figura ímpar da mulata VERA LÚCIA, um tremendo caldeamento de raça que veio daqueles tempos, quando o negro viveu neste país, torturado e humilhado. Felizmente a Princesa Isabel, a Redentora, passou o jamegão na Lei Áurea e de lá pra cá gente a gente pode paquerar e transar com gente como VERA LÚCIA. E a nossa homenagem vai também ara São Benedito, eis porque hoje também é dia dele. Salve 13 de maio!</p> <p>“A BOA DO DIA</p> <p>Hoje é dia da ‘Abolição da Escravatura. Esta educativa coluna presta a sua sincera homenagem à gloriosa raça negra, na figura da impoluta e bela mulata, Regina</p> | <p>13 de maio de 1988</p> <p>13 de maio de 1989</p> |

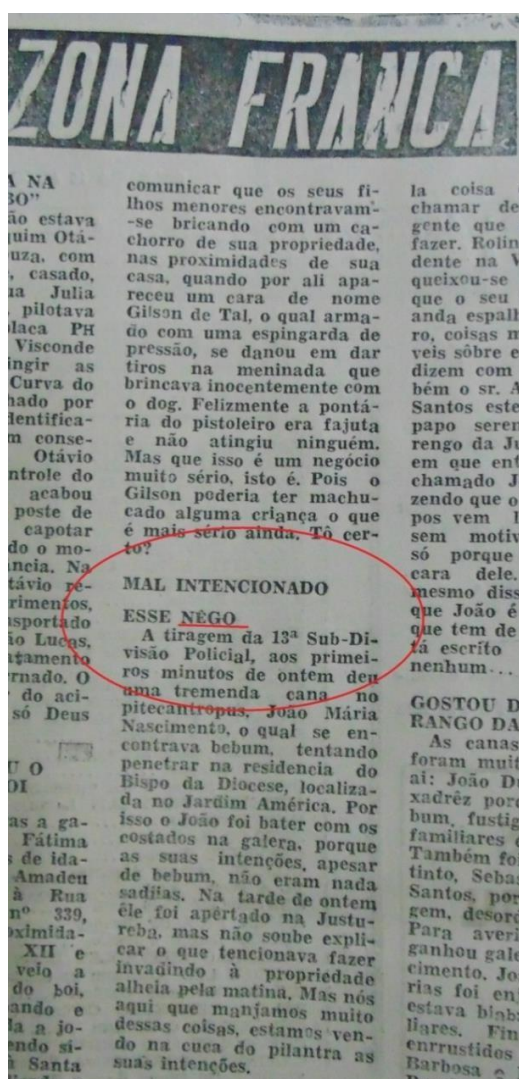
Quadro 4- Indicadores sobre a presença do negro no Jornal Diário dos Campos

| | | (conclusão) |
|------------------------------|--|--------------------|
| Indicadores | Informativos/Textos/Fotos | Data/ano |
| | Tanganika; um lindo e sensual produto do muito que restou da escravidão. Viu só? Não fosse a Princesa Isabel, que há 101 anos assinou a Lei Áurea, hoje em dia a gente não poderia estar transando como uma crioula como ela, sena ágio; né meus irmãos?...” | |
| Negro hipersexualizado | Foto de mulher branca semi-nua: Deixa estar que, com este friozinho aí, o nego até que esquentava um pouquinho só de olhar. | 12 de maio de 1985 |
| Negro como adjetivo negativo | “Mal intencionado esse nêgo” - Coluna Zona Franca | 13 de maio 1977 |
| | “Trem atropelou nego balão”- Coluna Zona Franca | 14 de maio de 1977 |
| | “O nego Jaú é o pior que mosca de cavalo”- Coluna Zona Franca | 13 de maio de 1978 |
| Imagens de negros | Homenagem as mães, com foto de uma mãe negra | 13 de maio de 1973 |
| | Foto de um negro que é colocado como assaltante: “Dirceu Ribeiro dos Santos vulgo ‘Negão’, descuidista”. | 12 de maio de 1979 |
| | Foto de um negro: Foto de Jair Rodrigues na Coluna do “Club Pontagrossense” | 11 de maio de 1983 |
| | Foto de um negro do Clube Literário e Recreativo 13 de Maio: Alcides Gonçalves, posse da diretoria. | 11 de maio de 1980 |

Fonte: Jornal Diário dos Campos. dos dias 11, 12, 13 e 14 de maio de 1970, 1971, 1972, 1973, 1977 a 1989

Após esta análise, um dos exemplos negativos que salta ao olhos é a coluna Zona Franca, que geralmente ficava na última página do jornal. Essa coluna não era assinada, mas trazia as principais informações policiais que ocorreram na cidade e região, no período analisado de 1970 a 1989. Com linguagem popularesca, trazia dois tipos de abordagens negativas sobre os negros, a palavra negro como adjetivo, e o corpo da mulher negra como objeto sexual. No primeiro exemplo, é o título “Mal intencionado esse nêgo”, que em 13 de maio de 1977 trata-se de uma nota sobre um rapaz bêbado, na qual a nota chama de “bebum” que foi preso após tentar invadir a residência do bispo da diocese da cidade.

Fotografia 12- Coluna Zona Franca e o uso da palavra negro como adjetivo negativo



Fonte: Coluna Zona Franca, Jornal Diário dos Campos, 16ª página, 13 de maio 1977

Além disso, no final desta coluna, Zona Franca, na maioria das vezes estampava imagens de mulheres semi-nuas, com um discurso objetificador. Mas nos dias 13 de maio, além de uma foto-legenda objetificando sexualmente uma mulher, colocavam-se negras como objetos sexuais, como pode ser observado em alguns dos exemplos a seguir:

Fotografia 13: Foto e legenda que coloca uma negra como objeto sexual na coluna Zona Franca.



Fonte: Coluna Zona Franca, Jornal Diário dos Campos, 8ª página, 13 de maio 1979

Fotografia 14: 2ª exemplo de foto e legenda que coloca uma negra como objeto sexual na coluna Zona Franca.



Fonte: Coluna Zona Franca, Jornal Diário dos Campos, 8ª página, 13 de maio de 1981

Fotografia 15: 3ª exemplo de foto e legenda que coloca uma negra como objeto sexual na coluna Zona Franca.



Fonte: Coluna Zona Franca, Jornal Diário dos Campos, 8ª página, 13 de maio 1978

Fotografia 16: 4ª exemplo de foto e legenda que coloca uma negra como objeto sexual na coluna Zona Franca.



Fonte: Coluna Zona Franca, Jornal Diário dos Campos, 8ª página, 13 de maio de 1984

Essa objetificação sexual, ou hiper-sexualização do corpo da mulher negra que aparece da Coluna Zona Franca (última página do jornal Diário dos Campos), é uma herança de uma visão que se deu na escravidão, no contexto pós-abolição que na ciência objetificou as negras, como vimos na obra *Casa Grane & Senzala* de Gilberto Freyre, na qual parece que “o escravo negro [ou o/a negro/a do pós-abolição] estaria na sombra da vida sexual do brasileiro” (SANTOS, 2002, p.155).

Pautas como a questão racial sempre foram presentes ao longo da história do Diário dos Campos. Por exemplo, nos primeiros anos do impresso onde eram encontrados (mais precisamente nos anos 1907 a 1921), pontos da teoria racista Eugenia, ou seja

foram um palco privilegiado para os debates da questão do aprimoramento racial, onde diversos de seus colaboradores defenderam uma eugenia neolamarckista e o combate aos venenos raciais. O periódico buscava cumprir sua função como ferramenta para o aprimoramento moral da população ponta-grossense (HOLLOWAT, 2015, p.101).

Já na década de 1980 (um dos períodos desta análise), Mello e Xavier (2017) trazem que era comum no Diário dos Campos aparecer a figura do negro nas páginas policiais. E era comum também xingamentos, ou seja era “mais comum no Diário dos Campos o xingamento (bandidão; safados; besta humana) estar na manchete” (MELLO; XAVIER, 2017, p. 3). Porém, no caso a coluna policial Zona Franca, além de adjetivos, no dia 13 de Maio tinham-se a presença de fotos e legendas sexualizadoras do corpo da mulher negra, como visto nos dados e fotos anteriores.

Essa objetificação do corpo negro surge de uma sociedade racista que antes colocava a pessoa negra como inferior, e que ao longo dos anos colocou o corpo negro como objeto sexual, principalmente as mulheres negras semi-nuas, que também tem influência de uma conjuntura onde “o olhar de homens brancos quanto o de negros e quanto o das mulheres brancas confinaria a mulher negra a um local de subalternidade muito mais difícil de ser ultrapassado” (RIBEIRO, 2016, p.103)

Essa visão do corpo da mulher como objeto sexual também surge no período escravagista. Um exemplo é quando através do olhar do branco as escravas que estavam ali para servir, como se a mulher negra não tivesse liberdade ou vontade própria, assim existia também uma romantização da negra como “sedutora”, que no

período escravagista eram estupradas, como explica Ribeiro

Desde o período colonial, mulheres negras são estereotipadas como sendo 'quentes', naturalmente sensuais, sedutoras. Essas classificações, vistas a partir do olhar do colonizador, romantizam o fato de que essas mulheres estavam na condição de escravas e, portanto, eram estupradas e violentadas, ou seja, sua vontade não existia perante seus 'senhores'. (RIBEIRO, 2018, p.141).

Ribeiro ainda traz que o ato de colocar a mulher negra como objeto sexual retira a humanidade dessas mulheres, as confinam e as reduzem a papéis objetificadores, no caso como objetos sexuais. Nas palavras da autora

Não é pela nudez em si, tampouco por quem desempenha esse papel. É por conta do confinamento das mulheres negras a lugares específicos. Não temos problema algum com a sensualidade, o problema é somente nos confinar a esse lugar, negando nossa humanidade, multiplicidade e complexidade. Quando reduzimos seres humanos a determinados papéis, retiramos sua humanidade e os transformamos em objetos. (RIBEIRO, 2018, p.141).

Assim como as mulheres foram colocadas como objetos sexuais, os homens negros eram encarados como violadores sexuais. Angela Davis traz que tanto a mulher como o homem são vistos de maneira negativa, e tem uma relação estreita com o ato sexual. Mulheres negras quando violadas são vistas como aberrações. Já o homem negro é visto como violador sexual

O mito do violador negro foi metodicamente conjeturado sempre que as recorrentes ondas de violência e terror contra a comunidade negra exigiram justificações convincentes. Se as mulheres negras foram compisculosamente ausente das fileiras do movimento anti-violação contemporâneo, pode dever-se, em parte, à indiferente postura desse movimento em direção ao molde da condenação da violação como um incitamento à agressão racista. Demasiados inocentes foram oferecidos como sacrifícios para a câmara de gás e celas de vida para as mulheres negras para se juntarem àqueles que frequentemente procuravam alívio dos policiamentos e dos julgamentos. Para além disso, como vítimas de violação, elas encontraram pouca simpatia desses homens de uniformes e togas. E histórias sobre assaltos de polícia sobre mulheres negras – vítimas de violação algumas vezes sofrendo uma segunda violação – são ouvidas com demasiada frequência para serem entendidas como aberrações. DAVIS, 2013, p. 126).

Enquanto a mulher negra era ignorada pela justiça ou superiores quando violadas sexualmente, homens negros muitas vezes eram condenados como estupradores equivocadamente quando havia uma violação de uma mulher branca, como aconteceu nos EUA, recuperado por Davis (2013), que também traz os casos

da mulher negra Joann Little, que teve que matar um violador branco; e de Delbert Tibbs, negro acusado falsamente por violentar sexualmente uma mulher negra, caso que também desencadeou um movimento, liderado por Little após ser absolvida.

Gerda Lerner,[...] é uma das poucas mulheres brancas que escreveu sobre o tema da violação durante os anos de 1970 que examinou em profundidade o efeito combinado do racismo e sexismo nas mulheres negras. O caso de Joann Little, julgado durante o verão de 1975, ilustra o ponto de vista de Lerner. Trazido a julgamento sob a acusação de assassinio, a jovem mulher negra foi acusada de matar um guarda branco numa prisão da Carolina do Norte quando ela era a única mulher habitante. Quando Joann Little tomou posição, ela contou como o guarda a violou na sua cela e como ela o matou em auto-defesa com o picador de gelo que ela usou para a maltratar. Por todo o país, a sua causa foi apaixonadamente apoiada por pessoas e organizações da comunidade negra e dentro do recente movimento de mulheres, e o seu absolvido foi hasteada como uma importante vitória tornada possível por esta campanha de massas. No imediato após o seu absolvido, Ms. Little expediu vários movimentos de apelo a favor de um homem negro chamado Delbert Tibbs, que esperava ser executado na Flórida porque tinha sido falsamente condenado de violar uma mulher branca. (DAVIS, 2013, p. 127).

Esses casos dos EUA, o mito do “violador negro” e a mulher negra vista como objeto sexual, e casos extremos como estupros que eram desprezados, ilustram bem como o negro e a negra no mundo racista são ignorados, e vistos como objetos e/ou maníacos sexuais, saindo da visão de máquinas de trabalho, para “brinquedos sexuais”, ou vistos como uma população depravada. Porém, essa hiper-sexualização do corpo negro é uma realidade dos países da América que tiveram escravidão, alimentando a visão de que os negros, mas principalmente as negras, estavam para servir (até mesmo sexualmente) a figura branca. Ou seja, essa visão objetificadora “sexual imposto aos negros e negras se estendeu por todos os países escravocratas na América, de modo que a dominação sexual destes voltava-se à contenção sexual de forma a domesticá-los (TELES; ADI, p. 6-7).

Esse estigma de hiper-sexualização dos negros, mas principalmente das negras, no Brasil foi muitas vezes alimentado pela mídia. A “imagem da ‘mulata’ sensual e provocante é vendida e representada constantemente [...]; quase sempre pela ideia de que a mulher negra é um ‘sabor diferente’ e ‘mais apimentado’”(SANTOS, 2014, p.5). O jornal Diário dos Campos não seria diferente, nos anos 1970 e 1980 nas colunas Zona Franca o tempo todo falava-se em “transar” com as “crioulas” e/ou “escurinhas”, como se a mulher negra estivesse ao

prazer do homem branco. Porém, o corpo feminino “é constantemente hipersexualizado nas mídias [...] Quando a mulher é negra, a sexualização é ainda maior” (SANTOS, 2014, p.5).

Mas não era somente uma visão negativa que passava em relação ao negro, o Diário dos Campos tentava enaltecer a data 13 de maio como libertação da população negra, mesmo as vezes colocando a figura branca como heróica, como em alguns textos colocava a Princesa Isabel como heroína, exemplo é a coluna Perfis da Cidade de Vieira Filho, que em 14 de maio de 1970 trata o ato da princesa como o “puro amor fraterno,[que] ofereceu o trono em holocausto”. Além disso, no início dos anos 1970, o jornal publicava, mesmo que quase repetitivo todo ano, textos sobre a abolição na coluna de Thiago G. de Oliveira.⁷

Percebe-se que tentando abordar de maneira positiva, ou negativa (por exemplo de maneira sexualizada), as colunas do Diário dos Campos refletiam o pensamento da elite branca, que colocava o negro como liberto graças as mãos brancas, a negra como objeto sexual dos brancos, ou a felicidade da “liberdade” dos negros e negras da garra da escravidão. Poucos casos sobre racismo aparece no jornal, somente quando divulgava eventos sobre. Após ver essas características, a dúvida que se gera, é se esses costumes se repetiam no jornal concorrente do Diário dos Campos, no caso o Jornal da Manhã?

3.3 JORNAL DA MANHÃ E O NEGRO EM SUAS PÁGINAS NOS DIAS 11, 12, 13 E 14 DE MAIO DE 1970 A 1989.

O Jornal da Manhã era o principal concorrente do Diário dos Campos, nas décadas de 1970 e 1980 (recorte temporal desta pesquisa). Surgiu na segunda metade do século XX. Assim o “autodeclarado o jornal mais antigo de circulação ininterrupta da região Centro-sul do Paraná, o *Jornal da Manhã* circula desde 4 de julho de 1954 em Ponta Grossa e na região” (KALIBERDA, 2015, p.13-14).

Na década de 1970 o Jornal da Manhã tinha formato standard. Em 1980, o JM muda de formato, e a mudança “desse novo formato é o tamanho, tabloide, e a capa pôster” (BRONOSKY, RATTI, 2017, p. 6) Na década de 1970, conforme esse estudo, tinha em média 10 páginas, e na década de 1980, o impresso “possuía entre

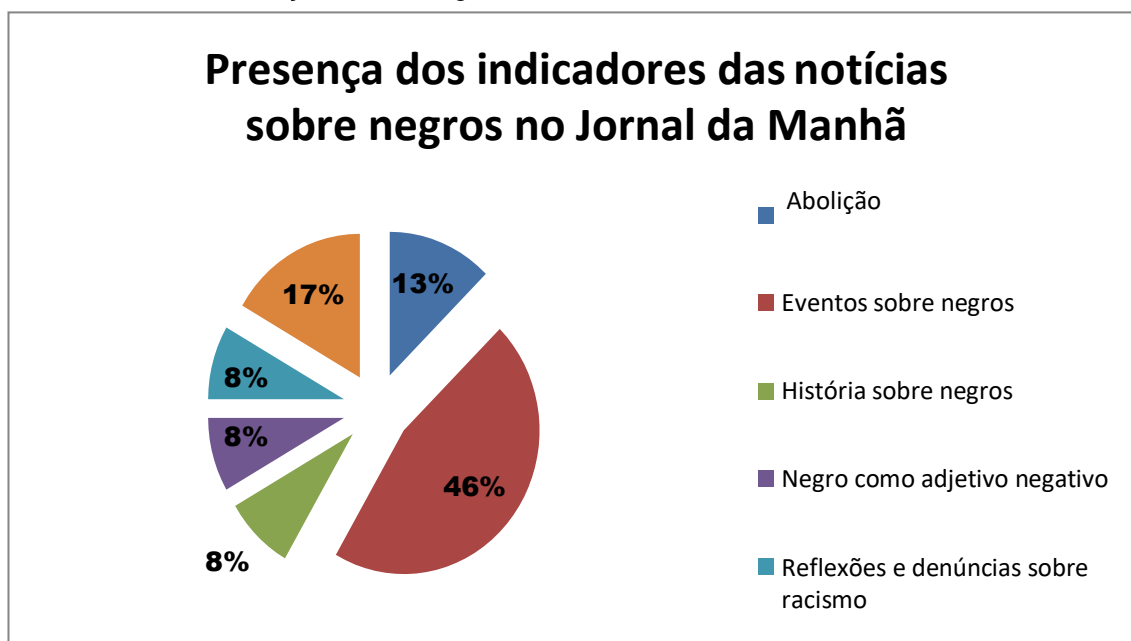
⁷ Na pesquisa apareceu textos de Thiago G. de Oliveira sobre a Abolição da Escravatura (com poucas mudanças quase repetitivas), nos dois impressos no dia 13 de Maio

24 e 40 páginas, com editorias definidas [...] conteúdos locais, nacionais e internacionais, entre economia, política, polícia e esportes (BRONOSKY; RATTI, 2017 , p. 6).

Esta pesquisa observou como o JM tratou o negro nos dias 11, 12, 13 e 14 de maio, ou seja, o dia da comemoração da Abolição da Escravatura, e as datas anteriores e posteriores, dos anos 1970, 1971, 1977, 1978, 1979 a 1989.

Depois da análise, foram reunidas as pautas sobre a população negra nos seguintes indicadores: “Abolição” que correspondia a 13% das pautas analisadas; “Eventos sobre negros” que era maior parte das pautas, que correspondem a 46%; “História sobre negros” que eram equivalente a 8%; “Negro como adjetivo negativo” também 8%, “Reflexões e denúncias sobre racismo” 8%; e, por último, não menos importante na análise o indicador “Figura negra” que é equivalente a 17%. Todos podem ser expressas na seguinte representação:

Gráfico 2- Retratações sobre negros no Jornal da Manhã



Fonte: Dados do Jornal da Manhã dos dias 11, 12, 13 e 14 de maio de 1970, 1971, 1977 a 1989.

Quadro 5- Indicadores sobre a presença do negro no Jornal da Manhã

(continua)

| Indicadores | Informativos/Textos/Fotos | Data/ano |
|--------------------|---|--|
| Abolição | <p>“ A Abolição da Escravatura</p> <p>Comemora-se hoje, a Abolição da Escravatura no Brasil com festividades alusivas à magna data nos Clubes 13 de Maio [...] É que, em 13 de maio de 1888 foi apagada a grande nódoa que manchava as páginas da História Pátria. Apagou-se graças ao espírito lúcido de um pugilo de brasileiros [...] ao despedimento da Princesa Isabel, a Redentora[...]</p> <p>Salve, 13 de maio, salve, a Abolição da Escravatura.</p> <p>Em nossa cidade, assinalam-se solenidades no Clube 13 de Maio, sito a Rua General Carneiro, com a posse da nova diretoria [...]”. Texto de Thiago Gomes de Oliveira</p> <p>“LIBERAÇÃO DOS ESCRAVOS</p> | <p>13 de maio de 1980</p> <p>13 de maio de 1982.</p> |

Quadro 5- Indicadores sobre a presença do negro no Jornal da Manhã

(continuação)

| Indicadores | Informativos/Textos/Fotos | Data/ano |
|----------------------|--|---|
| | <p>Hoje, 13 de maio, comemora-se mais um aniversário da libertação dos escravos. Escravidão, muito usada durante a época do colonialismo e durante o Brasil Império, muito contribuiu para que o Brasil chegasse ao que hoje é [...]” Coluna Bastidores EQUIPE.</p> <p style="text-align: center;">“ABOLIÇÃO CENTENÁRIO DA LIBERDADE</p> <p>Hoje, a sociedade brasileira comemora o centenário da abolição da escravatura, 13 de maio de 1888. Há exatamente 100 atrás, a Lei Áurea assinada pela Princesa Isabel, assinalou uma nova perspectiva para os para os negros: a liberdade [...]”</p> | <p style="text-align: center;">13 de maio de 1988</p> |
| Eventos sobre negros | <p>Capa: “Ciclo de Estudos ‘O Negro no Brasil’ Inicia dia 14 do corrente, na Universidade Estadual de Ponta Grossa, no Auditório da Reitoria, o Ciclo de Estudos ‘O Negro no Brasil’, sob a responsabilidade do Professor Hécio de Oliveira Ladeira, Chefe do Departamento de História [...]”</p> <p>P. 04- Nota: “Apresentações do DCE será dia 13 O diretório Central de Estudantes, entidade representativa da</p> | <p>11 de maio 1979</p> <p>11 de maio 1986</p> |

Quadro 5- Indicadores sobre a presença do negro no Jornal da Manhã

(continuação)

| Indicadores | Informativos/Textos/Fotos | Data/ano |
|-------------|---|---|
| | <p>comunidade universitária, pretende marcar a data 13 de maio com a realização de vários atos. Aí se inclui, apresentação de capoeira, peça teatral, apresentação de músicas afro-brasileiras e ainda manifestações envolvendo a raça negra e a comunidade indígena”.</p> <p>Capa: “KIZOMBA SERÁ A FESTA DA ABOLIÇÃO EM PONTA GROSSA</p> <p>Ponta Grossa vai comemorar o centário da abolição da escratura com ‘Kizomba e a Nossa Festa’, que srpa aberta às 12:00 na rua Benjamin Cosntant . Durante toda a atrde e o princípio da noite, os pontagrossenses conhecerão um pouco mais de cultura afro-brasileira, com espetáculos de danças e comidas típicas variadas”</p> <p>P. 05: PONTA GROSSA COMEMORA CENTENÁRIO COM KIZOMBA</p> <p>[...] A partir do meio-dia as barraquinhas afro-brasileiras estarão servindo feijoada, salgados e doces típicos. Haverá mostras de fotografias e trajes típicos africanos, além de apresentações de</p> | <p>11 de maio de 1988</p> <p>11 de maio de 1988</p> |

Quadro 5- Indicadores sobre a presença do negro no Jornal da Manhã

(continuação)

| Indicadores | Informativos/Textos/Fotos | Data/ano |
|-------------|---|---|
| | <p>vídeo-cassete. Toda a comunidade de Ponta Grossa está sendo convidada a prestigiar a “Kizomba- A Nossa Festa”- Reportagem</p> <p>“A ‘Semana de Raízes Negras’ promovida pela Administração Otto Cunha’ será marcada neste dia 12, com solenidade especial que homenageará pessoas que vêm se destacando na vida social e profissional pontagrossense”- Coluna Gente e Fatos.</p> <p>P. 04- CENTENÁRIO DA ABOLIÇÃO SERÁ COMEMORADO EM TELÊMACO BORBA</p> <p>Para comemorar o Centenário da Abolição, a coordenação do Campus Universitário de Telêmaco Borba vai promover a apresentação, amanhã, às 20 horas, no Colégio Estadual “Wolf Klabin”, do evento ‘Cem anos de Liberdade’ [...]’. Reportagem</p> <p>“Cartazes e trabalhos em exposição na Câmara Municipal até ‘amanhã’</p> <p>Os cartazes e trabalhos em exposição na Câmara Municipal de Ponta Grossa, como parte da programação alusiva ao ‘Centenário da Abolição’ [...]”</p> | <p>11de maio de 1988</p> <p>12 de maio de 1988</p> <p>12 de maio 1988</p> |

Quadro 5- Indicadores sobre a presença do negro no Jornal da Manhã

(continuação)

| Indicadores | Informativos/Textos/Fotos | Data/ano |
|-------------|---|--------------------|
| | <p>P. 05- Raízes Negras</p> <p>HOMENAGENS NA PREFEITURA</p> <p>A administração Otto Cunha e a comunidade pontagrossense estarão prestando uma homenagem especial a profissionais de descendência negra que vêm se destacando nas mais diferentes categorias de trabalho em nossa cidade [...]</p> <p>Além das homenagens a profissionais, também será homenageada a Diretora do Clube 13 de Maio, através do primeiro presidente, Lúcio Alves da Silva [...]"</p> | 12 de maio 1988 |
| | <p>"A Semana de Raízes Negras será marcada hoje, com solenidade especial que homenageará pessoas que vem se destacando na vida social e profissional de nossa cidade. O evento acontece às 20 horas, no SALAO Nobre da Prefeitura Municipal". Coluna Gente e Fatos</p> | 12 de maio de 1988 |
| | <p>"KIZOMBA- A NOSSA FESTA"- Nota coluna Gente e Fatos</p> | 12 de maio de 1988 |

Quadro 5- Indicadores sobre a presença do negro no Jornal da Manhã

(continuação)

| Indicadores | Informativos/Textos/Fotos | Data/ano |
|------------------------|---|--------------------|
| | <p style="text-align: center;">FÓRUM HOMENAGEM AO CENTENÁRIO DA ABOLIÇÃO</p> <p>ESCRavidão- A palavra vem do termo 'Slay'e se referia aos prisioneiros escravos reduzidos a servidão [...]</p> <p>Muitos foram as figuras que se notabilizaram na luta pelo fim da escravatura negra no Brasil e hoje prestamos nossa singela homenagem a todas elas representadas em José do Patrocínio, Luiz gama e Joaquim Nabuco como também sabemos de outros líderes que despontaram com de nodo pelo mesmo objetivo, entre eles, ZUMBI [...]" Texto de Angelo Pilatti Junior- Advogado.</p> | 13 de maio de 1988 |
| Histórias sobre negros | <p>"Negros e brancos destroem cidade americana em lutas AUGUSTA (Geórgia) Centenas de pessoas, muitas delas lutando entre si percorriam as ruas semi-destruídas no bairro negro de Augusta, alguns interrompendo carros, guiados por brancos ou então simplesmente pilhando restaurantes e lojas para em seguida depredá-las. Seis negros foram mortos e sessenta negros ou brancos ficaram feridos, cêrca de quarenta prédios ficaram destruídos durante a noite de distrúrbios, incêndios e tiroteios, segundo informações oficiais. O governo do Estado de Georgia, Lester Maddox, veio para Augusta dizendo que os distrúrbios não foram provocados nem por negros nem brancos.</p> | 12 de maio de 1970 |

Quadro 5- Indicadores sobre a presença do negro no Jornal da Manhã

(continuação)

| Indicadores | Informativos/Textos/Fotos | Data/ano |
|-------------|---|-------------------------------|
| | <p>Para êle os causadores foram aquêles ‘que tentam fazer a nação se ajoelhar a membros da conspiração comunista’ [...]” Reportagem.</p> <p style="text-align: center;">P. 05 ABOLIÇÃO 100 ANOS INTEGRAÇÃO NA SOCIEDADE</p> <p>Da reportagem local</p> <p>Hoje a sociedade brasileira comemora o centenário da abolição da escravatura 13 de maio de 1888. Há exatamente 100 anos passados, a Lei Áurea assinada pela Princesa Isabel, assinalou uma nova perspectiva para os negros: a liberdade</p> <p>Antes da abolição Ponta Grossa já possuía uma espécie de sociedade pertecente a comunidade negra. Eram feitas reuniões que tinham a finalidade de cultuar as tradições africanas [...]</p> <p>ZUMBI</p> <p>A escravidão negra no Brasil nasceu nos primórdios da colonização. O escravo africano tornou-se essencial em todos os momentos do desenvolvimento econômico do Brasil [...] Dirigidos</p> | <p>13 de maio de 1988</p> |

Quadro 5- Indicadores sobre a presença do negro no Jornal da Manhã

(continuação)

| Indicadores | Informativos/Textos/Fotos | Data/ano |
|-------------------------------------|--|---|
| | <p>por um chefe eletivo, o 'Zumbi', foram os negros tornando-se uma ameaça para as propriedades vizinhas as quais às vezes assaltavam com o objetivo de obter recursos para a sua subsistência. A existência da 'República dos Palmares', bem organizada e defendida criou a necessidade de exterminá-la [...]"</p> <p>- Reportagem</p> | |
| <p>Negro como adjetivo negativo</p> | <p>"EUA vive dias negros: greves</p> <p>WASHINGTON- Suportando calor intenso em Washington milhares de jovens norte-americanos reuniram-se durante três horas na capital para dar seu apoio aos pedidos de uma greve nacional, afim de 'Aleijar a máquina de guerra', e apressar o fim do envolvimento dos Estados Unidos no Sudeste Asiático [...]"</p> <p>Reportagem</p> <p>"Richa preparará 'Livro Negro' de administração Ney Braga</p> <p>CURITIBA- O PMDB do Paraná está preparando uma espécie de 'livro negro' da administração do ex-governador Ney Braga"-</p> <p>Reportagem</p> | <p>12 de maio De 1970</p> <p>14 de maio De 1983</p> |
| <p>Reflexões e denúncias</p> | <p>"Jovem Negra é expulsa de boate por reflexos de racismo.</p> <p>Curitiba (AJB/JM)- a jovem Rosangela Aparecida e Souza foi</p> | <p>13 de maio De 1981</p> |

Quadro 5- Indicadores sobre a presença do negro no Jornal da Manhã

(continuação)

| Indicadores | Informativos/Textos/Fotos | Data/ano |
|---------------|---|--------------------|
| sobre racismo | <p>expulsa da boite 'Papeete', em Curitiba, sob a alegação de que era 'de cor'. Seus amigos distribuíram uma nota pelas ruas da cidade sob o título 'Racismo em Curitiba', onde denunciam 'a mais típica afronta à Lei Afonso Arinos'. O proprietário da boite, Dorval Simões Filho, alegou que o preconceito racial, 'mas de nível social, pois a casa só é freqüentada por colunáveis'[...]'- Reportagem</p> <p>"Acabem com seu racismo A quase um século atrás, precisamente a 98 anos, a Princesa Isabel assinava a lei que dava liberdade a todos os escravos do País. Após isto, os então trabalhadores forçados, em cujo sofrimento, suor e humilhação foi construída a fortuna de alguns e porque não parte da economia do Brasil, estavam livres [...] O racismo existe dentro daquele ser inferior, que se esconde atrás deste escudo , com medo de enfrentar a realidade e constatar que os que os ex-escravos , são hoje muito melhores que ele" Página Social- Coluna Léo.</p> | 13 de maio de 1983 |
| Figura negra | Capa: Foto de uma negra para ilustrar a chamada da assessoria de Relações Públicas, Valentina Saptechenko, da SANBRA- | 11 de maio de 1977 |

Quadro 5- Indicadores sobre a presença do negro no Jornal da Manhã

(conclusão)

| Indicadores | Informativos/Textos/Fotos | Data/ano |
|-------------|---|---|
| | <p>Sociedade Algodoeira do Nordeste brasileiro para relatar os preparativos do sétimo Rainha da Soja do Paraná 1977, realizado no Clube Pontagrossense.</p> <p>Foto de um negro na página de esportes.</p> <p>Foto de duas meninas negras na página de esportes.</p> <p>Foto de mulheres negras de outros clubes que participavam de concursos: “BOM PASTOR PROMOVE DESFILE DE MISSES Ponta Grossa terá a oportunidade de assistir novamente o desfile de Misses, Rainhas, Princesas, fantasias de luxo e originalidade que marcaram momentos de brilho em nossa sociedade. A promoção é da Escola Bom Pastor, Ensino Pré-Escolar e de 1º grau, e acontece neste dia 13, sábado, no Clube Guáira como uma das festividades alusivas ao dia das mães. Na ocasião será passada a coroa da Rainha os Bancários para a 1ª Princesa [...]”</p> | <p>14 de maio de 1980</p> <p>11 de maio de 1988</p> <p>11 de maio de 1989</p> |

Fonte: Dados do Jornal da Manhã dos dias 11, 12, 13 e 14 de maio de 1970, 1971, 1977 a 1989

Após a análise, percebe-se que os indicadores mostram que são poucas as abordagens negativas sobre negros no Jornal da Manhã, sendo somente o indicador “Negro como adjetivo negativo” que tem 8% de ocorrência. Já as abordagens positivas são maiores, que são os outros indicadores, sendo o maior que é “Eventos sobre negros” com 46% de ocorrência.

Outro indicador interessante é aquele que aponta as “Reflexões e denúncias sobre racismo”, onde textos abordavam a discussão sobre racismo e o lugar do negro na sociedade. Um exemplo que salta aos olhos foi a matéria que denunciava um ato de racismo em Curitiba, quando uma jovem é expulsa de um evento por ser negra, como pode-se observar na imagem a seguir:

Fotografia 17- Notícia sobre negra expulsa de uma boate



Fonte: Jornal da Manhã- 13 de maio de 1981

Já as abordagens negativas, não se concentram em desmoralizar e/ou objetificar a figura do negro ou da negra, porém aparecem a palavra “negro” como algo negativo, mas de contextos que não estão dialogando com a figura do ser humano negro, como ocorreu nas duas matérias de título -“EUA vive dias negros: greves” e a de título “Richa preparará ‘Livro Negro’ de administração Ney Braga”.

O Jornal da Manhã ainda traz dois casos diferentes que pode-se afirmar que ocorre um enaltecimento da beleza da mulher negra. Não cita a beleza negra de maneira direta, mas liga a imagem da mulher aos concursos de beleza da cidade de Ponta Grossa, como pode-se observar nas imagens a seguir, que no primeiro exemplo mostra a capa de 11 de maio de 1977 em uma chamada que aborda os preparativos do sétimo Rainha da Soja do Paraná 1977, ilustrado com a foto de uma negra. E o segundo caso, seria o desfile de misses no Colégio Bom Pastor, onde a foto que o Jornal da Manhã traz aparece negras no desfile.

Fotografia 18- Negra em chamada do Rainha Soja Paraná- Jornal da Manhã



Fonte: Jornal da Manhã - 11 de maio de 1977

Fotografia 19- Negras em desfiles de missas de vários clubes pontagrossenses.



Fonte: Jornal da Manhã 11 de maio de 1989

Porém, em ambos os casos específicos em que aparecem negras não significa que o único clube negro local da época tivesse aparecido (o que ocorre em outros momentos). Sendo assim, não aparecem mulheres negras do 13 de Maio nas edições do Concurso Rainha da Soja, como não aparece também as missas do 13 na matéria “Bom Pastor promove desfile de missas”, já que são citadas somente missas do Clube Pontagrossense, do Clube da Lagoa, do Clube Verde e da Associação Homens do Trabalho entre outras entidades. Mas, a presença do Clube 13 será analisada melhor no tópico a seguir.

3.4 A CARA, O NOME E AS ESTRATÉGIAS DE PRESENÇA DO CLUBE LITERÁRIO E RECREATIVO 13 DE MAIO NOS JORNAIS DIÁRIO DOS CAMPOS E JORNAL DA MANHÃ

A presença do Clube Literário e Recreativo 13 de Maio nos jornais Diário dos Campos e Jornal da Manhã ocorrem algumas vezes, o que é discrepante da hipótese que se tinha no início desta pesquisa, pois tinha-se como suposição de que o clube era totalmente invisível aos olhos da mídia local. Porém, ao decorrer do estudo identificou-se diferentes nuances e peculiaridades sobre a presença do 13 de

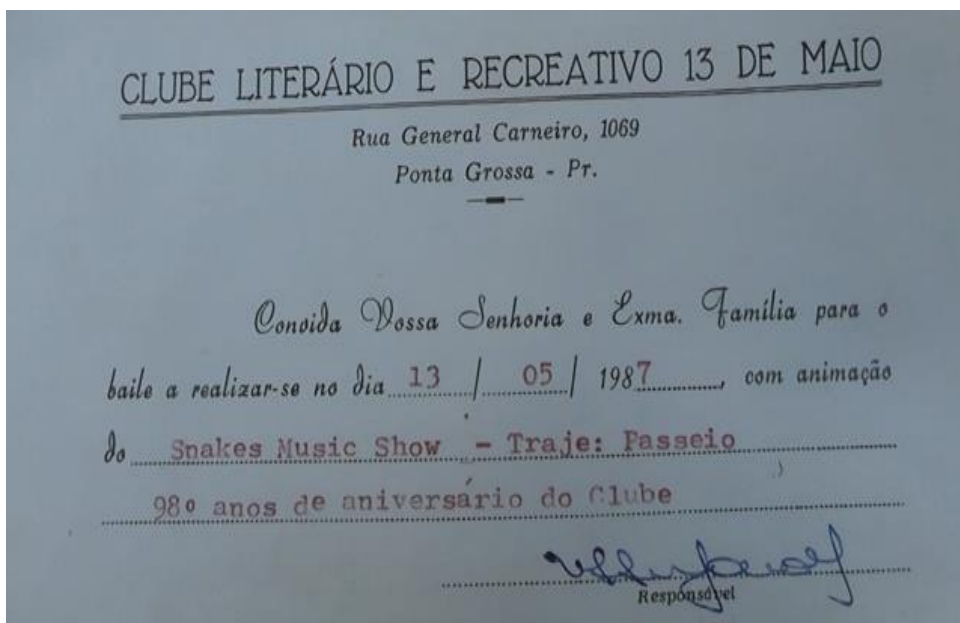
Maio nesses jornais. Essas demandas mostram as estratégias comunicacionais da diretoria da entidade, a baixíssima presença do rosto dos associados no jornal, principalmente no colunismo social (fortíssimo na época no que diz respeito à divulgação dos eventos dos clubes sociais locais), os eventos do 13 de maio no colunismo eram em relação a troca da diretoria e aniversário do clube, a falta de divulgação dos concursos de beleza do 13, e, também, a visão preconceituosa da sociedade em relação ao clube, que a mídia local escancara em uma denúncia específica nas páginas do Jornal da Manhã. Todas essas relações foram separadas por tópicos, e como já ressaltado essa pesquisa analisou os dias 11, 12, 13 e 14 de maio, nos anos 1970 a 1989 do Diários dos Campos e Jornal da Manhã¹²

a) Estratégias comunicacionais e a presença do clube 13 de maio no DC e JM

Para que houvessem divulgações dos eventos do Clube Literário e Recreativo 13 de Maio, os diretores e/ou representantes da entidade utilizavam de estratégias comunicacionais para que fosse efetuada a divulgação e a comunicação entre clube e associados, como também entre o clube e a mídia local. Um exemplo de estratégia eram os convites que o 13 enviava às pessoas, convites simples, que auxiliavam o registro e o chamado para participar de festividades ou demais eventos. Geralmente esses convites eram assinados pelo presidente do Clube, e traziam informações do evento e dos responsáveis pela animação.

¹² O Diário dos Campos foi analisado os anos 1970, 1971 1972, 1973, 1977 a 1989. O Jornal da Manhã foi analisado, 1970, 1971, 1977 a 1989.. Os anos que não foram analisados são edições que não tinham no acervo Casa da Memória Paraná que é o museu onde se encontra os jornais e documentos antigos de Ponta Grossa /Paraná

Fotografia 20- Convite de baile de 1987 do Clube 13 de Maio



Fonte: Arquivo pessoal

Além de serem enviados para os associados, os convites eram enviados aos meios de comunicação impressos da cidade, e a outros clubes para assim terem espaço no colunismo social, seja do jornal ou dos espaços pagos de outros clubes sociais. Um exemplo pode ser visto no recorte a seguir, onde um convite do Clube 13 é divulgado na íntegra na coluna social Destaques –Álvaro Andrade do Diário dos Campos.

Fotografia 21- Convite 13 de Maio- Coluna Destaques Álvaro Andrade



RECEBI:
"CLUBE LITERÁRIO E RECREATIVO 13 DE MAIO
— CONVITE — A atual Diretoria do Clube Literário através de seu Presidente vem convidar os associados e excelentes famílias para participar das festividades de aniversário do clube e posse da nova diretoria eleita no último dia 16 de Abril.
As festividades serão levadas a efeito no dia 13 de Maio, constando de missa solene na Igreja do Rosário, às 19:00, às 21:00 horas posse da nova diretoria na sede social do clube, e encerrando as festividades às 23:00 horas o baile em comemoração aos 83 anos do clube, com traje passeio completo; a animação do baile estará a cargo do excelente conjunto Musical Caravan.
Desde já a Diretoria agradece a presença de todos.
(a) Presidente: Antonio Rodrigues".

RECEBI

CLUBE LITERÁRIO E RECREATIVO 13 DE MAIO — CONVITE—A atual Diretoria do Clube Literário através de seu Presidente vem convidar os associados e excelentíssimas famílias para participar das festividades de aniversário do clube e posse da nova diretoria eleita no último dia 16 de Abril.

As festividades serão levadas a efeito no dia 13 de Maio, constando de missa solene na igreja do Rosário , às 19:00, às 21:00 horas posse da nova diretoria na sede social do clube, e encerrando as festividades às 23:00 horas o baile em comemoração aos 83 anos do clube, com traje a passeio completo; a animação do baile estará a

Fonte: Jornal Diário dos Campos -11 de maio de 1978

Não eram somente as páginas de colunismo social dos jornais que o 13 de Maio tinha por objetivo ter acesso, mas também as colunas particulares dos demais clubes, e para isso a entidade enviava também convites para outros clubes, como aconteceu em 13 de maio de 1984, quando o Clube 13 envia para o Clube Pontagrossense um convite para o baile de gala, em alusão aos 95 anos de fundação, que tinha a participação especial do Grupo Musical Jair Super Cap Show.

Assim o baile negro era divulgado na mídia e de maneira simples de associado a associado, e tal atitude demarcava a presença do local na cidade que antes foi por muitos anos reprimida, como já lembrado as perseguições que o 13 teve para se solidificar em Ponta Grossa, que tinha que mudar várias vezes de endereço.

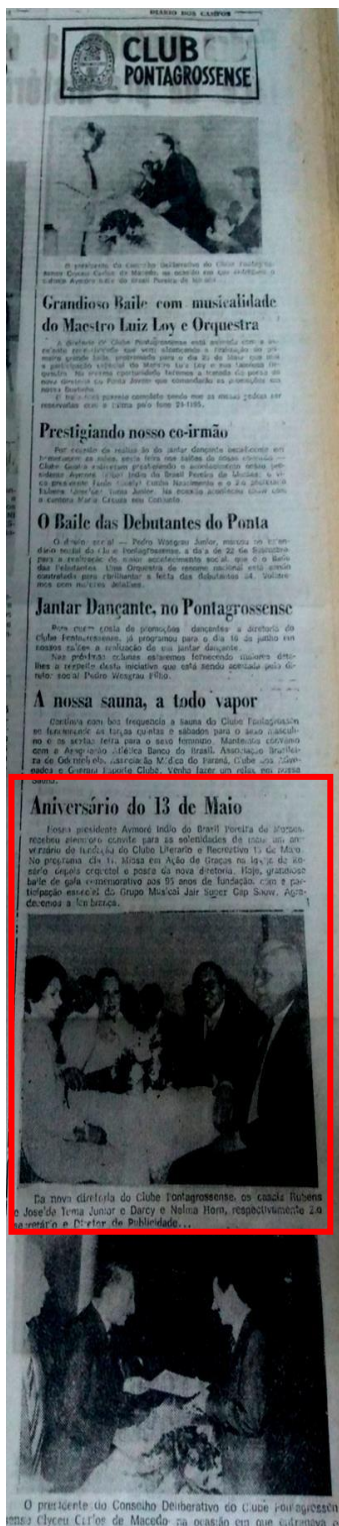
Mas a sua presença na mídia local se dava pelo agraciamento de convites tanto para colunistas como para outros clubes, o que alimentava um apreço e um carinho do clube pela sociedade, e assim demarcava seu território, mas agora na high society local.

O fato de ter um clube negro nas colunas sociais e de ser considerado um dos point's sociais da região, ou seja, o fato de ser incluído na high society, fazia com que esse lugar, mesmo sendo uma resistência à alta sociedade branca, funcionasse como um local de elite, mas no caso a elite negra. Esses tipos de entidades voltadas para e criadas pela população negra representam um povo empoderado, que formou uma elite e construiu seus espaços com as próprias mãos, e assim

[...] são um exemplo de resistência e resiliência, pois romperam com os padrões da sociedade ao sair da inércia que os mantinha isolados, ao constituir uma 'elite negra empoderada' que construiu monumentos com as próprias mãos, o se fazer enxergar por aqueles que não os queriam ver em um mesmo patamar" (ESCOBAR, 2010, p. 164).

Essa construção desta elite negra se dava no espaço social também. Em Ponta Grossa podemos observar o exemplo a seguir, onde um agradecimento que o presidente do Clube Ponta-grossense Índio do Brasil Pereira de Moraes faz na coluna social da sua entidade na página do jornal Diário dos Campos, para agradecer um convite do Clube 13 de Maio. Por mais que um espaço pequeno, com nove linhas contando com o título em negrito, e que briga por espaço com uma foto, o clube negro estava ali presente, no dia 13 de maio de marcando seu local e alimentando seu status na cidade.

Fotografia 22: 13 de maio pautado na coluna do Clube Pontagrossense



Aniversário do 13 de Maio

Nosso presidente Aymoré Índio do Brasil Pereira de Moraes, recebeu atencioso convite para as solenidades de mais um aniversário de fundação do Clube Literário e Recreativo. No programa.

No programa dia 11, Missa em Ação de Graças na igreja do Rosário depois coquetel e posse da nova diretoria. Hoje, grandioso baile de gala comemorativo aos 95 anos de fundação, com a participação especial do Grupo Musical Jair Super Cap Show. Agradecemos a lembrança

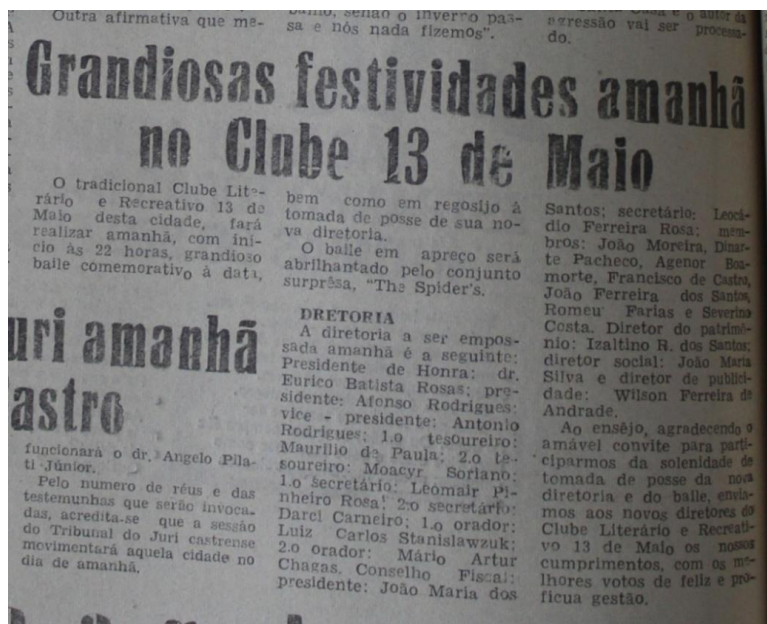
Além das colunas sociais, o Clube 13 de Maio várias vezes se tornou pauta de notícias divulgando as suas festividades ou reuniões ao longo dos anos 70 e 80.

b) As reportagens e notícias sobre o Clube 13 de Maio nos jornais Diário dos Campos e Jornal da Manhã e a Contra-hegemonia da entidade.

Além de notas, o Clube 13 de Maio também conseguia emplacar as pautas de notícias e reportagens dos Jornais Diário dos Campos e Jornal da Manhã. Eram raras as notícias que falavam somente do clube. No jornal Diário dos Campos de 1970 a 1989, cinco notícias ou notas deram destaque ao Clube 13 de Maio, perto dos que mais eram pautados como Clube da Lagoa com sete pautas, seguido de Clube Pontagrossense, Lions Clube e Jockey Clube que tiveram cinco notícias/notas.

Um exemplo é uma notícia do 12 de maio de 1971 do Jornal Diário dos Campos, na qual anunciava o baile no Clube 13 em alusão à data 13 de maio, com animação de um conjunto daquela época, o “The Spider’s” e ainda a troca da diretoria.

Fotografia 23: Notícia do Clube 13 de Maio de 1971



Fonte: Jornal Diário dos Campos 12 de maio de 1971

O Jornal da Manhã também trabalhou em suas pautas com o Clube 13 de Maio. Ao longo dos anos pesquisados, foram identificados poucos casos de

reportagens e/ou notícias da entidade negra, ocorrendo uma vez, já os clubes mais citados eram os ligados ao esporte como Clube Princesa dos Campos com seis notícias/notas e Jockey Clube com cinco notas/notícias (a maioria falando do futebol suíço).

Porém, a única notícia sobre o Clube 13 de Maio no JM é um especial sobre abolição da escravatura, um caso emblemático que ocorreu em 1988, que no dia do Centenário da Abolição, 13 de Maio, o jornal traz uma matéria denunciando o preconceito e a perseguição que o clube dos negros local sofria.

Era uma matéria, de quase uma página, tinha o título “Integração na sociedade”, e o chapéu (frase ou a palavra antes do título) a frase “100 de abolição”. Com uma foto da frente da sede do Clube 13 de Maio, era denunciado o preconceito que os negros e negras enfrentavam quando ligados ao clube. A reportagem conta que o baile do Clube negro ganhava por parte da sociedade branca, o apelido de “Baile do Colarinho duro”, e também que o 13 não era o único clube voltado aos negros da cidade, teve-se como ideia na cidade criar um clube chamado de “Clube dos 100”, mas que na verdade não passou de uma vontade que não saiu dos papéis.

O texto ainda traz que outros clubes se espelharam no 13 de maio e começaram a engatinhar na cidade, como o Clube Ponta-grossense, o Clube Democrata e dois clubes que acabaram sendo extintos, os clubes 28 de setembro e 15 de novembro.

Essa reportagem ajuda a trazer a realidade imposta ao Clube negro, que era um preconceito e exclusão que se faziam presentes na linguagem da sociedade que não gostava da entidade negra. Isso demonstra que a presença do clube incomodava, seja pelo fato de ser freqüentado por negros e negras, que eram desvalorizados sendo chamados de “Colarinho duro”, ou por ser um clube que acolheu por décadas a população negra que não era bem aceita aos olhos dos preconceituosos.

O termo “Colarinho duro” poderia demonstrar que negros/as ao realizarem bailes e ainda serem pautados pela mídia local, saíram do patamar de servidores, para uma de elite, ou seja a elite negra, como já abordada. A reportagem citada

pode ser vista a seguir:

Fotografia 24: Especial sobre o Clube 13 no jornal JM em 1988



Fonte: Jornal da Manhã 13 de maio de 1988

Quadro 6 - Texto Jornal da Manhã sobre o Clube 13 de Maio.

| | |
|--|---|
| <p>P. 05 ABOLIÇÃO 100 ANOS</p> <p>INTEGRAÇÃO NA SOCIEDADE</p> <p>Da reportagem local</p> <p>Hoje a sociedade brasileira comemora o centenário da abolição da escravidão 13 de maio de 1888. Há exatamente 100 anos passados, a Lei Áurea assinada pela Princesa Isabel, assinalou uma nova perspectiva para os negros: a liberdade</p> <p>Antes da abolição Ponta Grossa já possuía uma espécie de sociedade pertencente a comunidade negra. Eram feitas reuniões que tinham a finalidade de cultivar as tradições africanas. Celmira Bento Macedo, filha do ex-escravo Luiz Marias Bento, recorda que 'As reuniões eram realizadas num casarão de propriedade de Ezequiel Barbosa Almeida, que ficava próximo das casas de prostituição', atualmente abriga as instalações do Mercado Municipal.</p> <p>INTEGRAÇÃO</p> <p>Em 6 de janeiro de 1890, Luiz Marias Bento, conhecido por Luiz Miró- por ter pertencido a senzala do Comendador Miró-, lançou a ideia de fundar um clube, que ganhou respaldo de José Borges e Casemiro Cardoso de Menezes. Com isso, precisamente dois anos depois da assinatura da Lei áurea, sob a presidência de Luís Miró, surgiu o Clube Literário e Recreativo 13 de maio, que nasceu com o propósito de aculturar o negro, integrando-o na sociedade. Desde então, a associação nunca foi uma instituição fechada, racista, entretanto, sempre freqüentada pela maioria negra.</p> <p>O termo "literário" era atribuído ao fato de que a sociedade destinava-se à cultura do negro. Tendo sido libertados a quase dois anos antes da fundação da entidade, muitos deles não possuíam instruções. Criou-se no clube, uma valiosa biblioteca que aculturou e instruiu ex-escravos e seus filhos, tornando-os posteriormente profissionais de grande destaque na sociedade.</p> <p>O clube pretendia formar o 'preto social'. Era uma associação que selecionava os sócios-não pela condição financeira, mas pela apresentação no meio social, fazendo questão que o negro se impusesse. Em razão dos trajes rigorosos usados pelos sócios, em determinada época a sociedade foi chamada de 'clube do colarinho duro'.</p> <p>Do 13 de maio, surgiram outros clubes, entre os quais, o Democrata, fundado por José Nascimento, Guaíra, Pontagrossense, e os já extintos 28 de setembro e 15 de Novembro. Entretanto, muitas dessas associações, não permitiam a entrada do negro em suas promoções.</p> <p>Silvio Alves da Silva, 70 anos, presidiu o Clube 13 de maio no biênio 1943/44 Filho de Lúcio Alves da Silva, também ex-presidente da sociedade, reportou que era tipógrafo e, por volta de 1940, passou a servir o exército. Era músico e fazia parte dos conjuntos</p> | <p>musicais 'Guarani' e 'União'. Contava com 23 anos quando foi convidado a presidir a associação, recusando-se, a princípio. Porém, aconselhado por seu pai, e de seus insistentes sociações, acabou aceitando o cargo. 'Não foi fácil presidi-la', recorda Silvio. Por motivo que desconhece, o clube foi hipotecado e os pagamentos ficavam cada vez mais difíceis. Em dois anos, relembra, trabalhou arduamente inclusive subsidiando alguns bailes com recursos próprios.</p> <p>Superando esta fase, o clube ganhou importante destaque na sociedade, título que o atual presidente Roseleu do Rocio Manoel orgulha-se de manter, 98 anos após sua fundação.</p> <p>CLUBE DOS 100</p> <p>Em 1979, tentou-se fundar uma Associação Negra, em Ponta Grossa. Um clube recreativo, cultural beneficente cujo principal objetivo era o de integrar o negro na sociedade pontagrossense. De acordo com seu idealizador, o farmacêutico Mário Arthur Chagas, conhecido por Carlos Chagas, residindo há mais de 40 anos, em Ponta Grossa, diz que a iniciativa era fundar o Clube dos 100, estruturá-lo e admitir novos sócios. Todavia, lamentou Chagas, a idéia fracassou. Não conseguiram vinte sócios, número mínimo exigido para a fundação de uma associação. Estimava-se na época que Ponta Grossa tivesse cerca de 5% de população negra, cerca de doze mil.</p> <p>Para Chagas, a causa do fracasso está na falta de união do próprio negro. 'Eu queria que o negro soubesse porque ele não está nos clubes, porque não participa, mas infelizmente não deu certo. O negro é marginalizados porque ele próprio se marginaliza, não procura se impor e fazer parte da sociedade. Para mim o preconceito está dentro da própria raça. Tanto que eu mesmo não consegui namorar uma mulher negra e sou casado com uma branca', lamenta.</p> <p>Chagas enfatiza que a situação de hoje é por que há 40 anos passados. Na sua opinião o negro participa mais e agora procura esconder-se. 'Eu participo mesmo que me chamem de negro metido. Sou sócio de alguns clube, contudo, às vezes, me sinto mal, pois em muitos casos sou o único negro presente', desabafa.</p> <p>Discorrendo sobre o Centenário da Abolição, Chagas destaca que o negro vive hoje em uma situação pior do que quando era escravo. 'Com isso não quero dizer que a Lei Áurea não foi benéfica, porém, critico a forma como foi efetivada, já que o negro foi libertado sem instrução, sem o devido apoio, sendo marginalizado e tendo que submeter-se a sub-empregos. Hoje, muitos estão residindo nas favelas e até passam fome', defende-se</p> <p>Em contrapartida, Chagas entende que o próprio negro deve reverter essa situação, impondo-se mais, enfrentando a realidade. 'Não sou milionário, mas me considero bem sucedido. Tenho meu próprio negócio, minha família vive bem. Por isso volto a insistir que o fim do racismo depende quase que exclusivamente do negro, basta que ele queira', finaliza.</p> |
|--|---|

Fonte: Jornal da Manhã- 13 de maio de 1988.

O fato de existir uma elite negra demonstra que os negros e as negras da cidade de Ponta Grossa, nas décadas após a abolição da Escravatura (no caso ao longo dos 100 anos após abolição), começaram a se unir e se organizar formando-se um tipo de contra-hegemonia, ou tensão da Hegemonia

Para que haja uma contra-hegemonia é necessário que tenha um pensamento ou ideologia que tencione a hegemônica, que nesse caso podemos representar nos clubes da elite branca. Para entender o que é Hegemonia, pode-se recorrer os estudos já utilizados nessa dissertação, os apontamentos de Antônio Gramsci. Para esse pensador italiano que sofreu perseguições e foi preso durante o Fascismo¹³, o termo Hegemonia (oriundo da sua obra *Cadernos do Cárcere* quais escreveu na prisão) estaria ligado a ideia de Hegemonia Política, termo que para ele seria uma visão de supremacia, em contextos como religião, economia, linguística etc. (COSPITO, 2017).

Como o objetivo é falar de cultura, deve-se ressaltar que a Hegemonia cultural “não se deve contrapor à política, como testemunha o uso de expressões como ‘hegemonia político-cultural’, ‘político-intelectual’, ‘intelectual, moral e política’ e similares” (COSPITO, 2017,p. 691). Deve-se ter claro que a hegemonia cultural se realiza no contexto que não é dele; partilha das ideias do outro, se realiza com o outro; é um processo de persuasão, para que corrobore com as ideias da classe dirigente, que comanda as classes aliadas e domina as classes adversárias, ou seja, domina e dá direção, assim ela

oscila entre um sentido mais restrito de ‘direção’ em oposição a ‘domínio’, e um mais amplo e compreensivo de ambos (direção mais domínio) [...] É dirigente das classes aliadas, é dominante das classes adversárias COSPITO, 2017,p. 691).

Mas a Hegemonia se realiza em um contexto do outro, porque ela é imposta no Estado, já que a ideologia que predomina é das classes dominantes/dirigentes que estão presentes na Sociedade civil, e exerce uma hegemonia política, na Sociedade política, que como já visto no capítulo 1, quando somadas formam o

¹³ Fascismo: O Fascismo é uma política e ideologia atrelada ao autoritarismo, caracterizado no Regime político e filosófico imposto por Benito Mussolini, na Itália em 1922. Então, nesse regime, “a promulgação das *Leis fascistíssimas*, começa a duríssima repressão que leva dirigentes, quadros e simples partidários das forças de oposição ao cárcere, ao confinamento em determinados lugares, ou em vários casos à morte” (FRESU, 2017, p. 71).

Estado. Assim, torna-se difícil que classes subalternas tenham representantes/intelectuais independentes, que ficam sempre reféns do Estado, e sua contra-hegemonia necessita de um processo longo e com ação e reação e novas formações, como traz Gramsci:

Ainda atravessa sua fase popular: suscitar um grupo de intelectuais independentes não é coisa fácil, requer um longo processo, com ações e reações, com adesões e dissoluções e novas formações muito numerosas e complexas: é a concepção de um grupo social subalterno, sem iniciativa histórica, que se amplia continuamente, mas de modo inorgânico, e sem poder ultrapassar um certo grau qualitativo que está sempre aquém da posse do Estado, do exercício real da hegemonia sobre toda a sociedade, que, só ele, permite um certo orgânico no desenvolvimento do grupo intelectual. (GRAMSCI, 2007, p. 37- 38).

Assim, podemos fazer algumas ligações dos termos gramscianos com a realidade do Clube 13 de Maio na sociedade ponta-grossense. Neste estudo está representado na presença do Clube nos jornais locais. Tem-se que levar em conta que os negros são um grupo subalterno, “sem iniciativa histórica”, já que as classes subalternas pouco tinham a sua história contada, ou seja, a “história, todavia, é escrita do ponto de vista dos vencedores e raramente registra informações confiáveis sobre o tema” (BUTTIGIEG, 2017, p. 1.415).

O Clube 13 ao longo dos anos criou alternativas e teve ações que criassem uma contra-hegemonia do clube negro na cidade, por exemplo emplacando a mídia local nos 1970 e 1980 (recorte deste estudo). Um exemplo são as estratégias comunicacionais, como a entrega de convites. O clube se tornava pauta nos impressos, e assim também era midiaticado, fazendo parte da opinião pública, sem esquecer que o Jornalismo, como já visto, na visão gramsciana, tem poder educativo.

Mas o que garantia que o Clube 13 de Maio fosse uma classe subalterna? E quais características demonstram que o 13 tivesse ações que tensionasse a cultura hegemônica local?

Buttigieg (2017) recupera no Dicionário Gramsciano que a espontaneidade nas classes subalternas surge sempre com a ideia de mudança, mas sempre está ligada ao movimento reacionário das classes dirigentes, mas não

significa que os sentimentos espontâneos das classes subalternas deveriam ser ignorados e tampouco repudiados [...] ao contrário, argumenta que a espontaneidade deve ser canalizada e integrada numa direção consciente. (BUTTIGIEG, 2017, p. 1.411-1.412).

Os grupos subalternos devem canalizar e integrar uma direção de forma consciente, porque os subalternos têm como peculiaridade a fragmentação, diferenças entre si e discrepantes subalternidades, como traz Buttigieg

Esses grupos (ou classes) sociais não são apenas múltiplos, mas também divididos e bastante diferentes entre si. Embora alguns deles possam ter atingido um significativo nível de organização, a outros falta coesão, enquanto nos mesmos grupos existem vários níveis de subalternidade e de marginalidade.(BUTTIGIEG, 2017, p. 1.410-1.411).

Buttigieg ainda recupera que Gramsci traz que um classe subalterna que tenta fazer uma rebelião sem uma “expressão centralizada” seu fim é o fracasso. A subalternidade só é vencida quando há a autonomia conquistada, e a classe dominante não tem o controle da sociedade civil, na verdade “possui é um formidável aparelho composto de dispositivos institucionais e culturais que lhe permitem [...] plasmar a opinião pública. (BUTTIGIEG, 2017, p. 1.412). Assim, recuperando o que foi dito no Capítulo 1, a opinião pública sustenta a visão de uma classe dominante, que para perpetuar no poder prega a existência de uma “Democracia”, e o jornalismo entra como papel de moldar e educar essa população.

Se observarmos o real motivo de o Clube 13 de Maio estar presente nos periódicos ponta-grossenses – Jornal da Manhã e Diário dos Campos –nos anos 1970 e 1980, é que a união dos negros e negras da cidade se expressava na figura do clube, assim mostra uma classe subalterna que 90 e 100 anos depois da abolição ainda estavam se organizando para ter uma ideologia centralizada, ou seja uma organização, para sair da subalternidade, que antes era a presença incômoda do clube.

Porém, a subalternidade era tão forte em relação aos negros e negras na cidade de Ponta Grossa, que tinham seus eventos chamados de “Baile do colarinho duro”, e não conseguiram formar um segundo clube negro na cidade – Clube dos 100 – devido a falta de união e, ainda, necessitavam de estratégias comunicacionais como convites para conseguirem espaços nas pautas dos jornais e na sociedade.

Mas o fato de se organizarem em um clube, e conseguirem espaço nos

jornais (principalmente no colunismo social) demonstra a união da classe subalterna, e uma autonomia em relação aos clubes da elite banca, o que podemos chamar de elitização negra, demonstra que o Clube 13 de Maio lutava pela hegemonia dos subalternos-negros/as, a classe subalterna estava se organizando e tencionando a cultura de clubes da elite, ou seja, a cultura hegemônica. Mas essa organização e união demonstra que houve uma elitização negra, pois pode ser expressa no Colunismo Social, que é o espaço de “vida cotidiana das elites”, como já citamos Gonçalves (1999), a classe dominante estava abrindo espaço para a classe subalterna negra, pois como já dito a classe dirigente não tem o controle da sociedade civil.

a) *13 e o Colunismo social do DC e JM*

Para pensar a relação do 13 com as colunas sociais do Jornal da Manhã e do Diário dos Campos, tem que levar em conta que o Colunismo Social é um “gênero jornalístico classificado como opinião, que nasceu a partir do modelo norte-americano, foi se desenvolvendo e se (re)configurando conforme as mudanças sociais, políticas, econômicas e tecnológicas”. (ALBUQUERQUE; PIMENTEL, 2009, p. 3).

José Marques de Melo, uma das principais referências no que diz respeito a gêneros do jornalismo, diz que o colunismo se enquadra no gênero opinativo de se fazer os periódicos, esse enquadramento jornalístico acontece e “se dá em comum acordo com as normatizações que estabelecem parâmetros estruturais para cada forma, os quais incluem aspectos textuais e, também, procedimentos e particularidades relacionados ao *modus operandi*” (MELO; ASSIS, 2016, p. 50). Esse modo opinativo de se fazer jornalismo passou por várias mudanças no Brasil. O colunismo social brasileiro tem várias características, e uma delas é um início de colunas de “mexericos”, ou seja, boatos/fofocas da elite carioca, que tinham o nome “gossip columns”, recuperado por Albuquerque e Pimentel (2009):

[...] no início, retratavam fatos e personagens da elite carioca e paulista, e eram denominadas de *gossip columns*, isto é, colunas de mexericos, foram se modificando e se adaptando de acordo com as necessidades dos veículos, que geralmente foram mercadológicas (ALBUQUERQUE; PIMENTEL, 2009, p. 3).

Albuquerque e Pimentel (2009) ainda elencam que o colunismo social é marcado por informações vendidas como mercadoria, notas rápidas e curtas e textos que tem como características a superficialidade e imediato, constituindo um gênero de informação e opinião (como o próprio José Marques de Melo tinha demarcado como um gênero opinativo).

O sujeito/colunista social tende a vender as informações como mercadoria e tratar seus leitores como consumidores. Tomados pela superficialidade e imediatez da vida cotidiana, os leitores se identificam com notas curtas e rápidas para ler, constituídas de informações atuais. Dessa forma, nesse gênero há uma mistura de informações e opiniões que constituem essas adequações da coluna social. Assim, o próprio nome desse gênero já está sendo (re) configurado, pois as colunas sociais já não possuem o sentido de social da alta sociedade brasileira, e sim de variedades e segmentações para a sociedade em geral, visando os bens de consumo. (ALBUQUERQUE; PIMENTEL, 2009, p.4).

Após vistas as características do Colunismo social, de como surgiu e como se enquadra no jornalismo, a dúvida que resta para responder qual era a relação do Colunismo Social (do DC e JM) com o Clube 13 de os clubes da elite branca? Para entender essa relação, foram identificados quais eram as colunas sociais de ambos os jornais – DC e JM – que tratavam dos clubes sociais da cidade, seja o clube negro ou os clubes brancos, sendo 14 colunas do DC e 12 do JM, e para isso foi levado em conta os anos 1970 a 1989.

Quadro 7: Colunas sociais dos Jornais Diário dos Campos e Jornal da Manhã e aparição dos clubes

(continua)

| Jornal | Coluna Social | Anos em que aparece | Clube 13 de Maio | Demais Clubes | Clubes de outras cidades |
|--------------------------|-------------------------------------|--|--|--|---|
| <i>Diário dos Campos</i> | Coluna Luis Fernando Sigiloso | 1970, 1971, 1972, 1973, 1977 | 0 vezes, 2 vezes, 1 vez, 1 vez, 0 vez. | 1 vez, 1 vez, 1 vez, 6 vezes, 1 vez. | 1 vez, 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes. |
| | Coluna Fatos e Destaques Jean Cesar | 1972 | 1 vez | 5 vezes | 0 vezes |
| | Coluna Nós na sociedade | 1972 | 0 vezes | 2 vezes | 0 vezes |
| | Coluna do Meio | 1973 | 0 vezes | 1 vez | 0 vezes |
| | Coluna A Roda J.E.T.Berg | 1973 | 1 vez | 3 vezes | 0 vezes |
| | Coluna Diário Cincoentão | 1978 | 0 vezes | 0 vezes | 1 vez |
| | Coluna Destaques Álvaro Andrade | 1977, 1978, 1979, 1980, 1981, 1982, 1984, 1985, 1986, 1987, 1988, 1989 | 2 vezes, 2 vezes, 1 vez, 2 vezes, 1 vez, 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes, 2 vezes, 1 vez, 3 vezes, 0 vezes | 7 vezes, 11 vezes, 8 vezes, 3 vezes, 17 vezes, 18 vezes, 16 vezes, 21 vezes, 33 vezes, 7 vezes, 12 vezes, 15 vezes | 1 vez, 2 vezes, 1 vez, 1 vez, 1 vez, 0 vezes, 1 vez, 1 vez, 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes |

Quadro 6: Colunas sociais dos Jornais Diário dos Campos e Jornal da Manhã e aparição dos clubes

(continuação)

| Jornal | Coluna Social | Anos em que aparece | Clube 13 de Maio | Demais Clubes | Clubes de outras cidades |
|--------------------------|-----------------------------|---|---|---|---|
| <i>Diário dos Campos</i> | Coluna da Neide | 1977, 1978, 1979, 1980, 1981, 1984, 1985 | 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes | 15 vezes, 12 vezes, 10 vezes, 3 vezes, 14 vezes, 4 vezes, 3 vezes | 1 vez, 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes |
| | Coluna Rubens Tuma Junior | 1978, 1979, 1980, 1981, 1983, 1984, 1985 | 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes | 7 vezes, 2 vezes, 3 vezes, 5 vezes, 3 vezes, 12 vezes, 11 vezes | 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes |
| | Coluna Sigiloso Altayr Bail | 1978, 1979, 1980, 1981, 1982, 1983, 1984, 1985, 1987, 1989 | 0 vezes, 0 vezes, 1 vez, 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes, 1 vez, 0 vezes, 0 vezes | 2 vezes, 2 vezes, 1 vez, 3 vezes, 2 vezes, 8 vezes, 4 vezes, 1 vez, 1 vez, 1 vez | 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes |
| | Coluna Castro Social | 1978, 1979 | 0 vezes, 0 vezes | 1 vez, 1 vez | 0 vezes, 0 vezes |
| | Coluna Calçadão Ziza | 1980 | 0 vezes | 0 vezes | 0 vezes |
| | Coluna Vasculhando | 1981 | 0 vezes | 0 vezes | 1 vez |
| | Coluna Q Vjo | 1989 | 0 vezes | 4 vezes | 0 vezes |
| | <i>Jornal da Manhã</i> | Coluna Bastidores | 1970, 1971, 1977, 1978 | 2 vezes, 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes | 5 vezes, 2 vezes, 1 vez, 1 vez |

Quadro 7: Colunas sociais dos Jornais Diário dos Campos e Jornal da Manhã e aparição dos clubes

(conclusão)

| Jornal | Coluna Social | Anos em que aparece | Clube 13 de Maio | Demais Clubes | Clubes de outras cidades |
|------------------------|------------------------------------|----------------------------|----------------------------------|------------------------------------|------------------------------------|
| <i>Jornal da Manhã</i> | JM na Sociedade Emerson Vieira | 1971 | 2 vezes | 5 vezes | 0 vezes |
| | Coluna Jotneme Zulméa | 1977 | 2 vezes | 6 vezes | 0 vezes |
| | Coluna Zulméa e Sociedade | 1978, 1979 | 0 vezes, 0 vezes | 6 vezes, 3 vezes | 0 vezes, 0 vezes |
| | Coluna Sociedade Zulméa | 1980 | 0 vezes | 6 vezes | 0 vezes |
| | Coluna Luiz Fernando Piá | 1979 | 0 vezes | 2 vezes | 0 vezes |
| | Coluna Cá entre nós Rosiane Santos | 1980 | 0 vezes | 3 vezes | 0 vezes |
| | Coluna Leo Social | 1980 | 0 vezes | 14 vezes | 0 vezes |
| | Coluna Leo | 1981, 1982 | 1 vez, 1 vez | 10 vezes, 16 vezes | 0 vezes, 1 vez |
| | Leo e Sociedade | 1983, 1984, 1985, 1986 | 2 vezes, 3 vezes, 0 vezes, 1 vez | 14 vezes, 14 vezes, 6 vezes, 1 vez | 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes, 0 vezes |
| | Coluna Gente e Fatos | 1988 | 0 vezes | 6 vezes | 1 vez |
| | Coluna Ana | 1989 | 1 vez | 18 vezes | 1 vez |

Fonte: Jornal Diário dos Campos- Dias 11, 12, 13 e 14 de maio de 1970, 1971, 1972, 1973, 1977 a 1989 e Jornal da Manhã - Dias 11, 12, 13 e 14 de maio de 1970, 1971, 1972, 1977 a 1989.

Das colunas sociais do Diário dos Campos poucas tratavam do Clube 13, das 14 colunas somente cinco abordaram a entidade, e somente três abordaram mais de uma vez, no caso as colunas “Luis Fernando Sigiloso” que abordou 4 vezes, a coluna “Destaques Álvaro Andrade” que abordou 14 vezes e a coluna “Sigiloso Altayr Bail” que abordou 2 vezes o clube negro. Isso demonstra que poucos colonistas tinham o interesse em trazer o 13 em suas pautas e dar voz para a entidade social e de recreação voltada para a população afro.

Coincidência ou não, os arquivos históricos mostram a relação próxima entre o colonista Álvaro Andrade com o Clube 13, essa pode ser uma das respostas pela a entidade conseguir espaço na coluna “Destaques Álvaro Andrade”, mostrando a estratégia de comunicação e de influência social que o clube tentava criar em Ponta Grossa. Essa relação entre o colonista e a entidade negra pode ser observada na fotografia de acervo do 13 da Casa da Memória Paraná:

Fotografia 25: Álvaro Andrade (em pé) em confraternização no Clube 13 de Maio



Fonte: Arquivo Casa da Memória PR.

Outra peculiaridade que pode responder o pouco interesse de alguns colonistas em relação ao Clube 13, é a estreita relação desses com clubes da elite ponta-grossense, como por exemplo, o caso do colonista Rubens Tuma Junior, do qual a pesquisa identificou colunas nos anos 1978, 1979, 1980, 1981, 1983, 1984 e 1985, e nenhuma vez citou o Clube 13 de Maio, mas citou 43 vezes os demais clubes, entre eles clubes da elite local, como por exemplo o Clube

Pontagrossense, que por coincidência ou não tinha nas suas publicidades a participação do colunista, como pode-se observar no recorte do jornal onde diz que Rubens Tuma Junior é 2º secretário de publicidade da entidade da coluna do Clube Pontagrossense.

Fotografia 26: Foto da coluna do Clube Pontagrossense- Diretoria da entidade.



Fonte: Coluna Clube Pontagrossense do Jornal Diário dos Campos- 13 de maio de 1984

Outro recorte que mostra essa estreita relação entre Rubens Tuma Junior e o Clube Pontagrossense, aparece na coluna “Léo Sociedade” onde aparece Rubens e Aymoré Índio do Brasil Pereira de Moraes, no caso seria a diretoria em um evento do clube que faziam parte da coordenação, o Clube Pontagrossense.

Fotografia 27: Coluna Leo Sociedade em evento no Clube Pontagrossense em 1983



Fonte: Jornal da Manhã- 14 de Maio de 1983.

Essa relação entre o colunista e o Clube Pontagrossense, e de Álvaro Andrade com o Clube 13 de Maio pode ser uma realidade do colunismo social feito em pequenas cidades, como Ponta Grossa, quando colunistas ganham patrocínios de empresas, ou entidades locais, ou tem relações pessoais com a entidade, empresário a qual noticia em seu espaço

Apesar de muitas vezes parecer o contrário, colunistas sociais não vivem apenas de festas e fofocas. Precisam descansar, cuidar da própria vida e serem remunerados. Muitos obtêm patrocínios compensadores de empresas locais e/ou regionais. Os anúncios dessas empresas são bons indicadores das expectativas de público desse tipo de jornalismo, mas não podem ser vistos ingenuamente. Nas cidades menores, os anúncios tem muitas vezes mais a ver com as relações pessoais entre os colunistas e os empresários do que com uma avaliação judiciosa dos objetivos e possibilidades comerciais da publicidade. (GONÇALVES, 1999, p. 42-43).

O fato de poucos colunistas tratarem do Clube 13 de Maio, pode ter explicação no fato de os frequentadores serem um público emergente, contra-hegemônico, que estava formando um grupo para o lazer e os eventos sociais. Para os colunistas o

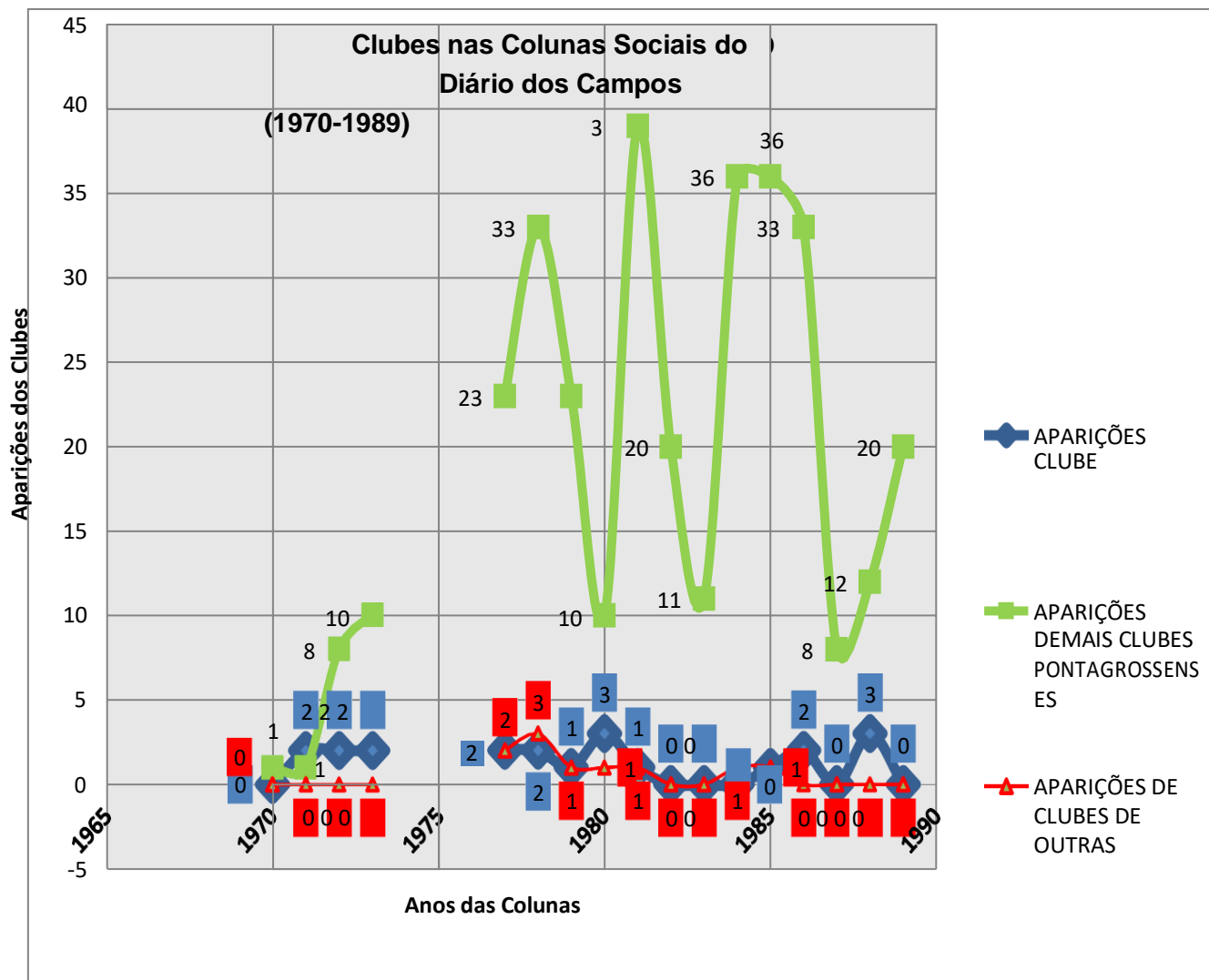
foco está sempre voltado para o [...] high society paroquiano. Separam o que é vida glamourosa e o que é vida pública propriamente dita. [...] mundos fechados em si e, de preferência, incomunicáveis, não lhes interessa dar notícias (GONÇALVES, 1999, p.45).

Já no jornal da Manhã, o interesse era além de trazer pautas dos clubes da elite, como no recorte anterior, mas também noticiar o clube 13. Mesmo sendo menos colunas como no Jornal Diário dos Campos, o espaço do clube negro era maior no JM.

Das 12 colunas (observadas no quadro anterior), seis abordaram a entidade negra em seus espaços, destas cinco citou/abordou mais de uma vez, são as colunas: “Coluna Bastidores”, “JM na Sociedade Emerson Vieira”, “Coluna Jotneme Zulméa”, “Coluna Leo” onde todas aparecem duas vezes o clube 13, e a coluna “Leo e Sociedade” que aparece cinco vezes a entidade.

Porém, há peculiaridades na presença do Clube 13 de maio e os demais clubes da cidade tanto nas páginas de coluna social do Jornal da Manhã, como do jornal Diário dos Campos. Após análises, percebe-se que é grande a diferença da presença do Clube 13 e os demais clubes da cidade. Foi identificado também a presença de clubes de outras cidades. Nas pesquisas que foram realizadas nos dias 11, 12, 13 e 14 de maio (escolhidas porque dia 13 de maio é aniversário de fundação do clube negro) mostra-se que as abordagens do clube negro eram pequenas, e as abordagens dos clubes brancos eram mais recorrentes, como pode ser observado no gráfico a seguir:

Gráfico 3: Evolução das aparições do Clube 13 e demais clubes de Ponta Grossa e de outras cidades no Colunismo social do DC



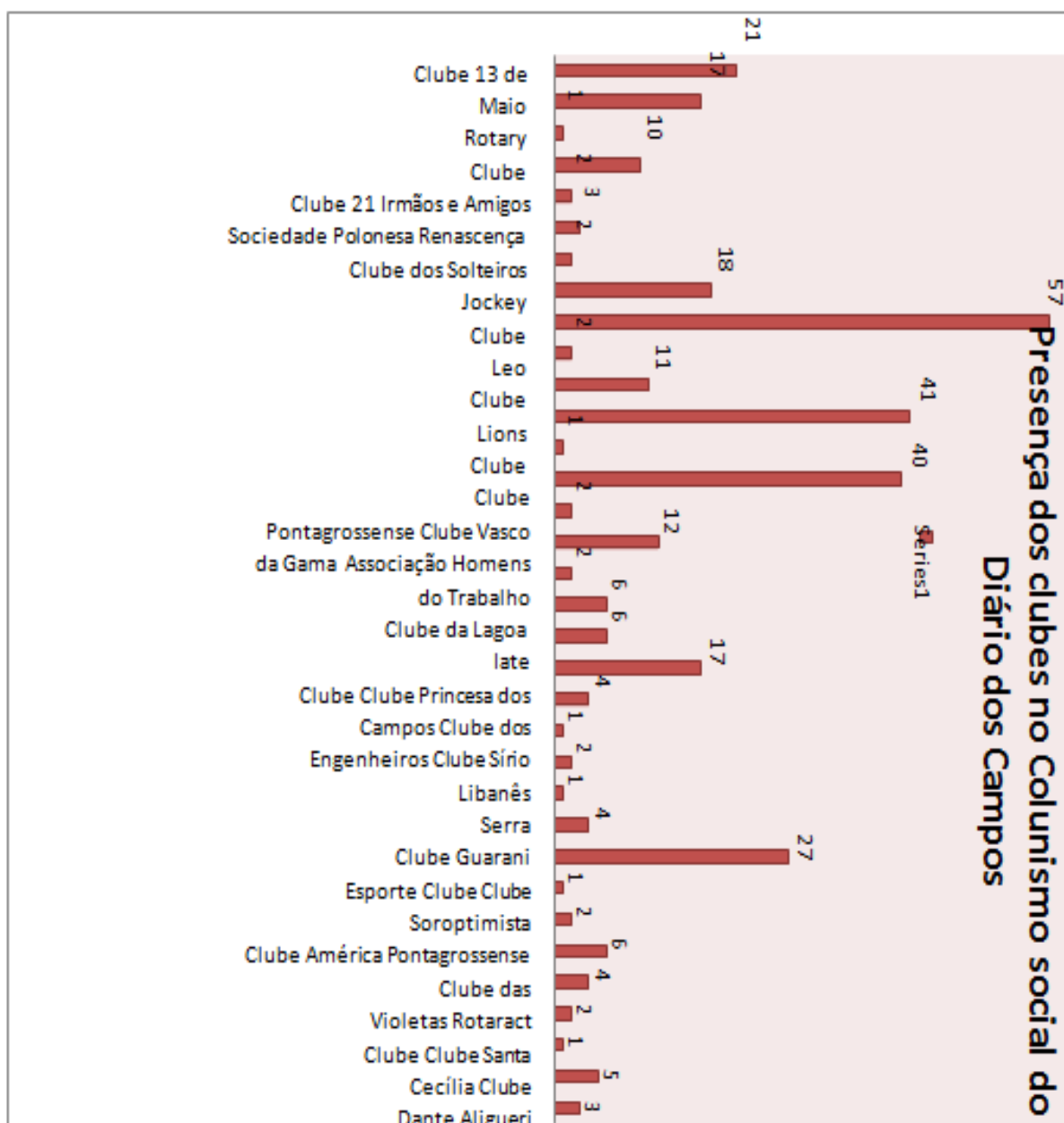
Fonte: Jornal Diário dos Campos. dos dias 11, 12, 13 e 14 de maio de 1970, 1971, 1972, 1973, 1977 a 1989.

No gráfico mostra-se como os Colunistas sociais do jornal Diário dos Campos abordavam os clubes sociais de Ponta Grossa e de outras cidades. Percebe-se que no início dos anos 1970 tanto os clubes sociais de alusão à etnia europeia ou de outras origens, que não a negra, também tinham poucas citações/abordagens no colunismo social do Diário dos Campos, mas conforme os anos foram se passando a discrepância entre abordagens entre Clube 13 de Maio e os demais clubes não evoluía, sendo baixa como a dos clubes de outras cidades.

Os dados podem mostrar uma grande diferença porque a soma de clubes sociais não voltados a população negra, como o Clube 13 de Maio, é grande. É necessário citar alguns clubes que disputavam o cenário e as páginas dos periódicos com o Clube Literário e Recreativo 13 de Maio, a pesquisa identificou alguns clubes, associações e grêmios que realizavam eventos sociais e estavam sendo citados nas colunas sociais do DC e JM, eram: Clube Pontagrossense ou Majestoso, Clube da Lagoa ou Ponta Lagoa, Clube Princesa dos Campos ou Verde, Clube Dante Alighieri, Clube Polonesa Renascença, Clube Santa Cecília, Clube Sírio Libanês, Clube América Pontagrossense, Clube Guarany ou Bugre, Clube das Violetas, Leo Clube, Rotary Clube, Lions Clube, Serra Clube, Associação Recreativa Homens do Trabalho ou Clube de Oficinas, Clube dos Solteiros, Clube Vasco da Gama, Clube dos Engenheiros e Arquitetos, Clube Soroptimista, Jockey Clube, Clube Guaíra, Clube do 13º BIB, Magic Clube, Clube de Diretores e Lojistas de Ponta Grossa, Clube das Abelinhas, Grêmio de Subtenentes e Sargentos, Clube Democrata, Clube 21 irmãos amigos, Clube da Coroa, late Clube e Clube União.

Se olharmos cada clube isoladamente, a presença deles nas décadas de 1970 e 1980, o Clube 13 de Maio não é um dos menos citados, mas sim um dos mais citados pelos colunistas. No colunismo do Diário dos Campos, o Clube Recreativo e Literário 13 de Maio é o 5º mais abordado nas colunas sociais do impresso, e antes tinha os clubes: 1º Clube Pontagrossense, 2º Clube da Lagoa, 3º Clube Princesa dos Campos e 4º Clube Guaíra. Todos antecessores do Clube 13, são entidades sociais frequentadas pela elite ponta-grossense. A pesquisa também contabilizou clubes que não eram somente sociais, mas também de esporte ou de fins filantrópicos, mas que também realizavam bailes e atividades culturais. O fato de o Clube 13 de Maio ser um dos mais citados, não significa que ele fosse abordado por todos os colunistas, na verdade eram poucos que davam espaço ao clube.

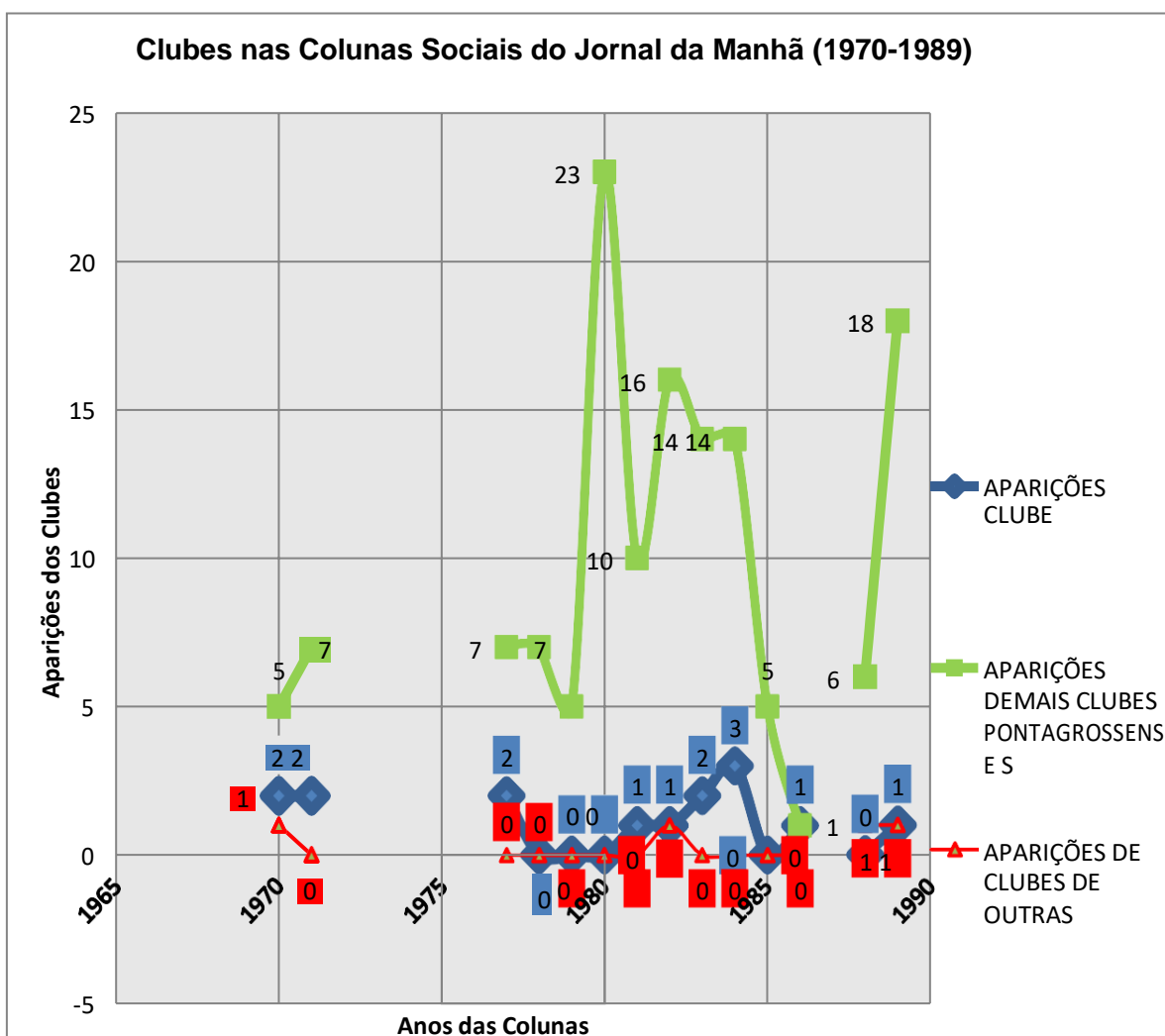
Gráfico 4: Clubes de Ponta Grossa no Colunismo social do DC



Fonte: Jornal Diário dos Campos. dos dias 11, 12, 13 e 14 de maio de 1970, 1971, 1972, 1973, 1977 a 1989

Em relação ao Jornal da Manhã, os dados são diferentes, mas as curvas do gráfico de aparições do clube 13, dos demais clubes e dos clubes de outras cidades também demonstram grandes discrepâncias. A aparição de demais clubes brancos e outros é bem maior que a presença do Clube negro, e esse é de pouca presença, quase igualada com a presença de clubes de outras cidades.

Gráfico 5: Evolução das aparições do Clube 13 e demais clubes de Ponta Grossa e de outras cidades no Colunismo social do JM



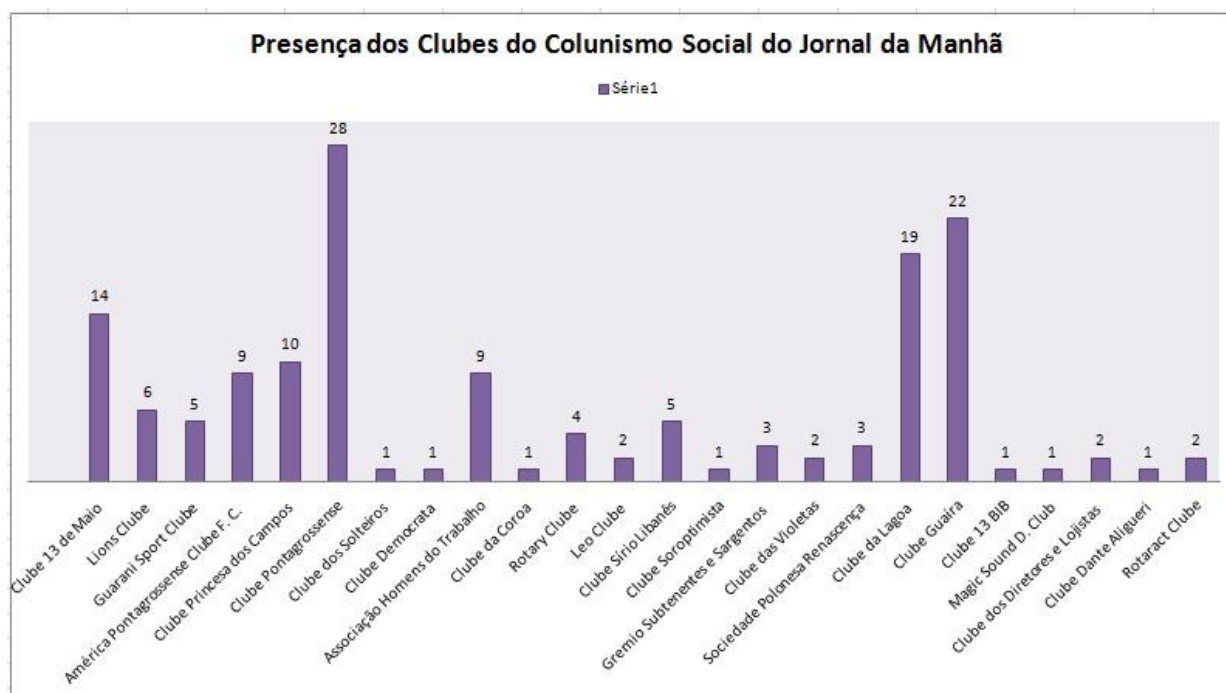
Fonte: Dados do Jornal da Manhã dos dias 11, 12, 13 e 14 de maio de 1970, 1971, 1977 a 1989.

Porém, essa grande diferença também pode se dar pelo grande número de clubes e demais entidades sociais que desenvolviam confraternizações na sociedade, o que faz com que os dados sejam maiores que o único clube negro. Por isso foi feita a análise de cada clube abordado pelo colunismo do JM.

Assim, como no Diário dos Campos, ao se analisar cada clube isoladamente, o Clube 13 de Maio, não fica com poucas abordagens, mas também se torna um dos mais citados nas colunas sociais, ou seja é o 4º que mais aparece, e segundo os dados ainda os três primeiros seriam: 1º Clube Pontagrossense, 2º Clube e o 3º o Clube da Lagoa.

Neste caso, o Clube Princesa dos Campos, que é uma instituição de elite como os três primeiros citados, fica em 5º lugar depois do clube da classe subalterna ponta-grossense, ou seja, o clube dos negros e as negras da cidade.

Gráfico 6: Clubes de Ponta Grossa no Colunismo social do JM



Fonte: Dados do Jornal da Manhã dos dias 11, 12, 13 e 14 de maio de 1970, 1971, 1977 a 1989.

Todas as colunas sociais, como já dito, tem por objetivo trazer a vida cotidiana de uma elite, na maioria das vezes de índole conservadora, o que pode justificar a pouca presença do clube 13 em relação aos principais clubes da cidade nas colunas de ambos os jornais, pois o clube negro é ligada a uma forma aguerrida de se estar na cidade, desde a sua fundação que incomodou muitos na sociedade local, como também o clube ser um local de representação de negros e negras, que como já visto anteriormente em uma reportagem do JM, que mostrava que os bailes da entidade eram chamados de “Baile do Colarinho duro”.

O que pode influenciar a grande diferença entre as aparições de clubes da cultura hegemônica local, como Clube Pontagrossense e Clube da Lagoa é a influência da conjuntura da época. No colunismo há um “deslumbramento e os elogios superlativos [...] e não é comum o incentivo ao conflito entre grupos, famílias

ou indivíduos notáveis” (GONÇALVES, 1999,p.42). E tinha-se o interesse do colonismo dos anos 1970 e 1980, que marcavam os 21 anos de chumbo no Brasil (a Ditadura Militar), em trazer ideologias culturais hegemônicas da época.

É nesse período em que teve o aumento da produção da Soja, pois na “segunda metade dos anos 60 começam a ser implantados no Brasil, em especial no Paraná e no Rio Grande do Sul, os primeiros intentos de cultivo da soja” (FILHO, p. 1). E em Ponta Grossa, nas décadas de produção de Soja, é que surge o Concurso Rainha da Soja, que movimentou a vida dos clubes sociais ao longo dos anos 1971 e 1980.

O concurso Rainha da Soja, desde sua primeira edição, em 1971, foi organizado pela Prefeitura Municipal de Ponta Grossa em parceria com a Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro (Sanbra), idealizadora e incentivadora do evento. (CANÇADO, p. 124 , 2007).

O concurso que era uma parceria da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa e a Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro (Sanbra), tinha seus “preparativos para a cerimônia de seleção iniciavam muito antes de a primeira candidata pisar na passarela montada no salão de bailes do Clube Pontagrossense” (CANÇADO, p. 124 , 2007). E o concurso fazia com que os clubes tivessem candidatas para o concurso, como pode ser visto na imagem 11.

Então, essa cultura hegemônica da Sociedade Civil, como também da Sociedade Política (como já vimos com Gramsci), ou seja, a visão do Estado, influenciava a cultura dos clubes sociais, e assim os colonistas ou “os cronistas da vida mundana são, agora, os administradores de um espaço de circulação de coisas e gentes” (GONÇALVES, 1999, p. 42), davam destaque aos clubes e seus bailes e rainhas da Soja. Como também existiam outros bailes, outros concursos de rainhas como rainha do Suéter, Rainha do carnaval etc.

Esse cenário ainda possibilitou que os Clubes sociais de elite tivessem suas próprias colunas sociais, e trouxessem fotos de eventos, candidatas ou agenda de reuniões.

Fotografia 28: Colunas sociais particulares dos clubes sociais



Fonte: Jornal Diário dos Campos- 13 de Maio de 1984.

Esses concursos, bailes para a escolha da Rainha da Soja ou outros tipos de eventos como reuniões tinham fotografias publicadas nas colunas sociais. Uma característica peculiar é que nessas colunas não diziam que se existiam negras do Clube 13 de Maio candidatas aos concursos da Soja ou outros, menos ainda fotos ligadas ao clube, enquanto os demais clubes (principalmente os clubes de elite), tiveram 25 fotos publicadas no colunismo do Diário dos Campos e nove fotos no Jornal da manhã. O Clube 13 de Maio teve uma foto publicada no colunismo de cada jornal, sendo uma na Coluna Destaques Álvaro Andrade e uma na Coluna Leo e Sociedade como pode ser observado:

Fotografia 29: Foto de Alcides Gonçalves que tinha sido reeleito pra comandar o 13 por dois anos, em 1980



Fonte: Jornal Diário dos Campos- 11 de Maio de 1980- Coluna Destaques Álvaro Andrade

Já a segunda foto mostra um show que ocorreu no Clube em 1984, mas a foto mostra somente o cantor, fotografia bem diferente das fotografias dos clubes de elite branca, onde as pessoas eram fotografadas, como a outra foto mostra as pessoas sentadas em uma confraternização nos salões do Clube Guaira

Fotografia 30: Retratação do Clube de elite e o Clube negro



Fonte: Jornal da Manhã- 12 de Maio de 1984

Pode-se observar que as colunas sociais publicavam temas sobre o Clube Recreativo 13 de Maio, quando a coordenação deste utilizava de estratégias comunicacionais, como dito anteriormente o envio de convites. Porém, o espaço das colunas mesmo sendo disputadíssimo, mesmo tendo o nome do Clube negro, não garantia que negros e negras do 13 tivessem seus rostos presentes, como se aquelas colunas fossem de território branco e de uma cultura elitista e hegemônica, como por exemplo a cultura que enaltecia a expansão da Soja, que popularizou numa conjuntura militar que foram os anos 1970 e 1980.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratar sobre a relação dos negros/as com uma sociedade descendente de uma ordem escravocrata que tem incrustada em suas bases ideológicas o racismo estrutural, ou seja, a relação de práticas racistas em níveis culturais, históricos e institucionais, revela uma conjuntura (acontecimentos e/ou eventos de certo momento) baseada em práticas racistas veladas ou o silenciamento de pessoas que têm a melanina mais forte.

Em contrapartida, percebe-se a clareza que descendentes afros têm sobre a realidade racista em que vivem, e as cicatrizes de um passado injusto em suas vidas, que são tratadas pelo poder que têm de se organizarem para combater a desvalorização de sua classe e sempre com a criação de alternativas de ter voz e representação.

Essas alternativas que negros e negras criam para ter voz e a presença na sociedade de maneira aguerrida podem ser observadas ao longo deste estudo. Essa pesquisa tem um olhar para os anos 1970 e 1980 e que usa como universo de observação a mídia local e a história da mídia nacional.

Ao longo da história da imprensa brasileira percebe-se a existência de dois tipos de discursos veiculados na comunicação, a imprensa de um discurso racista e de desvalorização da população negra, mas também a imprensa de enfrentamento do racismo. Ou seja, uma mídia que reproduziu o racismo estrutural, nos séculos XIX e XX, mas também uma mídia que foi campo de combate ao preconceito e desvalorização racial, principalmente quando a classe afro se organizava para emplacar seu espaço na mídia, ou criar mídias para terem voz, algo que ainda se tem na atualidade, como citado no capítulo 1 os sites: Mundo Negro, Notícia Preta e Geledés: Instituto Mulher Negra.

Além da reprodução da mídia negra, como na internet, alguns jornalistas negros dos grandes meios de comunicação lutam por uma pauta que sempre existiu, o fim da exclusão negra. Por exemplo, os acontecimentos que ocorreram neste ano, 2020 e anos anteriores (fatos que ocorreram na mesma época em que se realizou essa dissertação), que trazem as mortes de negros e negras (até mesmo crianças) nas mãos de uma sociedade racista, seja no Brasil ou no mundo.

Casos como do afro norteamericano George Floyd, 46 anos, que foi morto no dia 25 de Maio de 2020 quando um policial de Minneapolis, ajoelhou - se no pescoço dele por sete minutos e o matou por asfixia, o qual na mídia ganhou destaque, e assim a situação se agravou no país e levou milhões de pessoas para protestarem nas ruas estadunidenses. Já no Brasil, casos de negros e negras mortos ganham a imprensa como o assassinato de João Pedro Pinto, 14 anos, que foi alvejado dentro de casa, no Rio de Janeiro, após 70 tiros da polícia, o que levou as redes sociais a divulgarem a hashtag #VidasNegrasImportam e as pessoas a protestarem nas ruas.

Esses casos emblemáticos que levam a acreditar que existe um movimento racista no país e no mundo, ficaram conhecidos devido a imprensa, e ganharam repercussão nas redes sociais, o que pautou as conversas da população. Porém, mesmo ganhando o espaço na mídia não há garantia de que a justiça seja feita, como por exemplo a morte de dois negros brasileiros que ganhou holofotes da imprensa nacional e internacional, no caso o assassinato da vereadora Marielle Franco e seu motorista Anderson Gomes no dia 14 de março de 2018.

Mas toda essa violência sofrida por negros e negras ao ser recuperada pela imprensa, não significa que esses meios tragam em si o retrato fiel de toda a desigualdade, do preconceito, do histórico de injustiças ou que dê lugar de fala para a população afro e empodere-a, na verdade, como já recuperado no Capítulo 1, a própria imprensa tem uma grande desigualdade nas suas redações, com poucos jornalistas negros, no caso 23% como citava o site Observatório de Imprensa em 2019.

As mortes e as condições precárias que se abatem sobre a população negra pode até resultar em cobrança por justiça, mas não garante que acabe a marginalização deste povo. O Capítulo 1 não dá conta de dar todos os detalhes sobre a necessidade de se debater a presença do negro de maneira positiva na mídia, e dar oportunidade de voz para essa classe, mas aponta dados e reflexões para leitores e pesquisas futuras.

Mas, além de trazer apontamentos que demonstram a falta de oportunidade da população negra, é recordado também sobre o poder que esse povo tem em criar meios de comunicação que lhe trouxessem voz, estratégia do movimento negro, principalmente nas primeiras décadas do século XX, ou seja, o momento pós-abolição. Estratégia essa que não somente se deu na criação de meios de comunicação do movimento negro, mas também de Clubes, como o Clube Literário e Recreativo 13 de Maio nos anos 1970 e 1980, pesquisa qual essa dissertação debruçou-se.

O Clube 13 de Maio, que teve a sua trajetória contada no Capítulo 2, é uma entidade que se dedicou acolher os negros e negras pontagrossenses ao longo do século XX, mas que não foi o único no país, como vários casos citados, como o clube Floresta Aurora, o clube social da população negra mais antigo do Brasil, criado em 1872. Como também associativismos estadunidenses, como a primeira convenção de mulheres em 1895, cinco anos depois da federação de clubes, a General Federation of Women's Clube. Esses clubes tinham a função de combater um racismo incrustado por uma ideologia de supremacia branca, de eugenia e demais correntes científicas e culturais racistas.

Esse acolhimento por parte de um clube também ocorreu na cidade de Ponta Grossa/PR, local onde o estudo se debruça. Desde 1890 (fundação do 13), os negros e negras associados, procuravam se organizar, ter diretrizes e manifestações culturais, como concursos de beleza negra, carnaval, bailes e demais reuniões de lazer para a população negra excluída.

O 13 e a mídia é a relação que despertou curiosidade para ser sanada com esse estudo, ou para servir como meio de apontamentos para estudos futuros. A entidade ao longo do século XX não somente acolheu negros e negras, abrindo um espaço de convivência e lazer a eles, mas se posicionou dentro de uma sociedade onde a cultura branca era a única valorizada. O 13 sofreu perseguições para ter uma sede, sendo obrigado a mudar de endereço varias vezes, porém essa lógica não se repetia na mídia (perseguições), mas o espaço desta entidade negra não era o mesmo que as entidades brancas.

Os clubes que eram mais pautados no colunismo social, tinham espaço de acordo com o *status* social. Clubes de elite, como o Clube Pontagrossense, que nos anos 1970 a 1980 tanto no jornal Diário dos Campos, como no Jornal da Manhã, é a

entidade mais citada sendo 57 e 28 citações respectivamente. O clube negro, não fica entre os menos citados, no DC é o quinto mais citado (21 vezes) e no JM é o quarto mais citado (14 vezes). A pesquisa levou em conta os dados do Jornal da Manhã dos dias 11, 12, 13 e 14 de maio de 1970, 1971, 1977 a 1989, e do Diário dos Campos os dias 11, 12, 13 e 14 de maio de 1970, 1971, 1972, 1973, 1977 a 1989. As citações dos clubes de elite, como o Clube Pontagrossense sobem nas estatísticas sobre aparições dos impressos a partir de 1971 e tem o ápice no início dos anos 1980, pois é quando se expandia festividades como o concurso Rainha da Soja.

Porém, mesmo com o acréscimo de citações dos clubes da elite branca, em ambos os jornais o clube negro também estava entre os mais citados. Essa realidade é resultado do seu poder de criar estratégias para conseguir emplacar tanto o colunismo social como as notícias destes jornais. Essa união do Clube, e essa estratégia aparece em vários casos, como o envio de convites para os colunistas, como até mesmo para outros clubes, como o caso em que o 13 envia um convite de aniversário para o Clube Pontagrossense, e assim conseguiu espaço na coluna paga desta entidade, a boa relação com colunistas, como a foto de Álvaro Andrade em um evento no 13, e ,por coincidência ou não, era o colunista que mais citava a entidade negra, e a abertura que os impressos tinham para fazer notícias e reportagens sobre a associação negra, sendo que até mesmo denunciou o racismo que existia, como a reportagem do JM em 1988.

Essas estratégias vinham acompanhadas pelo poder de resiliência que o 13 de Maio tinha, pois não era fácil emplacar os jornais, pois isso se mostrava pelas poucas fotografias que o 13 tinha nas colunas sociais de ambos os impressos, sendo que de 1970 a 1980 os colunistas sócias do DC publicaram uma foto, e de outros clubes 25 fotos; já o JM publicou também uma foto, que não era nem mesmo dos freqüentadores, mas sim de uma banda que se apreentava no clube, mas em relação a outros clubes foram publicadas nove fotos- deve-se deixar claro que a pesquisa não levou em conta fotos de casamentos, Rainhas da Soja (quando não tinham suas figuras ligadas a algum clube) ou de aniversários/aniversariantes, mas somente eventos sociais dos clubes e pessoas ligadas a estes.

Porém, ainda se deve destacar esse poder de resiliência do 13 de maio, que mesmo assim conseguiu espaço em jornais, onde existiam publicações de racismo

velado, como a coluna policial Zona Franca do Jornal Diário dos Campos onde fotos de negras semi-nuas, vinham acompanhadas de legendas que sexualizavam-nas e deixava-as como objetos sexuais de homens brancos.

As pessoas ligadas ao 13, conseguiram o feito de denunciar o racismo da sociedade ponta-grossense no jornal JM, quando expõe os termos racistas que sofriam na sociedade, como o apelido que seus eventos e reuniões recebiam, no caso como eram chamados de o “Baile do Colarinho duro”, que era um adjetivo ironizava eventos sob o argumento de estarem “copiando” os eventos dos clubes de elite branca da cidade.

Realizar uma análise da relação do Clube 13 de Maio com os impressos Diário dos Campos e Jornal da Manhã, e para isso escolher a semana da abolição de 1970 a 1989, foi oportuna para comprovar a presença do Clube nos jornais devido a força de agendamento – em especial no centenário da abolição. E ainda identificou-se alguns tratamentos racistas em relação a figura negra, principalmente a figura da mulher negra na coluna policial Zona Franca. Porém, o estudo alerta para pesquisas futuras, que seria realizar levantamentos em datas diferentes da 13 de maio para saber se o clube tinha espaço nesses impressos, ou somente na data referente a Abolição da escravatura devido ao agendamento.

Para finalizar, o 13 de Maio foi um clube que empoderou os negros em uma conjuntura que não eram bem vindas manifestações e reuniões de classes subalternas, período dos chamados anos de chumbo- ditadura militar, e não é à toa que eventos como Rainha da Soja enalteciam a cultura da Soja, um dos pilares da economia dos governos militares. Os negros e as negras do 13 valorizaram, naquela época, as suas manifestações culturais, que podem ser classificadas como um movimento contra-hegemônico cultural presente na mídia local e mostra-se a elitização de uma entidade negra, que através de seu poder de estratégia estava marcando presença em espaços midiáticos da high society, no caso o colonismo social.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alberto Ardèvol; Framing o teoría del encuadre en comunicación. Orígenes, desarrollo y panorama actual en España. **Revista Latina de Comunicación Social**, p. 423 a 450, 2015.

ALBUQUERQUE, Suelen Loraine Aguiar; PIMENTEL, Renata Marcelle Lara. A Discursividade do Colunismo Social Brasileiro, **VI EPCC Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar**, Maringá, 2009.

APLICADA, Instituto de Pesquisa Econômica. **Atlas da Violência 2019 retrata a evolução dos homicídios no Brasil**. Disponível em <https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34779&Itemid=8#:~:text=Um%20perfil%20dos%20homic%C3%ADdios%20por,a%20partir%20do%20meio%2Ddia.>> Acesso em 23 jan. 2020.

BAN, **Gustavo** Yoshio. CLUBE LITERÁRIO E RECREATIVO TREZE DE MAIO – PONTA GROSSA. In: JOVINO, Ione da Silva; SANTOS, Merylin Ricieli dos (orgs.). **Clubes em Memórias: sociabilidades negras nos Campos Gerais**. Curitiba, CRV, 2018.

BARBOSA, Maria Rita de Jesus. A influência das teorias raciais na sociedade brasileira (1870-1930) e a materialização da Lei no 10.639/03. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 10, n. 2, 2016. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/1525>>. Acesso em: 12 de jan. 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Ed. 70, São Paulo, 1977.

BASTIDE, Roger. **As Américas negras: as civilizações africanas no Novo Mundo**; São Paulo, Difusão Eurpéia do livro, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974, 210p.

BATISTA, Paula Carolina; **Políticas públicas culturais para construção da identidade quilombola**. 2011, 38f. Trabalho de conclusão de pós-graduação (Pós Graduação em Mídia, Informação e Cultura)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BEZERRA, Analucia Sulina. As irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens pretos no Brasil: Identidade e diferença cultural. **Projeto História**, São Paulo, n. 51, p.119-138, 2014.

BRAGA, Am anda. **Retratos em preto e branco: discursos, corpos e imagens em uma história da beleza negra no Brasil**. 2013, 239f. Tese (Doutorado em Letras)- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

BRANDÃO FILHO, José Bertoldo. **Mudanças no papel do Estado O caso da Agroindústria da soja no Centro-oeste**, UFRJ, Rio de Janeiro.

BRONOSKY, Marcelo Engel; RATTI, Thanile Gabriela. O jornalismo nas páginas do Diário dos Campos e Jornal da Manhã na década de 1980. **SBPJor – Associação**

Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo ECA/USP, São Paulo, 2017.

BUCHOLDZ, Alessandra Perrinchelli. **Diário dos Campos** memórias de um jornal centenário, Ponta Grossa, 2007, 150p.

BUTTIGIEG, Joseph A. Subalterno/Subalternos. In: LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale. **Dicionário Gramsciano**, 1. ed. Ed. Boitempo, São Paulo, 2017.

CANÇADO, Adriana Mello. Concurso Rainha da Soja: atos e gestos da beleza feminina em Ponta Grossa, Paraná (década de 1970). **Revista de História Regional**, 2007.

CARDOSO, Flamarion, Ciro ; FRAGOSO, João Luís Ribeiro; CASTRO, Hebe Maria Mattos de; VAINFAS, Ronaldo. **Escravidão e Abolição no Brasil: novas perspectivas**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda. 1988

CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra, Quilombo Território e Geografia. **AGRÁRIA**, São Paulo, n.3, p. 156-171, 2006.

CASTRO, Davi de. Agenda-setting: hipótese ou teoria? Análise da trajetória do modelo de Agendamento ancorada nos conceitos de Imre Lakatos **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 31, p. x-x, dez. 2014.

CHAMMA, Guisela V. F.; **Campos Gerais: uma outra história**, Santa Maria: Pallotti, 2007.

CHAVES, Niltonci Batista. **Visões de Ponta Grossa**, Ponta Grossa: Editora UEPG, 2001.

CLUBE. In: DICIONÁRIO ONLINE DICIO. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/clube/>>. Acesso em: 03.mar.2020.

CERVI, Emerson Urizzi. Métodos quantitativos nas ciências sociais: uma abordagem alternativa ao fetichismo dos números e ao debate com qualitivistas. In: BOURGUIGNON, Jussara Ayres. **Pesquisa Social: reflexões teóricas e metodológicas**. Ed. Todapalavra, Ponta Grossa, 2009, 187p.

CONT, Valdeir Del. Francis Galton: eugenia e hereditariedade. **Scientiæ zudia**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 201-218, 2008.

COSPITO, Giuseppe. Hegemonia. In: LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale. **Dicionário Gramsciano**, 1. ed. Ed. Boitempo, São Paulo, 2017. DAVIS, Angela. **Mulher, Raça e Classe**. Plataforma Gueto, 2013.

DEMARTINI, Marina Lemos. **Aquarela de reparações: retratos do racismo institucional no Brasil e nos Estados Unidos**. 2014, 80f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2014

DIÁRIO DOS CAMPOS. **Grandiosas festividades amanhã no Clube 13 de Maio.** Ponta Grossa, 1971.

DIAS, Elaine Cristina Jorge. **Retrato falado:** O perfil dos escravos nos anúncios de Jornais da Paraíba (1850-1888). 2013, 167f, Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

DOMINGUES, Petrônio.; Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, p.100-122, 2007.

DORNELLES, Beatriz. Evolução da coluna social ao longo do século XX, **Revista Brasileira de História da Mídia**, VOL. 6 | Nº 2 | jul./dez. 2017.

ESCOBAR, Giane Vargas. **Clubes Sociais negros:** Lugares de memória, Resistência negra, Patrimônio e pontencial. 2010, 221f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural). Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2010.

ESTIGMA. In: DICIONÁRIO ONLINE DICIO. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/estigma/>>. Acesso em: 03.mar.2020.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **As cores da desigualdade** Estatísticas de cor ou raça mostram as marcas do preconceito, Rio de Janeiro, 2018.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **.Amostra- Características da População**, Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/pontagrossa/pesquisa/23/25888?detalhes=true&localidade=41>> Acesso em 23 jan. 2020.

FAUSTO, Boris. História do Brasil: História do Brasil cobre um período de mais de quinhentos anos, desde as raízes da colonização portuguesa até nossos dias. **Edusp**, p.1-89, 1996.

FERNANDES, Florestan. **A integração do Negro na sociedade de Classes/Volume 2.**, São Paulo, Ática, 1978, 478p.

FERREIRA, Medell Barreto. **O papel da igreja frente à escravidão indígena e africana nos séculos XVII e XVIII:** Um olhar sob a perspectiva dos padres Antônio Vieira e João Antônio Andreoni (Antonil). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)- Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente:** identidade em construção. EDUC, São Paulo; Pallas, Rio de Janeiro, 2004, 188p..

FERRARI, Ana Josefina. **A voz do Dono:** Uma análise das descrições feitas nos

anúncios de jornal dos escravos fugidos. Campinas- SP, Pontes Editores, 2006, 112p.

FRESU, Gianni. **Nas trincheiras do ocidente:** Lições sobre Fascismo e Antifascismo, Ed, UEPG, 2017, 256p.

FREYRE, Gilberto; **Casa Grande & Senzala:** formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal, São Paulo: Global,2003.

GELEDÉS INSTITUTO MULHER NEGRA. **A História da escravidão negra no Brasil.** Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/historia-da-escravidao-negra-brasil/>> Acesso em 23 mai. 2019.

GELEDÉS INSTITUTO MULHER NEGRA. **Clubes Sociais Negros serão mapeados em todo o País.** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/clubes-sociais-negros-serao-mapeados-em-todo-o-pais/> > Acesso em 23 jun. 2019

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2008

GOFFMAN, Erving. **Estigma** – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada, 2004.

GONÇALVES, José Henrique Rollo. Escavando o chão da futilidade: Colunas sociais, fontes para o estudo das elites locais. **XX Simpósio Nacional de História/ANPUH.** Florianópolis, 1999.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere** volume 4: Temas de cultura. Ação católica.Americanismo e fordismo, 2a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GRIGIO, Ênio. **“No alvoroço da festa, não havia corrente de ferro que os prendesse, nem chibata que intimidasse”:** A comunidade negra e sua Irmandade do Rosário (Santa Maria, 1873- 1942).2016, 313f. Tese (Doutorado em História). Universidade do Vale do Rio Sinos, São Leopoldo, 2016.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. COMBATENDO O RACISMO: Brasil, África do Sul e Estados Unidos. **REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**, Vol. 14, 1999.

G1. **Morre adolescente baleado na Maré, e moradores protestam e incendeiam ônibus.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/morre-adolescente-ferido-durante-tiroteio-na-mare.ghtml>> Acesso em 23 de jun2019

G1. **Menina de 8 anos morre baleada no Complexo do Alemão.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/09/21/menina-de-8-anos-morre-baleada-no-complexo-do-alemao.ghtml>>. Acesso em 23 de mai 2020.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens:** Uma breve história da humanidade. Porto Alegre , L&PM , 2018, 464p.

HOLLOWATE, Isaias. Ponta Grossa e o Diário dos Campos: O nascimento do jornalismo ponta grossense. **6º Encontro Regional Sul de História da Mídia Alcar Sul**, Ponta Grossa, 2016

HOLLOWATE, Isaias. Os venenos raciais nas páginas do Diário dos Campos Gerais, 1907- 1921. **Anais Semana de Geografia**. v. 1, n. 1. Ponta Grossa: UEPG, 2015.

IBICT. B. D. B. T. D. **Teses/Dissertações sobre clubes negros paranaenses**. Disponível em: < <https://bdt.ibict.br/vufind/Search/Results?lookfor=clubes+negros+&type=AllFields&limit=20&sort=relevance> > Acesso em 23 jan. 2020.

JORNALISTAS, Federação Nacional dos. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Vitória, 2007.

KALIBERDA, Andressa. **A política em Pauta**: Análise dos critérios de noticiabilidade das chamadas com foto agendadas nas capas do Jornal da Manhã e Diário dos Campos em 2014. 2015, 111f . Dissertação (Mestrado em Jornalismo)- Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

KIKUTI, Andressa; NICOLETTI, Janara. **Falta de diversidade nas redações esconde racismo estrutural do jornalismo e dificulta o debate sobre desigualdade entre negros e brancos**. In: OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/equidade-racial/falta-de-diversidade-nas-redacoes-esconde-racismo-estrutural-do-jornalismo-e-dificulta-o-debate-sobre-desigualdade-entre-negros-e-brancos/>> Acesso em 23 de mar.2019.

LIGUORI, Guido. Jornalismo. In: LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale. **Dicionário Gramsciano**, 1. ed. Ed. Boitempo, São Paulo, 2017.

LIGUORI, Guido. Sociedade Política. In: LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale. **Dicionário Gramsciano**, 1. ed. Ed. Boitempo, São Paulo, 2017.
LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Ed. Vozes, Petrópolis, 2008.

LOMBROSO, Cesare. **O homem delinqüente** . - São Paulo, Ícone Editora Ltda, 2010.

MANHÃ, Jornal da. **TREZE DE MAIO**. Ponta Grossa, 1971.

MARTINS, José de Souza. **Reforma Agrária**: O impossível diálogo. Editora Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004

MELLO, Débora Chacarski; XAVIER, Cíntia. **Representação de negros nos jornais ponta-grossenses a partir de 1980**. XXVI Encontro Anual de Iniciação Científica-EAIC, UEPG, Ponta Grossa, 2017.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro; HELAL, Ronaldo George; AMARO, Fausto Picorelli Montanha. Futebol, nação e representações: a importância do estilo “futebol-arte” na construção da identidade nacional. **História Unisinos**, Vol. 19 Nº 3 - setembro/dezembro de 2015.

MATTOSO, Kátia de Queirós. **Ser escravo no Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 2001, 267p.

MONTEIRO, Patrícia Fontes Cavalieri. Discussão acerca da eficácia da Lei Áurea. **Meritum**, Belo Horizonte, v.7, n.1, p.355-387, jan./jun. 2012

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório, **Intercom – RBCC** São Paulo, v.39, n.1, p.39-56, jan./abr. 2016.

NAVARRO, Roberto. **Quem foram os Panteras Negras?** O movimento defendia a resistência armada nos bairros negros contra a perseguição policial. Mais tarde, dedicaria-se à assistência social. In: INTERESSANTE, Super. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quem-foram-os-panteras-negras/>> Acesso em 18 de mar. 2020.

NEWS, BBC. **Josef Mengele**: os 40 anos da morte do médico nazista que viveu 17 anos em SP” Matéria da BBC News- Brasil. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47121871>> Acesso em 18 de mar.2019

ONLINE, Diário. **Homens do exército disparam cerca de 80 tiros contra carro e matam músico**. Disponível em: <<https://www.diarioonline.com.br/noticias/noticias/brasil/noticia-587731-homens-do-exercito-disparam-cerca-de-80-tiros-contra-carro-e-matam-musico.html>>. Acesso em 23 de jun 2019

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **De pele escura e tinta preta**: A imprensa negra do século XIX (1833-1899). 2006, 197f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de Brasília, Brasília,2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA. **Clube literário e Recreativo 13 de Maio**. Disponível em: <<http://www.pontagrossa.pr.gov.br/node/13322>>. Acesso em: 13 mai. 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In:LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas Ed. CLACSO- Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005

QUIRINO, Kelly Tatiane Martins. Jornalismo, Juventude Negra e Violência: Como o mito da democracia racial invisibiliza a temática étnico-racial no jornalismo. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, Bauru, 2013.

RANGEL, Pollyana Soares. Apenas uma questão de cor? As teorias raciais dos séculos XIX e XX. **Revista Simbiótica** vol. 2, n. 1, jun., 2015

REIS, Carlos Antônio dos. **A África impressa**: identidades e representações da África na imprensa negra paulista (1916-1978). 2016, 202f. Tese (Doutorado em História) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2016.

REIS, João José. Identidade e Diversidade Étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 2, n.º. 3, p. 7-33, 1996.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** Companhia das Letras, São Paulo, 2018.

REIS, João José. Femenismo negro para um novo marco civilizatório. • **SUR 24** - v.13 n.24 • 99 - 104 |2016.

ROCHA, Paula Melani; OLIVEIRA, Marina A.; KUHL, Crystian E. A história do ingresso das mulheres nas redações de dois impressos de Ponta Grossa. **9º Encontro Nacional de História da Mídia**, UFOP, Ouro Preto, Minas Gerais, 2013

RODRIGUES, Nina. **Os Africanos no Brasil**. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, Rio de Janeiro, 2010.

SANTOS, Carla Caroline J. dos. **“Sexo e as Negas”** Hipersexualização da mulher negra na televisão brasileira. Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, 2014.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do “ser negro” (um percurso das idéias que naturalizam a inferioridade dos negros)**. São Paulo educ/Fapesp; Rio de Janeiro, Pallas, 2002, 176p.

SANTOS, Merylin Ricieli dos. **“Quem tem medo da palavra negro?”**: morenos, misturados, mestiços, cafuzos, mulatos, escuros, preto social participantes do Clube 13 de Maio- Ponta Grossa (PR). Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e negro**: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das letras, 1987

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e negro** Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. 2ed. Ed. Companhia das letras,2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Estetáculo das raças**: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870- 1930. Companhia das Letras, São Paulo, 1993.

SILVA, Dalva Aparecida Marques; BATISTA, Roberto Leme. A formação das teorias raciais no Brasil. In: PARANÁ, Governo do Estado do. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**. PR,2010.

SILVA, Fabiana Vieira da. Imprensa e práticas racistas: Mobilização negra, Apartheid e violência nos jornais paulistas dos anos 1980. **Espaço Plural**, Nº 28, 2013.

SILVA, Fernanda Oliveira da. Associativismo negro e a constituição de identidades étnicas e sociais em Pelotas. **X Encontro Estadual de História**, Universidade Estadual de Santa Maria (UFSM); Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), Santa Maria, 2010.

SILVA, Fernanda Oliveira da. **As lutas políticas nos clubes negros**: Culturas

negras, racialização e cidadania na fronteira Brasil-Uruguai no pós-abolição (1870-1960). Tese (Doiturado em História). 2017, 279f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SILVA, Noemi Santos da Silva. O Paraná abolicionista: Lutas pelo fim da escravidão. In: MENDONÇA; Joseli Maria Nunes, SOUZA; JHONATAN Uewerton Souza. **Paraná insurgente: Histórias e lutas sociais- séculos XVIII ao XXI**. São Leopoldo, Casa Leiria, 2018,347p.

SIQUEIRA, Ranyella de; CARDOSO, Hélio. O conceito de estigma como processo social: uma aproximação teórica a partir da literatura norte-americana. **Imagonautas**,2011.

SLOTUK, Cebilla Moletta. **A educação e os escravos nas páginas do Jornal “Dezenove de Dezembro” (1871-1888)**. 2015, 102, f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

SOUZA, Jessé José Freire de. **Ralé brasileira: quem é e como vive Belo Horizonte** : Editora UFMG, 2009.

SOUZA, Ricardo Alexandre Santos de. O Conde Gobineau e o Horror à Ambivalência. **XII Encontro Regional de História ANPUH**, Rio de Janeiro, 2006.

SPENCER, Hebert. **The Study of Sociology**. Henry S. King, London, 1873.

TELES, Lanna Moura Sá; ADI, Ashjan Sadique. **Hipersexualização das Mulheres Negras: aspectos sócio-históricos e a influência da mídia**. 29p. Faculdade São Francisco de Barreiras.

TESSAROLO, Felipe Maciel; SILVA, Nathália Esteves da. Claros ou Escuros: Um passeio pela História do racismo no Brasil. **COMUNICAÇÃO - REFLEXÕES, EXPERIÊNCIAS, ENSINO**. Curitiba, v. 13, p. 037-044,2017.

TEXIER, Jacques. Sociedade Civil. In: LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale. **Dicionário Gramsciano**, 1. ed. Ed. Boitempo, São Paulo, 2017.

TIMASHEFF, Nicholas S. **Teoria Sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1965, 409 p

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Lei do ventre livre -1871**. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-Hist%C3%B3ricos-Brasileiros/lei-do-ventre-livre.html>>. Acesso em: 01 jun. 2018

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. ; Lei dos Sexagenários 1885. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-Hist%C3%B3ricos-Brasileiros/lei-dos-sexagenarios.html>>. Acesso em: 01 jun. 2018

UOL; Folha. Corpo de jovem morto após receber 'gravata' de segurança é enterrado no Rio. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/02/corpo-de-jovem-morto-apos->

receber-gravata-de-seguranca-e-enterrado-no-rio.shtml> Acesso em 23 de jun 2019

VAZ, Paulo Bernardo Ferreira; MENDONÇA, Ricardo Fabrino. A representação visual do negro no jornal impresso. **INTERCOM** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Salvador, 2002.

VERGER, Pierre. **Fluxo e Refluxo**: do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de todos os santos - dos séculos XVII a XIX. Tradução Tasso Gadzanis. São Paulo: Corrupio, 1987.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**, 2 ed, Ponta Grossa, Editora:UEPG, 2010

ZUBARAN, Maria Angélica. Pedagogias da Imprensa Negra: entre fragmentos biográficos e fotografuras. **Educar em Revista**, Curitiba, p. 215-229, 2016.

ZUBARAN, Maria Angélica; VARGAS, Juliana Ribeiro de. Circulação de Ideias e Apropriações Culturais na Diáspora Negra. **COMUN. MÍDIA CONSUMO**, SÃO PAULO, V. 12, N. 35, P. 31-48,2015.

APÊNDICE A- QUADRO COM NOME DOS JORNAIS E SUAS DATAS ANALISADAS

Quadro 8: Jornais analisados e suas respectivas datas analisadas na pesquisa

| Jornal Diário dos Campos | | Jornal da Manhã | |
|--------------------------|--|--------------------|---|
| 12 de maio de 1970 | 12 de maio de 1983 | 12 de maio de 1970 | 14 de maio de 1987 |
| 13 de maio de 1970 | 13 de maio de 1983 | 13 de maio de 1970 | 11 de maio de 1988 |
| 14 de maio de 1970 | 14 de maio de 1983 | 14 de maio de 1970 | 12 de maio de 1988 |
| 11 de maio de 1971 | 11 de maio de 1984 | 13 de maio de 1971 | 13 de maio de 1988 |
| 12 de maio de 1971 | 12 de maio de 1984 | 14 de maio de 1971 | 11 de maio de 1989 |
| 13 de maio de 1971 | 13 de maio de 1984 | 11 de maio de 1977 | 12 de maio de 1989 |
| 14 de maio de 1971 | 11 de maio de 1985 | 12 de maio de 1977 | 13 de maio de 1989 |
| 11 de maio de 1972 | 12 de maio de 1985 | 13 de maio de 1977 | 14 de maio de 1989 |
| 12 de maio de 1972 | 11 de maio de 1986 | 14 de maio de 1977 | *OBS: Os dias que não aparecem o jornal não circulou ou não teve pautas sobre os clubes |
| 13 de maio de 1972 | 13 de maio de 1986 | 11 de maio de 1978 | Foram analisados os impressos dos dias 11, 12, 13 e 14 de maio de 1970, 1971, 1977 a 1989 |
| 14 de maio de 1972 | 14 de maio de 1986 | 12 de maio de 1978 | |
| 11 de maio de 1973 | 12 de maio de 1987 | 14 de maio de 1978 | |
| 12 de maio de 1973 | 13 de maio de 1987 | 11 de maio de 1979 | |
| 13 de maio de 1973 | 14 de maio de 1987 | 13 de maio de 1979 | |
| 11 de maio de 1977 | 11 de maio de 1988 | 11 de maio de 1980 | |
| 12 de maio de 1977 | 12 de maio de 1988 | 13 de maio de 1980 | |
| 13 de maio de 1977 | 13 de maio de 1988 | 14 de maio de 1980 | |
| 14 de maio de 1977 | 11 de maio de 1989 | 12 de maio de 1981 | |
| 11 de maio de 1978 | 12 de maio de 1989 | 13 de maio de 1981 | |
| 12 de maio de 1978 | 13 de maio de 1989 | 14 de maio de 1981 | |
| 13 de maio de 1978 | *OBS: Os dias que não aparecem o jornal não circulou ou não teve pautas sobre os clubes. | 11 de maio de 1982 | |
| 14 de maio de 1978 | O Jornal Diário dos Campos foi analisado os anos de 1970, 1971, 1972, 1973, 1977 a 1989. | 12 de maio de 1982 | |
| 11 de maio de 1979 | | 13 de maio de 1982 | |
| 13 de maio de 1979 | | 11 de maio de 1983 | |
| 11 de maio de 1980 | | 12 de maio de 1983 | |
| 13 de maio de 1980 | | 14 de maio de 1983 | |
| 14 de maio de 1980 | | 11 de maio de 1984 | |
| 12 de maio de 1981 | | 12 de maio de 1984 | |
| 13 de maio de 1981 | | 13 de maio de 1984 | |
| 14 de maio de 1981 | | 12 de maio de 1985 | |
| 12 de maio de 1982 | | 14 de maio de 1985 | |
| 13 de maio de 1982 | | 11 de maio de 1986 | |
| 14 de maio de 1982 | | 13 de maio de 1986 | |
| 11 de maio de 1983 | | 14 de maio de 1986 | |

Fonte: Dados do Jornal da Manhã e Diário dos Campos. Arquivo da Casa da Memória PR.